

PSICOGRAFADO POR | WAGNER GOMES DA PAIXÃO



A MEDIUNIDADE ESPÍRITA



PELO ESPÍRITO | YVONNE PEREIRA

Confraria dos Livros Bons

A MEDIUNIDADE ESPÍRITA

Pelo Espírito Yvonne A. Pereira

Psicografado por Wagner Gomes da Paixão

1ª Edição

Grupo Espírita da Bênção

Mário Campos

2020

COPYRIGHT © 2008 BY

Grupo Espírita da Bênção - Departamento Editorial

Rua Ametista, 97 - Vila Ondina - 32.470-000

Mário Campos/MG

Pedidos e informações sobre livros:

<http://www.grupodabencao.org.br/site/editora-geb>

atendimento1@grupodabencao.org.br

(031) 99313-1304

Revisão: Cleber Varandas de Lima

SUMÁRIO

PRÓLOGO - A MISSÃO MEDIÚNICA

PARTE PRIMEIRA - CONSIDERAÇÕES DOUTRINÁRIAS

I - À LUZ DO ESPIRITISMO

II - FÉ RACIOCINADA

III - COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

IV - CIÊNCIA DIVINA

V - AUTORIDADE CRÍTICA

VI - FENÔMENOS NATURAIS

VII - FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA

VIII - ENSINO ESPÍRITA

IX - ABORDAGEM ESPÍRITA

X - O ESPIRITISMO RELIGIOSO

XI - MISTIFICAÇÃO MEDIÚNICA

XII - MISSÃO DO ESPÍRITA

XIII - A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

XIV - A FORÇA DO ESPIRITISMO

XV - O JULGAMENTO DOS HOMENS

XVI - OS SISTEMAS E A VERDADE

XVII - SISTEMA DEMONÍACO

XVIII - SÁBIA ADVERTÊNCIA

XIX - O ESPÍRITO

XX - AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

XXI - AS MESAS GIRANTES

XXII - PROFUNDIDADE DOUTRINÁRIA

XXIII - ORIGEM DAS MANIFESTAÇÕES

XXIV - MECANISMO MEDIÚNICO

XXV - ENTROSAMENTO FLUÍDICO

XXVI - EFEITOS FÍSICOS

XXVII - MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

XXVIII - OS SONHOS

XXIX - O PERISPÍRITO

XXX - DESDOBRAMENTO E BICORPOREIDADE

PARTE SEGUNDA - O ESPIRITISMO PRÁTICO

I - NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

II - COMUNICAÇÕES SÉRIAS

III - COMUNICAÇÕES INSTRUTIVAS

IV - A LINGUAGEM DOS SINAIS

V - O BERÇO DA PSICOGRAFIA

VI - UNIVERSALIDADE MEDIÚNICA

VII - MEDIUNIDADE OSTENSIVA

VIII - O MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS

IX - A PRODUÇÃO DE FENÔMENOS FÍSICOS

X - FUNDAMENTOS DA DESOBSESSÃO

XI - OS SENSITIVOS

XII - OS MÉDIUNS AUDIENTES

XIII - OS MÉDIUNS FALANTES

XIV - OS MÉDIUNS VIDENTES

XV - VIDÊNCIA E CLARIVIDÊNCIA

XVI - OS MÉDIUNS SONAMBÚLICOS

XVII - OS MÉDIUNS CURADORES

XVIII - OS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

XIX - MÉDIUNS MECÂNICOS

XX - MÉDIUNS INTUITIVOS

XXI - MÉDIUNS SEMIMECÂNICOS

XXII - MÉDIUNS INSPIRADOS

XXIII - MÉDIUNS DE PRESENTIMENTOS

XXIV - MÉDIUNS ESPECIAIS

XXV - MALEABILIDADE MEDIÚNICA

XXVI - AS DIFERENTES ESPÉCIES DE MÉDIUNS

XXVII - DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

XXVIII - REUNIÕES PRÁTICAS

XXIX - ADVERTÊNCIA AOS PSICÓGRAFOS

XXX - VIGILÂNCIA NO SERVIÇO MEDIÚNICO

XXXI - MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA

XXXII - INFLUÊNCIA DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES
XXXIII - ANIMISMO
XXXIV - ESTUDO E PRÁTICA
XXXV - DIFERENÇA ENTRE MEDIUNIDADE E OBSESSÃO
XXXVI - A LINGUAGEM DO BEM
XXXVII - ZELO MEDIÚNICO
XXXVIII - OS MÉDIUNS CONFIÁVEIS
XXXIX - OS MÉDIUNS LEVIANOS
XL - CRITÉRIO INFALÍVEL
XLI - INFLUÊNCIA DO MEIO
XLII - MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS
XLIII - O ESCOLHO DA OBSESSÃO
XLIV - OBSESSÃO SIMPLES
XLV - MÉDIUNS FASCINADOS
XLVI - A SUBJUGAÇÃO
XLVII - IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS
XLVIII - PROVAS POSSÍVEIS DE IDENTIDADE
XLIX - DISTINÇÃO ENTRE BONS E MAUS ESPÍRITOS
L - DA ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL
LI - COMO TRATAR OS ESPÍRITOS
LII - CURSO DE VIDA ESPÍRITA
LIII - O PODER DE UMA SESSÃO ESPÍRITA
LIV - O QUE ESPERAR DOS ESPÍRITOS
LV - DAS CONTRADIÇÕES NOS ENSINOS
LVI - DAS MISTIFICAÇÕES
LVII - MÉDIUNS INTERESSEIROS
LVIII - VERDADE LIBERTADORA
LIX - SALVAGUARDA DO MÉDIUM
LX - A REUNIÃO ESPÍRITA

PRÓLOGO

A MISSÃO MEDIÚNICA

Meus filhos: Jesus conosco!

De todos os dons com que o Criador e Pai nos tem honrado para dignificação de nosso ser à luz de Seu Amor supremo, encontramos a prerrogativa da caridade que esplende em perdão e bondade, qual um sol de infinitas faces a irradiar o Bem.

Por ela, filhos, a educação encontra sua mais sublime expressão e a paz torna-se o bem comum.

Para viabilizá-la, porém, dotou-nos o Senhor das Alturas da instrução nobre e dos sentimentos fraternais — instrução e sensibilidade que nos são heranças divinas, granjeadas nas estradas benditas da evolução, do progresso intelecto-moral que as reencarnações sucessivas definem.

E será em prol da lídima prerrogativa de amar e servir que encontraremos a função mediúnica, consoante os estudos e as revelações da obra basilar do Espiritismo.

A missão mediúnica, desse modo, filhos, está perfeitamente explicada e efetivamente definida na pujante obra de Allan Kardec, pela qual o nosso Mestre e Senhor Jesus Cristo logra qualificar os seareiros de Sua Vinha, dotando-os do discernimento justo e da mais pura consciência cristã, sem cujo auxílio todas as suas faculdades medianímicas permaneceriam jungidas a seus desejos e ilusões, quando não ultrajadas por mentes enfermas e tenebrosas, nas destrutivas obsessões.

Este novo livro, de autoria de nossa estimada e valorosa Yvonne, é mais um atestado de fidelidade e amor à Causa libertadora do Divino

Mestre, pois em sintonia com o que ensina Kardec realça em objetividade e proveito, sob a inspiração mesma de suas experiências como médium responsável, as mais santas lições e advertências doutrinárias, para que médiuns e lidadores da seara espírita, com graves encargos nas atividades a que se entregam, jamais se percam, se alienem, se enganem no trato com o Além, conspurcando um território sagrado de realizações morais!

E por sentir que a verdade está a serviço da melhoria e promoção dos interessados do Movimento Espírita, nós exoramos as bênçãos de Jesus para este novo e promissor esforço de nossa devotada irmã, através de outro médium, certo de que, com seriedade e em favor da multiplicação da luz espírita-cristã, muitos deixarão de soçobrar ou de se tornar desertores, mormente pela compreensão e uso dos dons mediúnicos que lhes surgem na existência, com finalidade exclusivamente moral.

Bênçãos de amor e paz sobre todos!

Mário Campos, MG, 29 de agosto de 2007.

Bezerra de Menezes

PARTE PRIMEIRA

CONSIDERAÇÕES DOUTRINÁRIAS

I

À LUZ DO ESPIRITISMO

“(...)Dirigimo-nos aos que veem no Espiritismo um objetivo sério, que lhe compreendem toda a gravidade e não fazem das comunicações com o mundo invisível um passatempo.(...)”

— Allan Kardec (*O Livro dos Médiuns*, Introdução)

A par da legítima revelação, nascida, toda ela, do Astral Superior que nos orienta no Mundo, temos a considerar a vasta experiência do Codificador, requisitado à época pelas Forças Divinas a dispor de todas as suas prerrogativas de cientista e educador, de homem de caráter e de Espírito adredemente preparado numa longa e rica fieira de reencarnações, pelo bem da Humanidade.

Se, por um lado, a Revelação Espírita chegava ao Orbe para inaugurar uma nova era de consciência e espiritualidade — era que teria suas evoluções e esplendores exatamente por consequência das agruras e dores da transição que ela, em si, positivava —, de outro lado o exemplo de Allan Kardec, que representava todo um grupo de obreiros da Grande Luz, nos induz a refletir sobre a primacial necessidade que temos da preparação intelecto-moral, sem cujo contributo, em nós e nos agrupamentos que formamos, a Sublime Doutrina dos Espíritos passaria a sofrer a injúria proposta pela leviandade ou os achaques oriundos da indiferença orgulhosa dos corações negadores de Deus, de Seu amor misericordioso e sábio.

Muito cuidado os espíritas convictos ou simpatizantes necessitam ter nesta hora grave e tumultuosa da Terra, em relação aos princípios que, no

Espiritismo, são expostos em favor da libertação das almas.

O estudo sério e metódico da Terceira Revelação, com seus alicerces por vigas-mestras de todas as conjecturas e florações doutrinário-evangélicas do cultor da genuína espiritualidade, significa fixação de suas energias mentais no caminho da efetiva educação espiritual. Por efeito desse esforço e desse zelo moral, os frutos da moralidade e da correção comportamental dirão de uma religiosidade pura, de sua espiritualidade radiosa e benemerente.

Todas as culturas do Mundo, não importa sua origem e o seu tempo, encontram, no acervo doutrinário espírita, a sua sublimação, o seu ajuste e o seu zênite. E torna-se legítima essa afirmação quando se considera que a Doutrina dos Espíritos, exposta a Allan Kardec e a seus colaboradores pelos Emissários do Cristo, é a Tábua Completa dos elementos dinâmicos que constituem a Grandeza Universal — todos esses elementos por expressão do Poder do Eterno, de nosso Criador e Pai.

Por efeito de seu livre-arbítrio, a criatura encarnada ou desencarnada poderá lançar mão de tudo o que existe e de todos os que encontrarem no caminho para realizar o que lhe impõe a própria vontade, num exercício até saudável e necessário de iniciação científico-moral; contudo, se essa criatura já procura a luz da Verdade Divina, comprometer-se com esta Verdade, em sincera disciplina e devotado zelo, representar-lhe-á a subida vibratória para outros domínios da Vastidão Sideral, com a lucidez mental e a serenidade de alma por prêmio ao seu esforço digno.

II

FÉ RACIOCINADA

*“Ainda uma vez: aí tendes o que a mais severa razão,
a mais rigorosa lógica, o bom-senso, em suma, podem admitir.”*

— Allan Kardec (Do item 2, cap. I, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Como decorrência de toda uma trajetória de decepções e enganos, de viciações e violências, a Humanidade de nossos tempos se vê convocada a adestrar seus potenciais inteligentes também na análise moral-religiosa de sua história, de sua evolução no tempo e de seu destino, rumo ao Infinito.

Os erros, que abundam em todos os setores de experimentação humana, implicam, nesta hora, o uso mais acurado da razão, tendo presente a lógica natural dos fatos e do progresso mesmo, para que se alcance a verdade.

Patrocinada pelo fulgor do Iluminismo Francês, a era analítica e de mais graves percepções da vida universal requisita as correções conceptuais pela observação criteriosa, pelo estudo metódico, justo, das coisas e dos acontecimentos, tudo filtrado ou devidamente esquadrinhado pela bom-senso — essa conquista que aureola a razão, abrindo ao homem o tempo de sua maturidade moral.

Sem que o “pente fino” da inteligência defina o verdadeiro do falso, o genuíno da impostura, impossível a concentração de forças espirituais para o sublime levante, quando a alma, lúcida e inspirada, dominará a matéria, tornando-se senhora da evolução e não mais o passivo ser que suporta o jugo escravizante das formas mais densas e ilusórias.

Na sequência interminável de experimentações anímicas, os Espíritos reencarnados na Terra encontram no Espiritismo, com Allan Kardec, a segura orientação para seus passos no terreno da própria espiritualização. É imprescindível a todos acionar os valores herdados em tantas e tão sofridas vivências reencarnatórias, para que o discernimento, representado pelo bom-senso referido, em nós e por nós, faça a separação entre “bodes e ovelhas”, consoante a advertência do Evangelho, ou mesmo a do “joio e do trigo”, também constante dos ensinamentos de Jesus.

Obviamente — e isto já é fato para muitos — que a fé transcende as operações da racionalidade terrestre, que expressa fecundo momento de redescoberta da Verdade Divina, mas é por ela, que reajusta e redimensiona tudo o que até então nos guiou as almas, que alcançaremos o estado superior dos seres identificados com Deus, daqueles que, em posição angélica, executam os Supremos Desígnios a bem das humanidades siderais.

III

COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

“Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha?”

— Allan Kardec (Do item 5, cap. I, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Vencendo as brumas da ignorância e do preconceito que por tanto tempo lhe obstava a visão da imortalidade gloriosa, com todas as decorrências disso, o homem, também ativo nesse processo de evolução moral, vê rasgar-se o véu dos mistérios que ocultava de si a vida universal.

A questão do Espírito haveria de ser esquadrinhada e bem definida pela lógica e pelos fatos experimentais que vêm norteando as mais substanciosas descobertas da Ciência, em favor da vida digna e do progresso geral.

Partindo da cultura existente, sem prender-se integralmente, no entanto, a suas formulações ainda imprecisas, o Codificador do Espiritismo encontra em fatos insólitos — fecundos por natureza e circunstância — a base experimental que lhe autoriza revisar teorias e proposições em vigência no Mundo, avançando, pela pesquisa e à luz da mais abalizada razão, para lograr, com isso e por fim, as equações mais lúcidas e plenamente coerentes acerca da alma e da imortalidade, do destino e do futuro dos seres inteligentes, da cadeia harmoniosa da vida e do intercâmbio indeclinável entre tudo o que existe, inaugurando na Terra a Era Espírita, em que a consciência de si mesmo permite ao homem o saudável e

oportuno trabalho de iluminação, da sintonia melhor e das comunicações inteligentes com os até então considerados mortos.

As comunicações espíritas — que são universais em sua feição de fundamento da Vida Cósmica — passam, de modo especial, graças ao labor do Espírito da Verdade, com o preclaro contributo de Allan Kardec, a inserir o ser encarnado no contexto essencial da Criação, pela comunhão com os panoramas mais sublimes e mais felizes do Além — do Mundo Invisível, donde se apartara e para onde regressará —, a fim de usufruir seus méritos granjeados na reencarnação, geralmente junto dos que ama, não só na última romagem física, mas desde as mais remotas eras, já ultrapassadas no tempo.

IV

CIÊNCIA DIVINA

“Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver.”

— Allan Kardec (Do item 7, cap.II, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Negar a existência dos Espíritos será negar a mais sublime dádiva que o Criador nos concedeu no Universo: a imortalidade.

A par de todas as argumentações que negam a sobrevivência da alma — argumentos que vêm perdendo força e expressão no tempo, especialmente quando um elenco de fatos atestam, a todo momento, o quanto carecem de razão e solidez o materialismo e todos os discursos que encontram nele sua inspiração derrotista.

Se a existência dos Espíritos — que são as almas dos homens desencarnados — é o sublime alicerce da Revelação Espírita, a razão mais esclarecida entende que esse princípio assegura, por si, na Criação de Deus, todo um plano harmonioso de progresso e evolução, definindo as infinitas condições de trabalho e esforço, aprendizado e elevação a que se ajustam, rumo à perfeição.

Sem perspectiva de vida imortal, o que seria o homem? E, sem essa cadeia maravilhosa e promotora de consciência e amor, para que mediunidade?

O Espiritismo é a linguagem humana abordando os temas do Espírito. Em suas formulações doutrinárias, a Ciência Divina se revela, atendendo a todas as necessidades e níveis evolutivos dos homens.

Na altura de suas conquistas e diante do acervo-luz a si exposto pelos Espíritos Superiores, Allan Kardec proclama, claro e conciso: a Doutrina Espírita resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver, pois trata-se de uma lei admirável e eterna, equacionando os problemas do ser e do destino, em perfeita harmonia com a Divindade!

Compreensível e urgente, pois, o estudo sério e continuado da Sublime Revelação, das obras que o emérito Codificador nos legou por determinação misericordiosa do Invisível e por declarado amor dele aos semelhantes.

Para que os trabalhos de espiritualidade obtenham êxito, o prévio conhecimento desta santa Doutrina representa o primeiro e seguro passo. E se o anseio de realizações espirituais do indivíduo reencarnado diz respeito à mediunidade, com mais propriedade afirmamos, tendo por base nossas humildes experiências no terreno: o estudo constante e meditativo das obras da Codificação constituem, para o médium, o clima imprescindível e profundamente inspirador!

Para seguir, resolutos e bem calçados moralmente no Mundo, tendo por objetivo supremo o Criador, a Ciência Divina é o caminho insofismável!

V

AUTORIDADE CRÍTICA

“O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso(...)”

— Allan Kardec (Do item 14, cap.II, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quantos de nós, movidos pela pretensão pessoal, filha do orgulho e da vaidade, nos arrogamos o direito da crítica infundada acerca de fatos e ocorrências que não nos são de domínio? Inquestionavelmente é um vício do comportamento, denunciando invigilância de nossa parte, quando não leviandade.

O mesmo tem se dado com relação ao Espiritismo através de sua história.

Quantos críticos levianos e desautorizados exercendo um papel que cabe, por natureza, aos sérios pesquisadores, aos mais dedicados estudiosos!

O adepto da Doutrina, mormente em seus primeiros passos, não deve se impressionar com o parecer preconceituoso e raso dos que atacam sem conhecimento de causa, nem mesmo com os pareceres precipitados e festivos com que tantos outros — não menos desconhecedores — bordam o Espiritismo, inserindo nele, que é ciência e filosofia, moral e religião, os mais pitorescos e fantásticos fenômenos, naquilo que possuem de mirabolante e inacreditável, geralmente nascido da imaginação

superexcitada de quem ouve ou vê os fatos, sem poder esquadrihá-los e compreendê-los.

O médium, sem formação doutrinária séria, mais exposto se encontra a esse tipo de crítica e percepção das coisas. Por sua natureza difusa, muito sensível, pode ser facilmente arrastado por uma aluvião de impressões e de ideias — oriunda dos encarnados e, principalmente, dos desencarnados sem compromisso com a Verdade.

É assim que, sem fundamentos lógicos e sem a segurança que a moral evangélica a todos proporciona, médiuns e mediunidades têm embarcado na ilusão, tornando-se instrumentos das próprias ou alheias sugestões, caracterizando o “animismo” e a “mistificação”.

Quantas revelações carecem de fundamento e realidade? Quantos ensinamentos, ditos mediúnicos e moralizantes, mesclam algo doutrinário com o produto das paixões que dominam o Mundo? As meias-verdades são cascalho perigoso para os incautos, que nele entenderão a verdade, edificando sistemas difíceis de serem desativados.

A precipitação e a leviandade vaidosa de médiuns e líderes, no Espiritismo, têm desafiado o curso sério e iluminativo do Consolador, gerando discórdias, guerras de opiniões, dúvidas e desconforto, num entrosamento impressionante com esta amargurosa transição que o Planeta vive.

A questão da crítica é tão oportuna em nossa Seara que, tão-somente com os estudos continuados e a experiência somada no tempo, autorizando o bom-senso e dotando os confrades de justo discernimento, poderá ela se erigir autorizada, solvendo os males produzidos pelas paixões humanas.

Os médiuns, por isso mesmo, não poderão andar por si, avaliando-se e às próprias produções com seu senso. Aí reside o maior perigo para os que são, por natureza da atividade, sensíveis e instáveis psiquicamente. Nessa ordem de trabalho, os mais abalizados em Doutrina Espírita, os que a estudam e a conhecem à exaustão, com prática sincera de seus postulados, são, de preferência, os críticos benfeitores, realizando o serviço da análise de conteúdos e propostas nas peças mediúnicas, a bem de nossa edificação geral.

VI

FENÔMENOS NATURAIS

“(...)nosso fim é, unicamente, demonstrar que os fenômenos espíritos, por mais extraordinários que sejam, de maneira alguma derrogam essas leis, que nenhum caráter têm de miraculosos, do mesmo modo que não são maravilhosos, ou sobrenaturais.”

— Allan Kardec (Do item 15, cap. II, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A mediunidade, com suas multifaces e em perfeita correspondência com a história evolutiva dos médiuns que a expressam, é a alavanca moral dos novos tempos.

De modo genérico, a mediunidade representa a força de Deus em manifestação universal. Tudo o que existe O reflete, tanto quanto os seres inteligentes passam a conhecê-LO e a retratar-Lhe a excelsa Luz.

Especificamente, as faculdades mediúnicas — que sempre existiram em todos os povos e nas mais variadas culturas — são conquistas das almas, apresentando-se quais espelhos refletores, ora retratando a conjuntura dolorosa dos seres em peleja evolutiva (quando se identificam as pérfidas e sofridas obsessões), ora trazendo do Futuro Espiritual as claridades bonançosas que sugerem progresso e paz (circunstância em que o intercâmbio torna-se legítimo, a bem dos seres encarnados e desencarnados, habitantes da Terra).

Fenômenos, portanto, brotam dessa fluência inestancável da vida, que dispõe das criaturas existentes nos dois Mundos — o físico e o invisível. São fatos requisitando análise, estudo, classificação. Sinais vigorosos do

Universo Divino em dimensões que se sucedem e se entrosam de algum modo, tanto quanto da Inteligência Suprema nas inteligências desabrochantes, em desenvolvimento.

Por isso mesmo, não há o maravilhoso, o sobrenatural, o milagre, em suma.

Tudo o que diz respeito à mediunidade enquadra-se na ordem das forças naturais — forças ainda tão desconhecidas dos homens, que se habituaram a ignorá-las, negando-as exaustiva e insensatamente. Allan Kardec as observou e, em verdade, foram elas — as forças reveladas de modo insólito, a demonstrarem um poder e uma inteligência superiores à do homem comum, além das possibilidades conhecidas das ciências terrestres — que seduziram a verve do então Professor Rivail, dotando-o desse estudo, dessa acurada pesquisa e meticulosa observação de tudo, das peças fundamentais que formalizaram o acervo doutrinário do Espiritismo, sem cujos alicerces vigorosos todo o edifício sublime da Revelação Superior comprometer-se-ia.

Quantos homens e mulheres sinceros e notáveis em seu afã tentaram, na história da Humanidade, enfeixar essa Verdade Divina em propostas filosóficas e religiosas?! Sem dúvida, marcaram épocas, cooperando no processo de libertação espiritual dos homens. Todavia, não lograram o êxito que reconhecemos — mesmo na condição de desencarnados, sem os véus da carne — em Allan Kardec, o Espírito abnegado e lúcido que o Senhor escolhera para fundar no Mundo a Era da Regeneração, com a Verdade dos fatos universais por alicerce e o Amor do Evangelho por edificação eterna das almas.

Médiuns e lidadores da Doutrina Espírita necessitam entender que os fatos spiritistas são expressões da vida — vida que se revela em escalas cada vez mais essenciais e divinas.

Semelhante compreensão livrará os corações encarnados e o próprio meio espírita do assombro, do misticismo, da adoração exterior, da idolatria e naturalmente do medo.

Quantos, mal-informados e distantes do raciocínio lógico, até mesmo adoecem e se recolhem a lamentável estado moral ao se depararem com algum fenômeno obsessivo, quando Entidades do Astral Inferior logram

domínio mental e até físico em criaturas de vontade débil e comprometidas com a Lei? Quantos, ante o atestado vibratório de Entidades sábias e amorosas, quedam-se extasiados em atitudeslouvaminheiras, sem consequências renovadoras do próprio comportamento?

A compreensão do que ensina a Doutrina Espírita, do que nos legou Allan Kardec, favorecerá o equilíbrio nesse tipo de relação com o Além, tendo médiuns e mediunidades por canais.

A reverência fervorosa, agradecida, deve surgir pela transformação moral dos indivíduos, não pelo êxtase improdutivo ou pela idolatria. A razão é o filtro imprescindível a todo aquele que respira num mundo de formas e excessos, como a Terra.

Necessitamos, em nossos círculos espíritas, entender Deus e Seu poder de amor através de tudo o que a mediunidade e os bons medianeiros, desde Allan Kardec até aqui, nos revelaram, tendo sempre o critério daquele missionário por recurso de identificação do que é genuíno, verdadeiro.

VII

FORMAÇÃO DOUTRINÁRIA

“A explicação, neste século em que ninguém se contenta com palavras, constitui, pois, poderoso motivo de convicção. Daí o vermos, todos os dias, pessoas, que nenhum fato testemunharam, que não observaram uma mesa agitar-se, ou um médium escrever, se tornarem tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam.”

— Allan Kardec (Do item 17, cap. II, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Um século e meio assinala o marco do Espiritismo no Mundo. Com a publicação de *O Livro dos Espíritos* — que é o resultado de uma infinidade de fatos e comunicações insuspeitos, devidamente analisados e ordenados por um talento incomum — inaugura-se na Terra a Ciência Espírita, com todas as suas decorrências filosófico-morais.

No elenco de manifestações espontâneas que marcaram aquele período (segundo quartel do século XIX) — manifestações que nunca deixaram de se produzir entre os homens, em todas as culturas do Orbe —, o estudo e a metódica observação foram os instrumentos utilizados por Kardec, sem o que se perderiam entre admiração mística, mito ou negação sem fundamento. Mas o esforço sério e continuado redundou no entendimento harmonioso da Leis Espirituais, então reveladas.

Percebe-se, nesse contexto especialíssimo para a Humanidade, o que a inteligência do homem pode e deve realizar com vistas ao seu esclarecimento e melhoria íntima, rumo à perfeita educação.

O empirismo justifica-se quando não há nenhuma ciência. Contudo, a par de bases científicas e filosóficas sérias, autorizadas pelo tempo e pela

prática, permanecer negando ou de pensamento envolto pelo mais estranho misticismo, geralmente herdado do passado medieval, significa leviandade ou indiferença.

As escolas comuns da Terra estão a varrer com a ignorância, tornando as sociedades mais civilizadas, exatamente porque as pessoas científicam-se do melhor a fazer — seja na profissão ou pela influência que exercem no contexto social.

Em termos espirituais, a Doutrina codificada por Allan Kardec é, por si, um Liceu da Alma. Revelando o Mundo Invisível, tange, por consequência, todos os interesses da criatura — esteja ela encarnada ou desencarnada.

O acervo doutrinário espírita ainda não foi devidamente valorizado pelos homens. Estamos no caminho, mas há que se valer desse conjunto sublime de revelação genuína para se alcançar a justa emancipação moral para o Infinito.

O Espiritismo prático requer essa formação doutrinária ideal dos indivíduos que intentem lançar-se ao conhecimento superior de tudo o que existe. Sem a Base Kardequiana, tudo o que ocorra poderá ser catalogado como espiritualismo, já que a atividade espírita se dota da precisão qualitativa e das luzes harmoniosas que desfazem mistificação e mitologia.

Se é verdade que abundam fatos legitimamente espíritas por toda parte, não o é menos que tantos deles se fazem acompanhar de véus misteriosos e exóticos, quando não de sombras personalistas e, por isso mesmo, vaidosas, raiando pelo engodo, pelo charlatanismo.

O Espiritismo, nascido sob a tutela de Allan Kardec no Mundo, é vigoroso brado de libertação pela Verdade. Sob a sua bandeira luminosa e fraternal, não haverá embuste ou malversação da proposta. Por isso, quem, em suas lides, não considera esse acervo-luz, ou não compreendeu a Doutrina ou está a alimentar interesses escusos.

A justa e coerente formação doutrinária espírita conduz o ser ao conhecimento de si mesmo, da Criação Excelsa e do Pai, em Sua Sabedoria e infinito Amor; dota esse ser das certezas mais inspiradoras, facultando-lhe

a segurança indispensável ao seu labor na Seara do Bem, especialmente quando sua esfera de realizações diz respeito à mediunidade.

O Cristo já dissera: “Conhecereis a verdade e ela vos libertará.”

Não são os fenômenos que convencem, mas a perfeita compreensão dos fatos que parecem, à primeira vista, fenômenos extraordinários.

A razão esclarecida, que induz o coração às mais saudáveis experiências, deve prevalecer sobre todo e qualquer deslumbramento emocional.

Mais que qualquer fenômeno inabitual, o acervo doutrinário do Espiritismo revela Deus e Suas magnânimas Leis aos Seus filhos, ensinando-lhes o caminho da felicidade e da vida sem fim!

VIII

ENSINO ESPÍRITA

“Não se espantem os adeptos com esta palavra — ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências.”

— Allan Kardec (Do item 18, cap. III, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A Luz tem a propriedade de irradiar-se e aquele que é visitado por ela torna-se, naturalmente, instrumento de seu poder clareador.

Na ignorância, a força bruta é o mecanismo de defesa dos próprios interesses. À Luz de Deus, o amor fraternal é o clima de nossas realizações na vida.

O conhecimento espírita de profundidade nos capacita a exercer com harmonia e respeito aos outros essa função de medianeiros da Verdade Superior.

E isto ocorre porque os dramas existenciais dos semelhantes representam o material de labor dos espíritas-cristãos. É como se cada um de nós, espíritas convictos, nos tornássemos eficiente medicação para todo tipo de mal moral. E como o bem é nosso escopo à Luz de Deus, ajudar e esclarecer o próximo representa nossa mais alta missão no Mundo.

O ensino espírita é libertador por excelência. Sua divulgação é legítimo ato de caridade, conforme tão bem definiu o preclaro Espírito de Emmanuel, através de Chico Xavier.

E a mais eficiente divulgação espírita se dá, comumente, pela conversação fraternal.

Na labuta diária, em qualquer departamento da vida social, defrontamos dores e aflições, insatisfações e ignorância. Qual, então, o nosso papel? Sem pedantismo, mas movidos por compaixão e solidariedade, reportemos tudo a Deus, nosso Pai sábio e amoroso. Avancemos para a nossa realidade de Espíritos transitoriamente corporificados na Terra, com um futuro glorioso a ser desdobrado pelo esforço moral do momento. Se houver espaço e interesse, discorramos sobre a evolução já realizada em tantas reencarnações; salientemos a assistência dos Bons Espíritos e recordemos o bem inefável da prece. O oferecimento de um bom livro e mesmo o acompanhamento a um Centro Espírita para audição de uma palestra, para a recepção de um passe — tudo isso define a renovação para o equilíbrio, para a paz, para o cumprimento da Vontade de Deus.

O Codificador dialogou com os simples e com os nobres de toda procedência, enquanto esteve a serviço do Consolador na Crosta.

No plano pessoal, utilizávamos o diálogo esclarecedor com encarnados e com desencarnados, ensinando a beleza do Espiritismo com Jesus. E ainda aqui, no Além, sistematicamente visitamos as zonas inferiores para dialogar com os que sofrem, com os revoltosos e blasfemadores.

Constitui isso um exercício saudável e caridoso, porque sedimenta em nós as divinas certezas, livrando-nos das sombras, que tanto nos perseguem do passado culposos ou mal vivido, sempre por efeito de nossos erros e deserções morais. E tais atitudes também simbolizam referências de amor e luz para os que nos ouvem. O esclarecimento espírita-cristão passa a ter força testemunhal quando levamos, sem outro móvel que não o fraternal, seus fundamentos e preciosas luzes a quem padece na Terra ou no Mais Além!

IX

ABORDAGEM ESPÍRITA

“Todo ensino metódico tem que partir do conhecido para o desconhecido. Ora, para o materialista, o conhecido é a matéria: parti, pois, da matéria e tratai, antes de tudo, fazendo que ele a observe, de convencê-lo de que há nele alguma coisa que escapa às leis da matéria. Numa palavra, primeiro que o torneis ESPÍRITA, cuidai de torná-lo ESPIRITUALISTA.”

— Allan Kardec (Do item 19, cap. III, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Indiscutivelmente, as sociedades humanas do século XXI, nestes albores do Terceiro Milênio, se apresentam mais abertas ao tema ESPIRITUALIDADE.

Religiões se revisam, embora lentamente, ante fatos e acontecimento mundiais, quando os temas da vida e da morte, da ética e da moral se evidenciam com pujança. A era analítica, de questionamentos e de pesquisa sobre tudo, augura novos tempos para as almas reencarnadas, obrigando-as a refletir mais entranhadamente na busca de respostas e de soluções mais eficientes para os conflitos existenciais que visitam os corações e agitam a vida social. Diante desse quadro e com todas as perspectivas apontando para a imortalidade, com Deus — o Todo-Poderoso — no centro de tudo, a nos reservar “moradas outras” além da Terra, entendemos que a condição ESPIRITUALISTA da maioria humana se define.

O espiritualismo genérico, impreciso, ainda eivado de misticismo e idolatria, se nos afigura o revolver da terra compactada, impermeável às

culturas mais delicadas, trabalhosas. O arado das dificuldades e das provações vem sulcando esse terreno — e eis que a gleba inculta e árida se predispõe à boa sementeira. Assim compreendemos o momento ESPIRITUALISTA da Humanidade, consoante Allan Kardec o propõe, como caminho de espiritualização ideal. Então, sobre essa base providencial entra o ESPIRITISMO, com definições claras e precisas acerca da alma, do Universo, da evolução, de Deus!

O movimento que existe no Mundo, fora dos círculos espíritas propriamente considerados, diz respeito a esse espiritualismo que antecede a espiritização. Por isso, as lideranças do Movimento, os estudiosos, os médiuns e todos os trabalhadores decididos da Seara hão de ocupar-se prioritariamente com a ESPIRITIZAÇÃO de si próprios e do meio espírita em que labutam, sem negar fomento e atenção aos que carecem revolver o terreno ainda inculto e materialista de seus corações, através do ESPIRITUALISMO.

Paulo de Tarso referiu-se à alimentação mais leve para os de estômago fraco, demonstrando respeito à gradação evolutiva e de entendimento das comunidades cristãs em formação à época.

Kardec, com profundo senso psicológico e acendrada reverência à ordem natural, lega à posteridade o acervo ESPÍRITA, mas adverte e ensina sobre o método — do conhecido para o desconhecido —, facultando-nos coerência e acerto na empreitada iluminativa do Mundo, com respeito ao espírito de sequência da Vida Universal.

Consoante seus judiciosos pareceres e inspiradores exemplos, um broto é fecunda promessa; uma flor, passo seguro na ordem inviolável da produção. Assim, uma ideia espiritualista é progresso. Uma atitude moral-espiritual, uma conquista. Até que os fundamentos espíritas façam abundar, em sintonia com a moral evangélica, luz e amor, fé e caridade em cada coração!

X

O ESPIRITISMO RELIGIOSO

“(...) os incrédulos por escrúpulos religiosos, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é inculcar sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes.”

— Allan Kardec (Do item 24, cap III, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A Ciência Espírita, assentada sobre fatos insuspeitos e reveladores, fez nascer toda uma doutrina filosófica que atesta, em tudo o que enfeixa, o sentido moral e religioso do Espiritismo — a Nova Revelação.

As circunstâncias daquele século XIX situaram o Professor Rivail no centro de profícuos acontecimentos, consagrando-o, dentre tantos homens notáveis, capazes, sérios, por mais abalizado a ordenar inteligentemente e com rara sensibilidade moral tudo o que constituía a Verdade Divina então exposta de modo inquestionável, cooptando os legítimos fundamentos da vida universal em Deus.

Ao debruçarmo-nos sobre as obras da Codificação, nossa alma viaja pelo Cosmo e aprende, em vibrações elevadíssimas, a veracidade do Amor de Nosso Pai em estâncias de magnífica sabedoria. Atende-se, com isso, aos anseios intelectuais que nos são próprios à natureza anímica, enquanto o coração, em sentimentos nobres, se vê atendido como jamais o fora!

E então pergunta-se: Por que e para que o emérito educador, o ilustre homem de ciências, magnetizador competente, poliglota, ao se apagar

voluntariamente no mundo dos homens, tomando mesmo o pseudônimo de Allan Kardec para não confundir o brilho do habitante na Terra, conquistado por ele com o labor sublime do Espírito de Verdade, tanto padeceria e exaustivamente serviria à Causa, a ponto de comprometer a própria saúde e toda a sua estabilidade financeira?

Responderíamos hoje, após um século e meio de sua coragem moral e profunda abnegação cristã: — Porque ele, homem sincero e evoluído, corou, ante o acervo revelado pelos Espíritos Superiores, a sua já irretocável moralidade, a sua verve missionária a serviço de Deus! E o fez para que a Humanidade, em estudando os fundamentos universais da Verdade Divina, encontrasse o seu rumo definitivo e a paz do coração.

A Doutrina dos Espíritos resgata de todos os equívocos e desvios humanos a religião cristã por excelência — pura, simples e, como tudo o que tem origem divina, eterna.

Por isso nós, os espíritas ou mesmo os simpatizantes sinceros da Doutrina, como igualmente qualquer religioso, adepto de outras crenças em qualquer parte do Mundo, e mesmo os que se dizem incrédulos, materialistas, todos encontramos no Espiritismo, com Allan Kardec, os fundamentos insuspeitos que constituem a verdadeira religião, obtendo, por consequência dos estudos dessas obras e das reflexões oriundas desse esforço, a mais pura manifestação de religiosidade, de espiritualidade autêntica.

O Espiritismo é religioso por efeito natural de seus fundamentos cósmicos. E a religiosidade pura e sincera é o céu das almas, após exaustivos labores reencarnatórios em orbes materializados e violentos como a Terra!

XI

MISTIFICAÇÃO MEDIÚNICA

“Ainda aí o que há é o resultado de incompleto estudo do Espiritismo e da falta de experiência. Aquele a quem os Espíritos mistificam, geralmente é mistificado por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não se acha bastante instruído sobre o assunto, para distinguir da impostura a verdade.”

— Allan Kardec (Do item 25, cap. III, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Na história do Espiritismo, a mistificação sempre teve o seu capítulo lamentável. Mas isso fora objeto de advertência do Codificador, desde os seus primeiros movimentos nesse vasto e desafiador universo de aprendizado espiritual.

A pouca gravidade de muitos iniciantes no estudo, indiferentes à soma de experiências e a crença errônea de que uma breve leitura, de que a audição de boas palestras definem um espírita, inserindo-o no rol dos competentes trabalhadores do Ideal, têm exposto muitos dos nossos irmãos da Seara a situações de embuste, de mistificação, quando não de animismo dos que se fazem profetas sem base para tanto.

O progresso do Mundo, com todas as facilidades econômicas, de comunicação e de tecnologia, dota os mais afoitos e os entusiastas, sem ponderação e profundidade, de recursos para, segundo eles, divulgarem o Espiritismo e conquistarem adeptos ou para transformarem a opinião pública — ainda equivocada sobre a Doutrina.

Quantos desses, empolgados com a fenomenologia e fascinados pelos médiuns, se lançam à esfera mediunista e, sem prévio conhecimento da Codificação, tanto quanto desprovidos de experiência que tão-só a lida bem orientada no tempo proporciona, passam a falar e a escrever em nome dos Espíritos, dos “guias” e “orientadores” do Espaço, geralmente desfigurando a harmonia doutrinária da Terceira Revelação, com temas bombásticos e palpites mirabolantes sobre tudo o que requer reverência e sagrado zelo.

Tratam Allan Kardec e a própria Codificação Espírita como algo superado, como apenas uma indução circunstancial às grandes e substanciais revelações que eles — então verdadeiros missionários — intermediam para a Terra, nos novos tempos do progresso material.

Irrisão e cegueira. Leviandade e obsessão!

No Mundo Invisível, hordas de atormentados e negadoras da Obra Cristã se capacitam, cada vez com mais ardil, a mistificarem no meio espírita. E por que motivo isto ocorre? Porque ao Consolador, na pureza e harmonia como foi recebido por Allan Kardec, compete a transformação do Mundo, de coração a coração, com a finalidade de moralizar o Planeta à luz do Cristo de Deus! Essa missão incute desconforto e ira aos Espíritos impuros, que se enciúmam e se enchem de inveja contra tudo e todos que os superem moralmente.

Como o movimento do Espiritismo no mundo terreno é livre, sem imposição de nenhum plano — seja dos desencarnados ou dos encarnados —, a cada consciência iluminada pelo que ensina a Obra já materializada com segurança e fidelidade pertence a diretriz, o aproveitamento e a entrega sincera do coração.

Para os que se movem na vaidade e no orgulho, em egoísmo e ambição, a companhia dos infieis, dos mistificadores, termina por corrigi-los no sofrimento, em obsessões.

Para os crédulos sem aprofundamento doutrinário, as decepções e as descrenças invariavelmente chegam com o tempo ou com as advertências sérias e providenciais que surgem da parte dos que cultivam o Espiritismo com gravidade e o aplicam às suas vidas.

Na Terra, o joio e o trigo crescem juntos, consoante ensinou Jesus. Mas a hora da ceifa, quando o joio é atado em molhos e queimado, sempre chega. E isso porque “toda planta que o Pai não plantou será arrancada!”

XII

MISSÃO DO ESPÍRITA

“O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos, consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa a sua missão. É nisso também que encontrará satisfação real. O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna felizes os que o professam.”

— Allan Kardec (Do item 30, cap. III, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Num mundo em que a Verdade, por luz inextinguível e benfeitora, sofre os ataques e a negação insossa de ingratos e levianos através de seus sistemas sem razão, o papel dos de boa-vontade torna-se relevante, até mesmo a bem dos incautos e iludidos, geralmente escravos do materialismo.

A razão esclarecida é um coadjuvante poderoso da fé que se estriba no mais puro sentimento do ser. Por ela, que se torna sonda captadora e filtro intelectual, os valores universais se positivam, dotando a mente das certezas que autorizam o progresso.

Compreende-se, então, a importância do estudo sério e continuado do Espiritismo por viva inserção do indivíduo nos domínios sublimados da Sabedoria Cósmica.

No entanto, urgente reconhecer que todo esse esforço deságua, insofismavelmente, na necessidade de se lançar à prática do bem, resumida pelas equações espíritas em Caridade.

A consciência do que é Divino converte o coração em usina do amor fraternal. A ignorância e o vício dos sentidos operam em direção contrária, por se filiarem ao egoísmo.

A missão do espírita, pois, não poderá fugir à regra. O Codificador, com clareza e sublime inspiração, a definiu: Transformar o Mundo para melhor, tendo por força renovadora a ação benemérita e educativa junto dos que sofrem e se encontram desorientados.

O ensino espírita é libertador por natureza e a prática espírita é santificante por excelência.

Os corações mais empedernidos no mal ou na negação de seus postulados não resistem por muito tempo à força da caridade que desse acervo sobressai, coroando a excelsa Revelação.

Homens e almas, na Terra e em torno dela, dos rincões trevosos às regiões etéreas e puras do Além, pressentem ou se nutrem da Verdade Espírita que permanecerá, eternamente, revelando Deus e Sua Luz, com a imortalidade e o progresso por expressões do Divino Amor.

XIII

A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

“Ainda outra vantagem apresenta o estudo prévio da teoria — a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência. Aquele que começa por ver uma mesa a girar, ou a bater, se sente mais inclinado ao gracejo, porque dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da humanidade.”

— Allan Kardec (Do item 32, cap. III, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Distende-se a compreensão da vida quando a instrução nos arranca das sombras personalistas e ignorantes.

A marcha de progresso da Humanidade guarda esta peculiaridade: os que se dotam de mais experiência abrem picadas na selva do desconhecido, beneficiando os que chegam da retaguarda evolutiva.

Aos olhos e à sensibilidade dos mais evolidos, um simples fato, uma circunstância curiosa revelam fundamentos de vida, descortinam panoramas desconhecidos, proclamam esperanças radiosas...

A Lei de Evolução exige que todos se esforcem de algum modo. Por isso, no rastro dos vanguardeiros do progresso e da luz, os que remanescem aflitos, em dúvida, na escuridão, devem estudar, observar, discutir, exercitando-se no que a lógica e o bom-senso apontam por recurso, por solução, por rumo seguro e promotor.

O conhecimento das Bases Espíritas tem facultado aos homens a leveza própria dos que compreendem as agruras transitórias, forrando-lhes

os corações e as experiências do fracasso, do desalento, das decepções.

Há uma unidade da força divina atuando em tudo, formando uma cadeia lógica e harmoniosa, muito embora nem todos os seres consigam apreendê-la. Allan Kardec a identificou ao observar os fenômenos das mesas e essa verdade superior o dotou de mais luzes. Por esta verdade trabalhou incansavelmente, comprovando-lhe o poder e a veracidade. O resultado amadurecido, inteiro, de seu trabalho invulgar permanece à disposição dos interessados nas obras que deu a lume. Aí, no denominado “Pentateuco Kardequiano”, estua a Luz. A compreensão do que a obra expõe representa a doutrina da regeneração humana. Trata-se da ciência a serviço do Espírito. Não substitui a ciência dos homens, ciência que tem por objeto de pesquisa e interesse a matéria. A ciência inaugurada no Mundo por Allan Kardec é o sublime complemento da que é própria às sociedades terrenas. Com sua chegada, iniciou-se o processo irreversível da regeneração humana!

Os cegos voluntários e os orgulhosos poderão negá-la, atacá-la, desconhecer-lhe a existência. Todavia, prosseguirá ela em seu afã, libertando consciências da negação, da ignorância e do misticismo medieval, tanto quanto avançará equacionando dramas morais, existentes em função do materialismo e da corrupção.

Por vontade de Deus, sob a custódia de Seu Cristo Jesus, o Consolador, que tem o Espírito de Verdade por guia, já opera entre os homens a tão sonhada Era da regeneração!

XIV

A FORÇA DO ESPIRITISMO

“De tudo se abusa, até das coisas mais santas. Por que não abusariam do Espiritismo? Porém, o mau uso que de uma coisa se faça não autoriza que ela seja prejudgada desfavoravelmente. Para chegar-se à verificação, que se pode obter, da boa-fé com que obram as pessoas, deve-se atender aos motivos que lhes determinam o procedimento. O charlatanismo não tem cabimento onde não há especulação.”

— Allan Kardec (Do item 38, cap. IV, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Já salientamos que a força da Doutrina Espírita vem de sua moral — selo inconfundível a lhe atestar a legitimidade e o caráter renovador.

Allan Kardec a proclamou em altos brados e, por este motivo, a Nova Revelação tem sido atacada pelo espírito da conveniência e do interesse próprio.

A obra que compete ao Espiritismo diz respeito, em gênero, número e grau, à que Jesus inaugurou no Mundo com seu próprio sacrifício. E ao Codificador, nós, os beneficiários da grande luz rediviva, devemos a coragem e a coerência por não deixar todo o acervo doutrinário, em bases de ciência e filosofia, sem o coroamento moral-religioso que faz da Terceira Revelação Divina a culminância desse ciclo histórico da Terra, a partir da instauração da Era da Regeneração Humana.

O princípio que atesta a veracidade dos ensinamentos espíritas nasce da proposição cristã, então compreendida e validada pelo emérito filho de Lyon: “Dai de graça o que de graça recebestes!”

Em Espiritismo, tudo é manifestação do amor, fruto da consciência lucificada pelo conhecimento da verdade superior.

Por isso, os pesquisadores e os estudiosos, os mal-intencionados e os negadores sistemáticos de tudo, até poderão encontrar algo que não se coadune com o que a obra de Allan Kardec expõe, harmoniosa e atemporal, mais por efeito dos corações entusiastas e precipitados, dos que não estudam seriamente a Sublime Revelação. Estes, não obstante imbuídos de bons desejos, incautamente lidam com a mediunidade e com os postulados espíritas, sem a experiência e a profundidade que esses campos do conhecimento — explicitamente científicos e filosóficos — exigem dos interessados.

A par desses, que são sinceros, podem identificar outra classe de lidadores: os espetaculosos por indução da própria vaidade pessoal. Alimentando-se do desejo de se verem projetados — seja na condição de sábios no assunto ou de medianeiros de novas revelações —, cultivarão o “status quo” que tanto valorizam e chegarão, se ambiciosos o suficiente, a comercializar o resultado de seus esforços com o Além.

Em verdade, assumirão o papel dos “vendilhões do templo”, expulsos por Jesus Cristo em Jerusalém, à sua época. Cometem eles dois delitos de ordem moral-consciencial: o de “venderem” a bem próprio o que sabem não lhes pertencer, e o fato de comercializarem ou divulgarem irresponsavelmente o que não é de fonte segura, sem fidelidade à Doutrina sob cujo guante se apresentam ao Mundo.

Quanto mais a obra kardequiana se tornar compreendida, mais fácil será, para os homens, a discernimento entre a verdade e a impostura.

Todas as sinceras conversões do Espiritismo, nas sociedades humanas, se dão por obra de seu desinteresse ao que é material, profano e de sua profunda caridade.

XV

O JULGAMENTO DOS HOMENS

“Reconheçamos, pois, que ele julgou sem ter visto, ou sem ter observado tudo e observado bem. É sempre de lamentar que homens de ciência se afoitem em dar, do que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir. O próprio saber que possuem devera torná-los tanto mais circunspectos em seus juízos, quanto é certo que esse saber afasta deles os limites do desconhecido.”

— Allan Kardec (Do item 41, cap. IV, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

O ilustre educador Hippolyte Léon Denizard Rivail, ante os fenômenos das mesas que causaram furor na Paris do século XIX, inaugurou, com verdadeiro espírito científico, uma nova e eficiente fórmula de pesquisa e comprovação da verdade no terreno metafísico. Com base na observação criteriosa e continuada, permitiu aos fenômenos espontâneos a sua plena manifestação, enquanto esquadrihava cada componente a lhes favorecer o afloramento, tanto quanto sua natureza e pujança.

Por sua paciente e meticulosa análise, logrou as “senhas” com que passou a acessar o universo ainda novo e desafiador do conhecimento espiritual. Definiu com inspiração invulgar o papel dos homens e mulheres presentes, defrontando a mediunidade, que passaria a estudar, classificando-a. E, acima dos meios de produção dos fenômenos mais insólitos, descobriu sua causa: os Espíritos — as almas dos homens que atravessaram o portal da morte.

Analizamos os passos daquele que se tornou o codificador da Doutrina dos Espíritos a fim de ajuizarmos do papel de quem quer que seja que se sinta autorizado a falar do Espiritismo.

A ciência do mundo é piso de formação intelectual para o ser encarnado; todavia, essa ciência, por ter a matéria — e exclusivamente a matéria — por objeto de sua ocupação e interesse, não se encontra autorizada a se pronunciar acerca do que está fora do alcance de sua área de domínio; no caso, tudo aquilo que transcende o mundo físico.

Os espíritas e os médiuns, por isso mesmo, naturalmente irão respeitar profissionais e pesquisadores de todas as áreas do conhecimento humano; irão considerar o esforço de médicos, psicólogos, químicos, biólogos, físicos, educadores, etc.. Mas no que diz respeito à Doutrina Espírita, todos eles são estudiosos e pesquisadores em pé de igualdade com os já profícuos do Espiritismo — os que lidam com o acervo legado ao Mundo pelo Espírito de Verdade, através de Allan Kardec e seus legítimos continuadores.

Conhecimento é sempre claridade em nosso mundo mental, induzindo-nos ao progresso. Contudo, é preciso somar estudo e experimentação prática na área espírita, para então formar juízo ideal sobre as questões que nitidamente ultrapassam o que é pertinente à esfera material.

XVI

OS SISTEMAS E A VERDADE

“No curso desta obra, teremos ocasião de mostrar a parte que se deve atribuir à influência das ideias do médium. Todavia, tão numerosos e evidentes são os fatos em que a inteligência estranha se revela por meio de sinais incontestáveis, que não pode haver dúvida a respeito. O erro da maior parte dos sistemas, que surgiram nos primeiros tempos do Espiritismo, está em haverem deduzido, de fatos insulados, conclusões gerais.”

— Allan Kardec (Do item 45, cap. IV, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

As tendências produzem as divisões, porque nascidas da relatividade em que se encontram as pessoas. Submetem-se elas ao juízo próprio da porção interpretativa ou de entendimento que detêm.

Os sistemas humanos de explicação para os fenômenos espíritos obedecem, geralmente, a este critério, consoante o demonstrou fartamente o Codificador.

Há que se levar em conta, para mais profundo entendimento de mediunidade e das revelações espirituais, a desativação dos preconceitos e a prevalência do espírito de pesquisa.

Não dizemos credulidade cega, porque tem sido esse tipo de fé sem análise, sem raciocínio e sem lógica — pelo menos na base de suas manifestações religiosas — que tem levado ao descrédito e à incredulidade muitos corações.

Em termos mediúnicos, tudo é possível — dos embustes conscientes, passando pela involuntária mistificação, até a mais sublime prova de imortalidade e elevação do comunicante desencarnado.

Nesse terreno, tão-somente o estudo continuado e a experiência discernida poderão valer, a título de segurança e produtividade.

Uma observação é um detalhe de um conjunto que transcende a linearidade do pensamento comum. Daí a importância da soma paciente e continuada dos valores então captados.

A sintonia entre encarnados e desencarnados é que assegura o intercâmbio mediúnico. Porém, em estabelecendo-se a afinização dos propósitos entre médium e comunicante, a produção revelará outros componentes que ultrapassam o conteúdo e percepção cultural do mediano em serviço, revelando, por um lado, sabedoria incomum e sublimidade de sentimentos, ou, por outro lado, desequilíbrio e vulgaridade, se se tratar de uma comunicação com Espíritos de ordem inferior ao próprio sensitivo em transe.

Por mais haja ataques e descrédito de alguns com relação à mediunidade e aos fenômenos espíritas, os fatos borbulham inestancavelmente, requisitando sempre o pensamento sério e compenetrado dos estudiosos já conscientes de seus deveres morais perante a vida.

Tanto o médium quanto aqueles que o rodeiam em tarefa específica na Seara Espírita, muito podem e irão aprender no trato com os valores resultantes dessa mecânica divina de interação entre Mundo Invisível e Mundo Físico.

Até mesmo quando ocorre o animismo (comunicação do próprio Espírito do médium) ou quando se dá a mistificação, tudo concorre, se há estudo e algum propósito sério no grupo reunido, para a boa formação dos envolvidos.

Todos estamos em aprendizado e a vivência da Verdade implica, de nossa parte, saber lidar com desafios e sistemas propostos pelos precipitados ou levianos. Encontramo-los na Terra, encarnados e, em maior número, agindo com intensidade e ardil, no Mundo Espiritual.

A consciência genuinamente espírita e a própria moralização representam o poderoso antídoto contra eles e suas farsas.

XVII

SISTEMA DEMONÍACO

“Compreende-se que a crença na comunicação exclusiva dos demônios, por muito irracional que seja, não houvesse parecido impossível, quando se consideravam os Espíritos como seres criados fora da humanidade. Mas, desde que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos que hão vivido, ela perdeu todo o seu prestígio e pode-se dizer que toda a verossimilhança, porquanto, admitida, o que se seguiria é que todas essas almas eram demônios, embora fossem as de um pai, de um filho, ou de um amigo e que nós mesmos, morrendo, nos tornaríamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora para muita gente.”

— Allan Kardec (Do item 46, cap. IV, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A ignorância e o fanatismo andam de mãos dadas e nem mesmo a mais clara ciência das coisas consegue demover o pensamento de alguém que se isole numa concepção pessoal, quando se dá a ela o cunho de verdade suprema.

O Espiritismo flui graças à sua lógica. E não poderia ser diferente, já que tudo o que é genuíno no Universo tem a experimentação por forja e a transformação por culminância.

A crença cega nos demônios é uma dessas concepções que mais atrapalham o progresso da criatura que propriamente auxiliam. Tomada ao pé da letra, subverte a ordem harmônica da Criação, submetendo os que a têm por princípio de fé às mais pavorosas tormentas. O medo os move e

toda a sua manifestação religiosa se compromete por ausência da consciência lúcida e confiante, do amor espontâneo e puro.

Allan Kardec apresentou o mais extraordinário raciocínio acerca desse sistema demoníaco, demonstrando que os Espíritos mais não são que as almas dos que viveram na Terra como homens e mulheres. E diante da comunicação deles, comprovando sua imortalidade e conseqüentemente advertindo moralmente aos que ficaram no Mundo, torna-se improfícua e sem lastro de razão qualquer nota pessimista que os reúna a todos numa condição demoníaca, satânica, contrária a Deus que os permite retornar e conosco novamente conviver.

Os espíritas bem compreenderam a Magnanimidade Divina por esta lei inderrogável e harmoniosa, justa e sábia por excelência, que nos permite antecipadamente a convivência e o aprendizado moral através da relação com os planos dimensionais que transcendem a Terra. Tanto que levam a efeito, com razão e honestidade, estudo e caridade fraternal, desde a época da Codificação Espírita, o diálogo edificante e profundamente moralizador com os mortos amados ou desconhecidos, com o propósito santo de auxílio mútuo.

Quantos deles ignoram a verdade superior, padecendo o efeito de seus dramas na Erraticidade? Quantos têm a liberdade e o direito de ir até os encarnados, para continuarem a instruí-los moralmente?!...

Muito pobres e limitadas são as doutrinas religiosas que segregam os homens em filosofias puramente humanas, geralmente negadoras do Poder estuante de Deus! Incoerentes e perversas são as mentes que lideram seitas e correntes religiosas em que as ameaças e a supervalorização do inferno são os meios utilizados para escravizar corações, retirando deles, crentes simplórios, o direito da reflexão lógica e própria, das descobertas lúcidas e promotoras, tornando-os partidários da divisão, do preconceito, da irracionalidade e da violência contra os já proclamados direitos humanos.

O sistema demoníaco, à luz da Verdade Divina confirmada pelo Espiritismo, é o maior atestado da ignorância sobre Deus e Sua Augusta Criação, induzindo-nos a perceber até onde podem chegar a fé cega e as paixões humanas!

XVIII

SÁBIA ADVERTÊNCIA

“Pretender esquadriñar, com o auxílio do Espiritismo, o que escapa à alçada da humanidade, é desviá-lo do seu verdadeiro objetivo, é fazer como a criança que quisesse saber tanto quanto o velho. Aplique o homem o Espiritismo em aperfeiçoar-se moralmente, eis o essencial.”

— Allan Kardec (Do item 51, cap. IV, I parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A vida físico-carnal já encerra, por si, um universo desafiador para as almas que pensam e passam a estudá-la com fins de progresso.

Estando a ciência comum a serviço do estudo da matéria que constitui a Terra, surge o Espiritismo associando-se-lhe ao esforço nobre, com metodologia própria ao tipo de pesquisa e experimentação que leva a efeito, assinala o rumo transcendente dos seres que se valem da matéria para existir no Globo.

Temas como sobrevivência após a morte, anterioridade da alma, comunicabilidade dos seres incorpóreos com os que ficaram no Mundo, corporificados, e todas as decorrências morais disso são tratados pela Doutrina organizada pelo emérito Allan Kardec.

Em seus estudos e através da prática, os adeptos sinceros poderão confirmar o que a teoria lhes expõe nas obras publicadas, alcançando mesmo angulações e nuances que terminarão por situá-los na vanguarda do pensamento universal, com fecunda capacidade de discernir temas pertinentes ao Espírito, ao Mundo Espiritual e à correlação deste com o mundo físico, material.

No entanto, o princípio das coisas, mormente de Deus e do Ser Inteligente da Criação, ainda permanecem como mistério para os homens, competindo-lhes fixar o que contêm as obras sérias que tratam do assunto, como as de Kardec, Dellane, Flammarion, Denis, Bozzano, Aksakof, dentre outros clássicos, além da contribuição invulgar — e por todos já reconhecida — da obra intermediada por Francisco Cândido Xavier — toda ela coordenada pelo Espírito de Emmanuel.

É que o conhecimento superior, genuíno, pede o preparo moral das criaturas para se tornar inteligível. E isso porque o egoísmo e o orgulho, que têm infelicitado nossa Terra e as zonas inferiores que a ela se agregam, são obstáculos ao bom-senso e à clara percepção dos valores mais altos, mantendo a existência corporal em condições ainda primitivas, como um casulo sufocante e constritor, embora de características transformadoras no tempo, se comparado, esse casulo, à leveza e liberdade da falena que, encantada, se move tão distanciada dele, para ganhar o azul do céu.

Há muito sistema incoerente apresentando-se por verdade científica, tanto quanto existem revelações esdrúxulas, chulas, contraproducentes, sem arrimo científico-moral.

A mais sublime aquisição de um indivíduo é o domínio que logre sobre si mesmo, transformando-se moralmente a fim de viver em sintonia com outros horizontes da Vida Universal.

A advertência existe por parte dos Espíritos Superiores e foi valorizada pelo Codificador. No mínimo, devemos-lhe nossa atenção, para que a vigilância nos livre do engodo próprio do personalismo vaidoso de muitos!

XIX

O ESPÍRITO

“Ora, aí o erro, pois que o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma. Quando o deixa, por ocasião da morte, não sai dele despido de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecíamos.”

— Allan Kardec (Do item 53, cap I, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Em nenhum momento de nossa história humana o Espírito — esse ser essencial que anima o corpo perecível e que antecede à formação desse mesmo corpo, sobrevivendo-lhe à desagregação celular — foi estudado e tão racionalmente compreendido, consoante ocorreu a partir dos trabalhos do mestre Allan Kardec.

E os Espíritos, sendo “as inteligências extracorpóreas que povoam o Universo fora do Mundo Material”, são também, na condição de almas, os seres encarnados que habitam a Terra.

São definições claras e simples como todas as que revelam o que é superior, de natureza divina e atemporal.

Indiscutivelmente, pensadores e místicos, estudiosos e filósofos de todos os tempos o pressentiram, dando-lhe o caráter que lhe reconhecemos a partir da Ciência Espírita — o de imortal criação inteligente de Deus, operando no Cosmo segundo disposições de Sua vontade. Todavia, havemos de reconhecer, um quê de imprecisão, de hesitação, de dúvida, ou mesmo um halo de misticismo que sempre tornaram sua concepção um

tanto deformada e inteligível, tornando difícil sua percepção ante a razão mais exigente, perante a lógica que a tudo deve presidir. Esta imprecisão, que por toda a história do Mundo pairou sobre a existência e natureza do Espírito, fez dele um tema por demais abstrato, sem objetividade e transparência.

A partir da Codificação da Terceira Revelação Divina, um tempo de compreensão efetiva se instaura para os interessados no real conhecimento de si mesmos.

O Espírito é o ser que pensa e sente, que arquiteta e realiza, alcançando, a partir dessas operações inestancáveis e crescentes, o seu galardão: a inteligência lúcida e moralizada.

Com os ensinamentos espíritas, qualquer criatura pode adentrar com êxito e sublime proveito o universo do impalpável, com a segurança e o discernimento dos que lidam há muito com a matéria e seus movimentos cíclicos.

O entendimento preciso do que somos, da escala de desenvolvimento que nos é própria na Terra e algures (Escala Espírita, questões de nº 100 e seguintes, em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec) nos prepara a seguir com êxito e fecunda reverência no rumo da perfeição.

Na tarefa específica da mediunidade, a clara definição do Espírito e suas mais diversas condições no Além são de fundamental importância. Representa esse estudo — e conseqüentemente a observação em sessões práticas, se possível for — o passo de segurança e real equilíbrio na lida do intercâmbio, evitando-se os excessos da imaginação em ocorrências anímicas e de mistificação, livrando-se da idolatria em torno de entidades do Astral e mesmo de médiuns e trabalhadores a serviço da Causa.

A existência dos Espíritos e sua evolução além da Terra se revela de algum modo palpável e perfeitamente inteligível na obra da Codificação e através da prática séria e responsável no intercâmbio com eles, o qual nos assegura a experiência de vulto no tempo. Conhecimento e vivência, dessa forma, erigem-se em bom-senso e psicologia profunda a nos projetar a própria iluminação.

XX

AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

“A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, desconhecemo-la por completo. Apenas pelos seus atos ele se nos revela e seus atos não nos podem impressionar os sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre que ele atua, como nós atuamos sobre o ar, para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações.”

— Allan Kardec (Do item 58, cap. I, parte II, de *O Livro dos Médiuns*)

Nenhum adepto do Espiritismo e principalmente nenhum médium estaria em harmonia com a Verdade do Consolador, no justo papel de espírita, sem o entendimento dos princípios que alavancam a Nova Revelação entre os homens.

A análise criteriosa, sensata e inteligível que o Codificador leva a efeito sobre o Espírito, sobre o envoltório que lhe dá a forma humana no Além — o perispírito — e conseqüentemente sobre o papel do corpo físico que os retrata no Mundo Material, faculta ao aprendiz, candidato a lidar com a fenomenologia mediúnica, o juízo perfeito das peças com as quais deverá lidar com segurança.

Numa engrenagem qualquer da sociedade terrena, a engenharia responde pela eficiência do produto. E para que semelhante engenhoca se torne útil e segura, instruções são fornecidas acerca de seu funcionamento e utilização ideal.

Kardec inicia o “tratado” gigante, que é *O Livro dos Médiuns* pelas definições claras e sensatas, sem cujo conhecimento prévio uma série de escolhos e decepções terão vez.

No que se reporta à ação dos Espíritos — que são imateriais — sobre a matéria, descobriu o denodado missionário da Terceira Revelação que eles têm por revestimento no Mundo Espiritual o que por ele fora denominado de perispírito. A descoberta não é fruto de informação espontânea e pronta dos desencarnados, embora tenham eles confirmado isso. Foi resultado de árduo trabalho de pesquisa, de paciente e criteriosa experimentação. Como o nosso escopo não é discorrer sobre o envoltório semi-material dos Espíritos, recomendamos não somente o estudo do material que Kardec disponibiliza nos livros de sua autoria, incluindo todos os volumes da Revista Espírita publicados por ele, mas também as obras de Ernesto Bozzano, Alexandre Aksakof, Albert de Rochas e Jayme Cervino, dentre outras monumentais.

Insistimos na valorização da didática kardequiana e nos fundamentos da obra espírita com os já considerados autores clássicos, porque a certeza em matéria de crença e, acima de tudo, a entrega pessoal ao serviço doutrinário e mediúnico requisitam a solidez das experiências granjeadas por aqueles que nos antecederam neste caminho de verdade e amor.

O perispírito é a chave para todos os fenômenos que revelam a ação dos Espíritos no Mundo Material. Através do estudo desse “mediador plástico” que se torna a nossa veste principal e ordinária assim que penetramos as realidades extracorpóreas, temos o roteiro seguro e de fecundo entendimento para os labores entre os dois Mundos que se entrosam.

Efetivamente, o ínclito codificador da Doutrina Espírita não poderia iniciar de outra forma a era do entendimento espírita e da mediunidade na Terra.

A nós todos — os seguidores da Excelsa Revelação — compete a busca desse conhecimento, para seguro desabrochar de nossa fé a serviço do bem.

XXI

AS MESAS GIRANTES

“Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, por essa razão, algumas explicações lhes devemos, tanto mais que, mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas que os produzem ficará facilitado e, uma vez firmada, a teoria nos fornecerá a chave para a decifração dos efeitos mais complexos.”

— Allan Kardec (Do item 60, cap. II, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Dos fenômenos mais simples da Natureza a inteligência humana tem extraído verdades sublimes, capazes de explicitarem facetas da vida organizada em decorrência das leis que regem a matéria, então tornadas conhecidas.

Tomando por referência o conhecimento humano já amalhado, Allan Kardec observa fenômenos que, à primeira vista, podem causar admiração, estranheza ou zombaria. Predominou nele, o Codificador, o espírito científico, sob cujo clima lançou-se à experimentação paciente e criteriosa, alcançando, por consequência, toda uma doutrina que explica racional e completamente essa ordem de fatos, satisfazendo ao mais exigente padrão de lógica e bom-senso.

Vale recordar que a queda de um fruto induziu Newton a conceber, com o reconhecimento da lei de gravidade, todo um sistema mecanicista do Universo material.

As Mesas Girantes tornaram-se um marco para o tempo espírita que então era inaugurado na Terra. Estão para a nova ciência como o alfabeto para a literatura.

Em mediunidade, fatos insólitos, inabituais, sinalizam a presença de entidades do Mundo Astral. Estudando-os à luz do que o Espiritismo ensina, todos os interessados alcançam extraordinárias lições experimentais, sublimes certezas, porque mais do que se possa supor, a interação entre os dois mundos é constante e fecunda.

A Humanidade, pois, deve aos fenômenos das mesas o reconhecimento natural dos que passam a usufruir de novos conhecimentos e de conseqüente bem-estar espiritual, oriundo dos ideais e das luzes revelados por Deus a seus filhos em formação moral.

XXII

PROFUNDIDADE DOUTRINÁRIA

“Era, como bem se compreende, um vasto campo a ser explorado. Raciocinou-se que, se naquilo havia uma inteligência oculta, forçosamente lhe seria possível responder a perguntas e ela de fato respondeu, por um sim, por um não, dando o número de pancadas que se convencionou para um caso e outro.

“Por serem muito insignificantes essas respostas, surgiu a ideia de fazer-se que a mesa indicasse as letras do alfabeto e compusesse assim palavras e frases.”

— Allan Kardec (Do Item 68, cap. III, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quando se aprende o Espiritismo com seriedade e comprometimento íntimo, percebe-se a harmonia da Doutrina como ciência experimental, assim nascida e positivada pelos critérios admiráveis e justos utilizados pelo Codificador, cuja verve se revela lúcida e sensata como poucas em nossa longa história de progresso e evolução.

Esse estado de comprometimento doutrinário por parte do estudioso determinará a qualidade de seu envolvimento com a Terceira Revelação de Deus aos homens.

Neste século e meio de doutrina organizada, encontramos muitos interessados — seja pesquisando, consolando-se com as verdades expostas, lidando com fenômenos por curiosidade ou filosofando através dos princípios revelados. Muito embora leiam, discutam, analisem, experimentem, especulem e sintam-se com isso beneficiados pelo trabalho

do Espírito de Verdade com Allan Kardec, quantos deles permanecem à margem do serviço iluminativo, sem apresentar a profundidade e a coerência de pensamento e comportamental, nitidamente doutrinárias?!...

A segurança e a lógica presidiram ao esforço daquele que o Cristo elegera por “maestro” da codificação espírita. E o seu exemplo, a sua acuidade, o seu desprendimento pessoal nos estimulam a extrair, de fatos e oportunidades que se renovam, a essência moral-espiritual que sedimenta a cultura universal da vida, capaz de dotar a criatura de fé racional e de poder realizador no bem, num atestado de transformação interior por consequência inarredável desse processo educativo por excelência.

Quando nos reportamos ao tema “profundidade doutrinária”, não desejamos nos referir à soma de conhecimentos apenas, mas à clara, coerente e crescente percepção da Verdade Superior. Reportamo-nos àquela percepção que ocorrera com o emérito Professor Rivail ao lidar com os fenômenos das mesas girantes, na França do século XIX, e que se imortalizou para a Terra sob o pseudônimo de Allan Kardec.

Numa época de hesitações e vaidades, de infidelidade e tormenta moral, qual a que o Mundo vive na atualidade, o envolvimento decidido e lúcido com as Bases Espíritas representa efetiva conquista do indivíduo nos domínios da Luz, com o sentimento da caridade por consecução natural da verdade compreendida pelo raciocínio e sentida pelo coração.

XXIII

ORIGEM DAS MANIFESTAÇÕES

“Averiguado que estas não eram dadas pelo médium, deduziu-se que, então, o eram pelo pensamento. Mas, o pensamento a dar pancadas constituía fenômeno ainda mais prodigioso do que todos os que haviam sido observados. Não tardou que a experiência demonstrasse a inadmissibilidade de tal opinião. Efetivamente, as respostas muito amiúde se achavam em oposição formal às ideias dos assistentes, fora do alcance intelectual do médium e eram até dadas em línguas que este ignorava, ou referia fatos que todos desconheciam. São tão numerosos os exemplos, que quase impossível é não ter sido disso testemunha muitas vezes quem quer que já um pouco se ocupou com as manifestações espíritas.”

— Allan Kardec (Do item 69, cap. III, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Tão consistente e prolífico foi o trabalho do Codificador e de seus companheiros de pesquisa que, de ordinário, quem não o acompanha em sua maratona experimental, através das obras que deu a lume, geralmente desdenha dessas bases legítimas da Nova Revelação. E o fazem até mesmo com ares de falsa superioridade, que não suportam exames mais rígidos de convicção e profundidade cultural.

A bem da verdade, os livros da Codificação Espírita funcionam por curso completo de iniciação na Ciência da Espiritualidade. Sem a compreensão da cadência que ensejou o nascimento do Espiritismo, difícil se torna a percepção da grandeza e da autenticidade do Consolador, revelado de modo incomum e pleno, porque associou o empenho dos

homens, no que possuem de melhor, à manifestação da Luz Superior, em prol da positivação da Verdade na Terra.

A quem se permita a leitura grave e continuada das referidas obras, nenhuma dúvida e nenhum laivo de misticismo obscuro prevalecem. Na verdade, pela análise sensata e madura dos acontecimentos que fizeram nascer a Ciência Espírita e pelo estudo de todo o conteúdo revelado de modo insuspeito e fidedigno, o candidato ao conhecimento superior alcança padrões de certeza divina, dotando suas percepções de imensurável clareza e sua fé de poderoso efeito realizador.

Uma coerência sem par e sem solução de continuidade lhe atesta a origem dos fenômenos que têm ocorrido entre os homens, em todas as épocas e nas mais diversas condições culturais do Orbe, afirmando-lhe a imortalidade e a ordem progressiva dos seres e das coisas. Essa, sem dúvida, é a base sobre a qual a sua emancipação se dá, rumo ao infinito da Criação, então descortinada aos seus sentidos!

XXIV

MECANISMO MEDIÚNICO

“Porém, reconheceu-se mais tarde que todos aqueles objetos não passavam, em definitiva, de apêndices, de verdadeiras lapiseiras, de que se podia prescindir, segurando o médium, com sua própria mão, o lápis. Forçada a um movimento involuntário, a mão escrevia sob o impulso que lhe imprimia o Espírito e sem o concurso da vontade, nem do pensamento do médium. A partir de então, as comunicações de além-túmulo se tornaram sem limites, como o é a correspondência habitual entre os vivos.”

— Allan Kardec (Do item 71, cap. III, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quando se diz que uma nova ciência nascia com o trabalho do Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, semelhante comunicado não retrata apenas a veracidade de uma descoberta que beneficiaria, para sempre, a comunidade humana. Com a nova ciência que iniciava o homem no acervo de sua origem espiritual e de sua destinação cósmica, inaugurava-se na Terra um tempo novo — o da consciência espiritual, sem cujo contributo a matéria continuaria a ser o supremo escopo dos seres pensantes, fazendo desabar sobre eles o seu jugo escravizante, ilusório e sem perspectiva de felicidade eterna e real.

Descobrindo, *pari passu*, não somente a causa dos fenômenos que infestaram a Europa, mas igualmente o mecanismo de produção deles, aquele que seria conhecido por todos os povos como Allan Kardec facultava, aos interessados, a segurança no processo de intercâmbio com as Potências do Mundo Invisível, então pujantemente reveladas por aqueles fenômenos.

O fato é que, daí para diante, comunicações do Além se tornariam compreensíveis e possíveis, de modo inteligível e consciente, com possibilidades que variam ao infinito. Os sensitivos ou médiuns — denominação que o Codificador lhes deu — passariam a se experimentar à claridade de suas observações e descobertas, sem os riscos naturais dos que ignoram o *modus operandi* do processo e o que buscar nessa condição até então inabitual de aprendizado e iluminação interior.

Sem alicerce firme, não há edificação propícia ao abrigo de nobres ideais.

Embora a tendência ainda acomodada e desculpista de muitos irmãos da Seara Espírita, o entendimento da Doutrina, em suas bases, significa não somente a saúde e a integridade moral do Movimento renovador do Mundo, mas acima de tudo a sua própria preparação para as vivências de maior nível no Mundo Espiritual, após a desencarnação.

XXV

ENTROSAMENTO FLUÍDICO

“Destas explicações decorre que os Espíritos podem produzir todos os efeitos que nós outros homens produzimos, mas por meios apropriados à sua organização. Algumas forças, que lhes são próprias, substituem os músculos de que precisamos para atuar, da mesma maneira que, para um mudo, o gesto substitui a palavra que lhe falta.”

— Allan Kardec (Nota à questão XXIV, item 74, cap. IV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quanto mais densidade a matéria presente, mais mecânica se revela a força que a tudo conjuga na luta pela vida.

A Terra, enquadrada nesse tipo de coesão mais fechada, apresenta-se ainda como um mundo primitivo, se comparada a outros existentes no Cosmo e mesmo à manifestação de elementos que constituem, na forma vaporosa, parcelas integradas da Natureza, com ação poderosíssima sobre tudo — tais os gases e os raios de toda espécie, de múltiplo comportamento.

O assunto torna-se base de referência para que se entenda, na Crosta planetária, o Espírito e sua ação sobre a matéria propriamente considerada.

Habitados ao mecanicismo da força bruta, em regime lento e difícil de interação com o meio ambiente denso, em permanente choque de manifestações, desde os climas terrestres e, naturalmente, da conjugação de vários estados da matéria, os homens concebem as almas de seus semelhantes já mortos dentro dessa realidade em que vivem.

Mas há gritante equívoco. Do mesmo modo que a atmosfera é constituída de elementos rarefeitos, ensejando poderoso filtro para a Crosta do Orbe, o Mundo Espiritual, interagindo permanentemente com o Mundo Físico, dota-se de impressionante fluidez, muito embora os que nele habitem tenham certeza de sua ponderabilidade e rigidez estrutural.

É que, quando reencarnados, os Espíritos sofrem profunda alteração de ritmo vibracional. Tornam-se escravos de um sistema rude e exigente, tamponador de sua sensibilidade anímica e que lhes absorve as energias, então canalizadas para a manutenção do tipo de experiência que ela, a Terra, oferece.

Desencarnado, o Ser Espiritual de relativo equilíbrio sabe sobre a desativação da hipnose profunda que sofrera antes do reencarne. Apresenta-se desatrelado dos componentes materiais mais grosseiros e vibra noutra faixa de sintonia, diligente e bastante senhor de si.

Numa analogia, compara-se à criatura que esteve presa numa caverna escura e úmida, realizando trabalhos forçados a fim de aprender a valorizar a liberdade perdida por culpa própria. Assim que ressurge à luz do Sol, sente-se reviver, olvidando o sofrimento de outros dias.

Os Espíritos, pois, estão dotados de recursos que o senso moral lhes prodigaliza — recursos que vão ao infinito das possibilidades. E no seu contato com a matéria ainda tão densa no Planeta, agem de maneira diversa à do homem, todo mecânico na administração de seus interesses. Haja vista a ação deles pela mediunidade, mesmo quando pretendem produzir os denominados fenômenos de efeitos físicos.

Ao estudar o poder eletromagnético do pensamento — e isto já é uma realidade no Mundo, especialmente nas áreas culturais que lidam em favor do aperfeiçoamento tecnológico —, os irmãos encarnados fatalmente esbarrarão no que tange à realidade existencial dos desencarnados. E quanto mais moralizados são, mais o seu poder realizador se patenteia, como bem ensinou o mestre Allan Kardec.

XXVI

EFEITOS FÍSICOS

“Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim nos podemos exprimir. Em algumas pessoas se verifica, por efeito de suas organizações, uma espécie de emanção desse fluido e é isso, propriamente falando, o que constitui o médium de influências físicas. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, como mais ou menos fácil a sua combinação, donde os médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão, porém, não é permanente, o que explica a intermitência do poder mediúnico.”

— Allan Kardec (Do item 75, cap. IV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Poderíamos afirmar que o médium de efeitos físicos é aquele que transforma valores espirituais em recurso nervoso, em condição especialíssima, para a produção do que interessa aos Espíritos.

Como usina de material transcendente, sofre o desgaste natural do processo intenso de doação, tanto quanto o assédio dos famélicos irmãos desencarnados e também encarnados — todos necessitados de reequilíbrio e atenção.

De modo consciente ou involuntário, esse tipo de médium expelle de si as energias que lhe custam à economia moral. Quando a moralidade dota-lhe o coração de qualidades, respira, então, mais aliviado na execução de suas tarefas e, mais ainda, quando encontra o Espiritismo por escola e

oficina de produção no Bem, em prol de sua missão entre os homens, caminha destemido e confiante na prestação de serviço por amor.

Obviamente não realiza só por si o trabalho, já que detém uma das partes que constituem a obra prevista. Falta-lhe geralmente a orientação e o concurso das Entidades vinculadas ao tipo de tarefa a se desenvolver; e se deseja a presença dos Bons Espíritos, não a obterá sem as disciplinas e os conhecimentos doutrinários e evangélicos.

Quando não lança mão do que a Revelação Superior nos legou, especialmente com Allan Kardec e seus lídimos continuadores de todos os tempos, marcha sob a exploração dos Espíritos atormentados e atormentadores, viciando as fontes donde o bem legítimo poderia surgir.

A Humanidade não caminhará sem os valores transcendentais e espirituais desse processo fenomênico, mas ele sofre o efeito da luz espiritualizante que vai alcançando todo o Orbe, sublimando-se em suas manifestações, já que o Planeta recebe múltiplos investimentos da Bondade Divina em favor de sua elevação moral, o que faculta à coesão molecular do Mundo substancial alteração. É a promessa da regeneração a se cumprir, beneficiando a todos!

XXVII

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

“Tais fenômenos, a que se poderia dar o nome de Espiritismo prático natural, são muito importantes, por não permitirem a suspeita de conivência. Por isso mesmo, recomendamos, às pessoas que se ocupam com os fatos espíritas, que registrem todos os desse gênero, que lhes cheguem ao conhecimento, mas, sobretudo, que lhes verifiquem cuidadosamente a realidade, mediante pormenorizado estudo das circunstâncias, a fim de adquirirem a certeza de que não são joguetes de uma ilusão, ou de uma mistificação.”

— Allan Kardec (Do item 82, cap. V, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Por estar em a Natureza, o Espiritismo é a força universal que dota os elementos diversos do Mundo Material de uma espécie de inteligência momentânea, facultando-lhes determinada direção, atividade e um fim.

Quanto fenômenos têm ocorrido na História Humana e quanto deles, tidos por misteriosos, são hoje, à luz da Ciência Espírita, esquadrihados, explicados racionalmente?!

Sua importância pode ser comparada àquela dos fenômenos corriqueiros e já dominados pela ciência do Mundo, como a incidência dos raios solares sobre a gleba, que então se cobre de verdura e alimento para os seres que nela vivem; dos que fazem as quedas d’água produzirem energia; das emissões próprias a elementos do reino mineral, hoje utilizados como fonte energética de alto poder...

O Espiritismo inaugurou na Terra a era da ciência do Espírito, desmontando todas as crenças fundadas no maravilhoso e no sobrenatural. Em verdade, comprova ele a perfeita harmonia entre o Mundo Invisível e o Corpóreo, demonstrando uma cadeia espetacular de progresso e ascensão, com o ser imaterial — o Espírito — por artífice de toda a obra materializada e em constante movimentação no Planeta.

As manifestações físicas espontâneas, consideradas pelo Codificador como “Espiritismo prático natural”, são de suma importância para as ciências do novo tempo. Graças a elas — as manifestações fenomênicas sem qualquer indução da parte dos homens — temos vastíssimo elenco de fatos e ocorrências indenes de convivência ou articulações mistificadoras.

E se partimos do princípio que tudo o que é verdadeiro se repete incondicionalmente, ainda mesmo sem o domínio cultural do homem, temos, nessa ordem de acontecimentos especiais, um campo fecundo de observação e aprendizado, especialmente para os que ainda não conseguiram avançar pela lógica e pelo bom-senso da Codificação Espírita.

Recordemo-nos de que foi por obra desse tipo de manifestação, fora do âmbito de conhecimentos do homem, que o Professor Rivail, nosso Allan Kardec, encontrou motivo para realizar o exaustivo e glorioso trabalho de que se imbuíu, legando à posteridade o “Consolador”, prometido anteriormente por Jesus.

XXVIII

OS SONHOS

“As manifestações aparentes mais comuns se dão durante o sono, por meio dos sonhos: são as visões. Os limites deste estudo não comportam o exame de todas as particularidades que os sonhos podem apresentar. Resumiremos tudo, dizendo que eles podem ser: uma visão atual das coisas presentes, ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Também muitas vezes são quadros alegóricos que os Espíritos nos põem sob as vistas, para dar-nos úteis avisos e salutares conselhos, se se trata de Espíritos bons; para induzir-nos em erro e nos lisonjear as paixões, se são Espíritos imperfeitos os que no-lo apresentam.”

— Allan Kardec (Do item 101, cap. VI, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Cientificados pela Doutrina dos Espíritos de que somos seres inteligentes da Criação momentaneamente corporificados na Terra, quando entre os homens respiramos, fácil se nos torna a análise dos fenômenos mais corriqueiros da existência, como é o caso dos sonhos.

Como a alma ou Espírito é quem governa o corpo de carne e o faz por uma entrosagem vibratória, energética, de profundo poder eletromagnético, sem se desligar completamente daquele corpo material, pode afastar-se por algum tempo em busca das vastidões espirituais que vigem na Criação. Esse fenômeno tão natural denomina-se “emancipação da alma” e é por ele que os sonhos ganham expressão na tela impressiva dos cérebros humanos, que dessa atividade pode guardar lembranças mais ou menos precisas, de acordo com as disposições morais e orgânicas do indivíduo.

Ao Codificador esse estudo tão importante não passou de largo, tanto que ele o enquadró no capítulo que trata das manifestações visuais. Em suas notas elucidativas e ricas, ele nos adverte sobre três possibilidades dos sonhos: passado, presente e futuro.

Em relação ao pretérito da alma reencarnada num novo corpo, fatos ou trechos de suas vivências anteriores podem eclodir — e este fato é mais comum do que se imagina no Mundo. Funciona por sinalizador moral, induzindo a criatura a reflexões ou mesmo a emoções específicas, com objetivos os mais diversos: geralmente expiatórios, se há presença de entidades vingativas ou insatisfeitas; ou provacionais, se a alma que relembra o passado necessita se afirmar no bem, recompondo-se vigorosamente de dramas já vencidos.

Em nossa última romagem no corpo físico, esse tipo de experiência nos foi verdadeiro campo de depuração, pois os quadros vivos do pretérito nos pareciam a realidade presente, constrangendo-nos a sofrer novamente a dor moral pelo mal feito, pela deserção à vida, tantas vezes com o agravante das pressões espirituais oriundas de muitas entidades sofredoras, que então nos procuravam aflitas e sem roteiro. Nessas horas amaríssimas e tristes, tão-somente o conhecimento superior como estrela-guia e, associado a ele, o trabalho de regeneração na Seara do Divino Crucificado nos asseguravam a fé renovada e consciente!

Os médiuns, por sua natureza diferenciada, geralmente têm a facilidade dos registros pretéritos, que lhes surgem de sonhos especiais ou de reminiscências espontâneas, como afirmação de compromissos e também pesadas advertências ao seu comportamento atual. Cabe-lhes discernimento e discrição nestas oportunidades, pois não se pode brincar com o sagrado sem correr risco de cair em ciladas obsessivas.

No que diz respeito ao presente, temos a recapitulação do cotidiano. Trata-se de um exercício natural da mente que muito colhe dos fatos comuns da lida humana. Pode apresentar sinais e avisos muito importantes à criatura, pois, em tudo e com todos, nós estamos nos capacitando moralmente para a Vida Superior.

Quanto ao futuro, o vislumbre do que ocorrerá, seja individual ou coletivamente, é uma revelação patrocinada pelos Emissários do Bem que

nos governam. Trata-se de sonhos ou visões mais raras, com objetivo sério e em tudo espiritual.

Em todos os casos, porém, como o próprio organizador da Doutrina explicita, pode haver ação dos Espíritos inferiores. E o critério a se observar não foge ao que ele propõe: fugir da lisonja e das paixões, que nos levariam a cometer muitos erros.

Os sonhos, mais do que supõem e concluem os especialistas do Mundo, têm a ver com a movimentação evolutiva do ser reencarnado e, por isso mesmo, expressam, em símbolos e enredos próprios, sua condição momentânea, suas dores e compromissos, suas necessidades e anseios, tanto quanto suas perspectivas de melhora e elevação. É, indubitavelmente, uma prova de sua movimentação espiritual entre a Terra e o Além.

XXIX

O PERISPÍRITO

“O perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações. O conhecimento dele foi a chave da explicação de uma imensidade de fenômenos e permitiu que a ciência espírita desse largo passo, fazendo-a enveredar por nova senda, tirando-lhe todo o cunho de maravilhosa. Dos próprios Espíritos, porquanto notai bem que foram eles que nos ensinaram o caminho, tivemos a explicação da ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Aí encontraremos ainda a de muitos outros fenômenos que examinaremos antes de passarmos ao estudo das comunicações propriamente ditas. Tanto melhor as compreenderemos, quanto mais conhecedores nos acharmos das causas primárias. Quem haja compreendido bem aquele princípio, facilmente, por si mesmo, o aplicará aos diversos fatos que se lhe possam oferecer à observação.”

— Allan Kardec (Item 109, cap. VI, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Remontando às causas de todos os fenômenos ocorridos, o Codificador nos enseja o domínio seguro dos elementos que patrocina, em ordem natural e diversificada, a gama de ocorrências até então tidas por sobrenaturais e maravilhosas.

Afirmando ser o perispírito a chave que nos autoriza a justa compreensão do mecanismo de ação das Potências Espirituais sobre o mundo dos seres corpóreos, de constituição física, ensina-nos Kardec a aprofundar a sonda do conhecimento lógico — e por isso científico — a fim de colhermos pela razão o néctar da Verdade Universal, sem qualquer

excentricidade mística, própria dos que ignoram os princípios, em adoração cega, geralmente tomando os efeitos pela causa.

Sem o conhecimento do perispírito, de sua natureza intrínseca e de seu papel na intermediação entre o Espírito propriamente dito e as formas materiais, dentre elas o próprio corpo carnal, a fenomenologia espírita — existente em todas as épocas e culturas do Mundo — estaria sendo catalogada por fato sobrenatural, inexplicável racionalmente ou negada sistematicamente pelo cientificismo de periferia, sem compromisso com a verdade, e até mesmo pelas religiões tradicionalistas, acomodadas em seus dogmas e em seus domínios materiais.

Numa civilização como a da Terra, eivada de limitações e vícios, as individualidades costumam se ocupar com o que a instintividade física ou as paixões ordinárias ditam, através de impulsos irrefletidos ou dos desejos inflamados de satisfação imediata. Por isso os estudos mais profundos, tanto quanto o senso de responsabilidade ante o que lhe é inabitual, parece, à maioria acomodada, um verdadeiro exotismo cultural ou moral.

Para os espíritas-cristãos, considerados os verdadeiros por Allan Kardec, a pesquisa e o envolvimento sincero com a Doutrina tornam-se suas credenciais, a lhes assegurar profundidade e segurança na lida renovadora. Nessa renovação têm a si próprios por marco de transformação social e a vida comunitária por reflexo vivo de seus estudos e práticas espiritualizantes.

O perispírito, pois, é um elemento cujo conhecimento nos faculta substancial aquisição intelecto-moral para a lida promissora na mediunidade.

XXX

DESDOBRAMENTO E BICORPOREIDADE

“Poderíamos dizer que o corpo vive a vida orgânica, que independe do Espírito, e a prova é que as plantas vivem e não têm Espírito. Mas, precisamos acrescentar que, durante a vida, nunca o Espírito se acha completamente separado do corpo. Do mesmo modo que alguns médiuns videntes, os Espíritos reconhecem o Espírito de uma pessoa viva, por um rastro luminoso, que termina no corpo, fenômeno que absolutamente não se dá quando este está morto, porque, então, a separação é completa.”

— Allan Kardec (Do item 118, cap. VII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Do mesmo modo que a observação dos fenômenos da Natureza ensinam aos sábios a formulação das ciências que dão à Humanidade um tom de civilização, a análise criteriosa dos fenômenos anímicos e mediúnicos permitiram a Allan Kardec e a outros pesquisadores a extraordinária formulação do Espiritismo, que chega em momento oportuno para auxílio dos homens em suas lutas de afirmação moral-espiritual, acima mesmo das pelejas primárias que diziam respeito ao domínio do meio ambiente, da matéria em si.

Catalogados em todos os tempos, submetidos agora à razão pura e iluminados pela ética que deles ressuma, os fatos espíritas demonstram a realidade intrínseca do ser humano, revelando, ainda, peculiaridades do processo evolutivo das almas — encarnadas num corpo biológico ou sobreviventes a ele, após sua desagregação molecular.

A emancipação da alma é atividade permanente que, sob a ótica do estudo e da pesquisa experimental, se positiva e ensaja a percepção de um movimento essencial, poderosíssimo, a interligar seres e coisas, a preparar acontecimentos, induzindo-nos a aceitar a Providência Divina como o real poder atuante e em tudo benéfico, em todos os domínios da Criação.

Através do sono, mas também pela abstração mental, quando o pensamento simboliza a própria alma em liberdade transitória, fora do corpo, a buscar o que lhe apraz ou a sonhar com o que lhe sensibiliza, de modo às vezes até inconsciente, o desdobramento da personalidade se dá, inequívoco.

E a atividade não para por aí. Torna-se, em alguns casos, evidente fenômeno tangível — o da bicorporeidade.

Quando o corpo descansa, em aturdimento e torpor, qual o de um sono pesado ou ainda na condição de uma madorna, a alma pode — se há permissão do Alto para isso e se há vontade firme da criatura em transe —, através da densificação do seu perispírito, que nesta condição lança mão dos fluidos ambientes, principalmente dos fluidos mediúnicos de alguém que esteja presente ou próximo, a alma pode se mostrar como geralmente é vista no corpo físico.

Trabalhando sobre estes fenômenos e elencando-os em sua obra, *O Livro dos Médiuns*, Kardec nos auxilia a compreender os fundamentos reais de toda a fenomenologia transcendente.

Semelhantes fatos tornam-se, então, naturais e nos comprovam cientificamente as possibilidades do Espírito, através de seu envoltório, o perispírito.

Estas observações, que dizem respeito ao movimento da alma entre os Mundos Corpóreo e Espiritual, ainda outro ensino nos deixam: o de que o ser encarnado se dota de laços energéticos específicos, vinculando-o ao seu corpo físico. Aonde for, segue com esse tipo de “cordão fluídico” a ligá-lo ao organismo material que então descansa, em estado vegetativo.

Toda a energia aglutinada nesse laço vibratório, que o prende ao corpo, se constitui do fluido cósmico. Na essência, o laço apresenta uma irradiação puríssima, imaterial, do Espírito, que através dele se alonga,

vinculando-o, principalmente, à região do corpo físico que o médico André Luiz, em escrevendo através de Francisco Cândido Xavier, nomeou por “fossa romboidal”. Em torno desse fio tenuíssimo e ainda inexplicável para os homens, a energia vital, como transformação do fluido cósmico, gravita e se condensa, por legítimo alimento das células fisiológicas.

A ciência do Espírito é a luz do progresso moral.

PARTE SEGUNDA

O ESPIRITISMO PRÁTICO

I

NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

“O caso, porém, muda inteiramente de figura, quando essa inteligência ganha um desenvolvimento tal, que permite regular e contínua troca de ideias. Já não há então simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras comunicações. Os meios de que hoje dispomos permitem que as obtenhamos tão extensas, tão explícitas e tão rápidas, como as que mantemos com os homens.”

— Allan Kardec (Do item 133, cap. X, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Vencida a fase preliminar do estudo, da pesquisa elementar, das observações justas, concernentes às manifestações que atestam insofismavelmente a intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo, inicia-se outra, não menos exigente e muito mais abrangente que a primeira, na preparação de crentes e trabalhadores espirituais — sejam divulgadores, dirigentes ou médiuns.

A partir da convicção dos fatos espíritas, a ordem moral assinalará a jornada dos que lidem com médiuns e mediunidades, comunicações e ensinos.

O Codificador tão bem anteviu isso que, antes do estudo objetivo das peculiaridades mediúnicas inteligentes e do papel dos médiuns nas comunicações, logo após a análise dos fenômenos físicos e suas naturais decorrências no meio humano, apresenta, em *O Livro dos Médiuns*, o capítulo que passa a nos merecer a atenção: “Da Natureza das Comunicações”.

Desenvolvendo-o em torno de quatro categorias principais, requer dos espíritas e dos simpatizantes sérios — interessados em sua boa formação doutrinária, como providência cidadã para a vida universal, cósmica, em Deus — a análise e a mais acurada atenção, pois sobre este repositório de bom senso e sabedoria apresentado por Allan Kardec repousa a base do critério pessoal para a justa interpretação dos ditados e ensinamentos vindos dos Espíritos em direção da Terra.

As *comunicações grosseiras* estarão invariavelmente em desacordo com o que propõe a evolução moral e a caridade. Viciosas, desrespeitosas, vazadas em linguagem chula, corriqueira, tais comunicações não consideram o “bom-tom”, a elegância, o fomento da fraternidade, pois vêm ao encontro do que se vive na sociedade visitada por violência e aberrante sensualismo, falta de decoro, culto à rebeldia e desconsideração geral.

Estas *comunicações grosseiras* a tudo achincalham e a todos questionam pretensamente, tentando revolucionar através de expressões libertinas, de baixa estofa, sem a devida compreensão da força universal chamada Amor.

Surgem por inspiração dos Espíritos impuros, malévolos, avessos à moral e à união dos homens no bem, encontrando campo fértil e fácil no vazo dos médiuns ambiciosos, interesseiros, vaidosos, sagazes, inconformados com sua própria situação de aprendizado moral, de resgate de faltas pretéritas.

Nas *comunicações frívolas* reconhece-se a presença dos Espíritos levianos, zombeteiros ou brincalhões. As reuniões pouco sérias, sem objetivo moral definido, sem estudo e sem trabalho renovador no bem coletivo, são o alvo preferencial dessa ordem de Espíritos que nunca se ocupam com a verdade, mas criam, na mente dos expectadores, através de maliciosas falas ou de folguedos irresponsáveis, os sonhos mais esdrúxulos e as concepções mais deformadas da vida, cooperando ativamente para que seu público caia em frustração, no ridículo e na descrença.

Terminam por secundar o esforço dos Espíritos de baixa estofa — aqueles das comunicações grosseiras, arrogantes e ímpias. Geralmente animam as reuniões onde pessoas buscam dinheiro fácil, companhias

amorosas, soluções mágicas para problemas existenciais e, acima de tudo, alimento para suas vaidades, caprichos e orgulho.

Seus médiuns são rasos moralmente, maliciosos, negadores ou desconhecedores das leis que regem a vida e o intercâmbio mediúnico, e, por isso, tornam-se obsidiados contumazes, merecedores de comiseração e preces.

As comunicações sérias e as instrutivas nos merecerão considerações e conjecturas nos capítulos seguintes.

II

COMUNICAÇÕES SÉRIAS

“Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica.”

— Allan Kardec (Do item 136, cap. X,II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Nas comunicações sérias o fundo e a forma se apresentam dignos, apontando uma utilidade. Elas podem ter um caráter coletivo, interessando à Humanidade, ou individual, por exemplo o consolo e a orientação de um filho desencarnado ao coração da mãe, ainda na Terra.

Todavia, se podemos classificar a comunicação como séria, competenos distinguir as verdadeiras das falsas. Reproduzamos as considerações do Codificador nesse sentido exaradas no item supracitado: “[...] nem sempre é fácil (essa distinção), porquanto, exatamente à sombra da elevação da linguagem, é que certos Espíritos presunçosos, ou pseudo-sábios, procuram conseguir a prevalência das mais falsas ideias e dos mais absurdos sistemas. E, para melhor acreditados se fazerem e maior importância ostentarem, não escrupulizam de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Esse um dos maiores escolhos da ciência prática.”

Nenhum médium está forrado contra esse tipo de acontecimento. E tão-somente a despersonalização do medianeiro poderá assegurar a sua justa identidade com o Mais Alto.

Geralmente, na azáfama mediúnico-doutrinária, o intérprete do Além sofre a incompreensão do meio, a pressão das forças contrárias, carregando

uma tarefa ainda nova e desafiadora, agregada a outras de subsistência e convivência social. Isso define, para ele, um tipo de sofrimento contínuo, mas que o livra de ilusões e desejos mais comuns, beneficiando-o.

O perigo, contudo, vai se intensificando na medida em que médiuns e mediunidades são aceitos e passam a ser reverenciados pelo Mundo, pois, fugindo ao clima adverso e encontrando bajulação e lisonja, cortejo e admiração crescentes, a personalidade mediúnica sobrepuja o ideal, reafirmando-se frágil, para vitória do “homem velho”.

Sem fazer apologia à dor, afirmamos que, moralmente, as dificuldades, simbolizando “rédeas curtas”, ainda são o melhor clima para os médiuns em trabalho de regeneração, até que a lídima consciência espírita-cristã viceje, em espírito e verdade, no meio que nos é tão caro e promissor!

III

COMUNICAÇÕES INSTRUTIVAS

“Unicamente pela regularidade e frequência daquelas comunicações se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos que as dão e a confiança que eles merecem. Se, para julgar os homens, se necessita de experiência, muito mais ainda é esta necessária, para se julgarem os Espíritos.”

— Allan Kardec (Do item 137, cap. X, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

As *comunicações instrutivas* têm o objetivo de ensinar sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. Sérias, denotam maior ou menor profundidade, de acordo com o grau de elevação ou de desmaterialização dos Espíritos.

Com estas definições claras de Allan Kardec, podemos entender nessas comunicações as que interessam aos homens, muito embora tantas vezes eles prefiram outra categoria de manifestações: as que retratem seus desejos e alimentem suas vaidades, seus caprichos, suas ilusões.

O Espiritismo tem o compromisso de iniciar a Família Humana na Era do Espírito. Por isso, o Professor Rivail não se deteve em exterioridades e se impôs, à luz do Espírito de Verdade, a tarefa nada fácil de explicar à Humanidade terrena tudo o que diz respeito às leis espirituais da Criação, regulando com seriedade e segurança incomuns, os meios de intercâmbio com o Além-túmulo — base imprescritível para a iniciação cósmica do ser humano.

Assegurando que só a verdade é instrução, temos em nosso Movimento Espírita a responsabilidade de filtrar toda e qualquer manifestação, sem, contudo, perder a espontaneidade fraternal que já representa, por si, a força depuradora de intenções contrárias ao que nos propõe o Cristo de Deus.

Quando se preconiza cuidado e zelo com os ensinamentos espíritos, trabalha-se para Jesus, que nos enviou Allan Kardec a fim de que a Terceira Revelação não sofresse a injúria dos oportunistas e apressados, das ideias mais humanas que divinas, consoante se pode observar em tantas obras já publicadas e que mesclam posições doutrinárias com ideais personalistas, transitórios.

Para orientar os homens na direção de Deus, a Verdade imaculada é o caminho.

Todo trabalho mediúnico passa por fases próprias ao médium em formação. A regularidade e a frequência são indispensáveis ao atestado de coerência e valor moral de quem se manifesta. Entretanto, não haverá depuração e excelência no serviço se o intermediário não abrir mão de si mesmo, de suas ideias e pontos-de-vista, a fim de que os Embaixadores da Altura possam se expressar com liberdade e sem a censura do instrumento, quando efetivamente está em sintonia com a Luz.

IV

A LINGUAGEM DOS SINAIS

“As primeiras comunicações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas, ou da tiptologia. Muito limitados eram os recursos que oferecia esse meio primitivo, que se ressentia de estar na infância a arte, tudo se reduzindo, nas comunicações, a respostas monossilábicas, por — sim, ou — não, mediante convencionado número de pancadas. Mais tarde, foi aperfeiçoado, como já dissemos.”

— Allan Kardec (Do item 139, cap. XI, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Obedecendo à ordem natural das coisas e denotando sabedoria irretocável, a mediunidade atingia, com Allan Kardec por observador criterioso e autorizado instrumento do progresso intelecto-moral na Terra, o seu apogeu, para benefício da família humana em evolução moral.

Uma revisão histórica dos efeitos do Espírito sobre a matéria, ou ainda, do Mundo Espiritual interagindo com o Mundo Corporal, operou-se no século XIX, desde que os fenômenos classificados pelo Mestre lionês por tiptologia inauguraram a “Era do Espírito” no Globo.

Assombrosa e consoladora é a ação da Misericórdia Divina sobre a Humanidade, para enaltecimento da vida, com a irrepreensível revelação de seu poder, estribado na imortalidade gloriosa.

Os sinais podem sugerir, ao homem intelectualizado e tecnológico da atualidade, rudimentos inexpressivos do Além. Todavia, se o átomo, durante tantos séculos, configurou a base elementar da organização planetária, esses “sinais”, ou a tiptologia, por si, consoante bem

compreendeu e proclamou o Codificador do Espiritismo, é o alicerce vigoroso sobre o qual se erigiu e avança o universo da mediunidade para a mentalidade terrestre.

Os fenômenos físicos, na História do Mundo, antecederam os fenômenos inteligentes propriamente ditos. A própria criação do Orbe, sob a coordenação de Nosso Senhor Jesus Cristo, atesta o poder da influência espiritual sobre os elementos que se ordenaram e passam a revelar a harmonia das Leis Criadoras de Deus!

O homem surgiu, como tal, graças aos fenômenos que o antecederam no Planeta. O “jardim” terrestre fora formado e se revelou coerente e belo, fecundo e harmônico, próprio à promoção da vida como tem sido ela acalentada em nossa morada cósmica, através de nossas manifestações anímicas.

O emérito Professor Rivail, sintonizado com o Espírito da Verdade, nos legou lições completas sobre a mediunidade e seus efeitos, marcando uma nova etapa de conhecimento e moralização para todos.

V

O BERÇO DA PSICOGRAFIA

“Nos primeiros tempos das manifestações, quando ainda ninguém tinha sobre o assunto ideias exatas, muitos escritos foram publicados com este título: Comunicações de uma mesa, de uma cesta, de uma prancheta, etc. Hoje, bem se percebe o que tais expressões têm de impróprias, ou errôneas, abstração feita do caráter pouco sério que revelam. Efetivamente, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas não mais do que instrumentos ininteligíveis, embora animados, por instantes, de uma vida fictícia, que nada podem comunicar por si mesmos. Dizer o contrário é tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio.”

— Allan Kardec (Do item 158, cap. XIII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Numa sequência lógica e natural, própria do evolucionismo que domina tudo na Terra, a fenomenologia ultrapassa a órbita dos “sinais” e o gênio do Professor Rivail, com apoio decisivo de seus companheiros de pesquisa, descobre a relação “médium-instrumento de escrita”, com o fito de agilizar e aprofundar os comunicados espíritos.

Os apêndices citados, tais como pranchetas, mesinhas-tripés, cestas, etc. representam a transição que conduziria o fato espírita ao seu mais alto grau de diligência, profundidade e segurança: a psicografia.

Reconhece-se, com facilidade, nos relatórios de Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*, a legitimidade da Ciência Espírita então nascente, para proveito dos homens ante o advento da regeneração no Planeta.

A psicografia é um marco na sucessão de fatos reveladores que guardam o objetivo de despertar os seres encarnados para sua natureza espiritual, transcendente.

A obra da Codificação Espírita, em tudo divina, não poderia surgir sem as conotações lógicas e construtivistas. Em respeito à evolução já conquistada, a revisão dessas conquistas se fazia imprescindível e a Terceira Revelação de Deus aos homens contaria com o seu berço cultural, trabalhado exaustivamente no Mundo. O Espírito então triunfa da matéria e a luz se patenteia, inaugurando uma nova era de responsabilidades morais e realizações espiritualizantes para os homens.

Assentado na psicografia — carro-chefe da fenomenologia mediúnica genuinamente espírita —, todo um trabalho teria vez, ilustrando as criaturas e dotando de alma todas as iniciativas humanas!

VI

UNIVERSALIDADE MEDIÚNICA

“Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns.”

— Allan Kardec (Do item 159, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Chegou o tempo em que os temas da Revelação Divina tornam-se componentes iluminativos da Cultura Humana, abrindo ao homem o caminho do Infinito, em louvor de sua espiritualidade.

Reconhecendo-se alma encarnada, fadado a reassumir, com a morte de seu corpo, a sua condição imortal de Espírito, o homem encontra todas as respostas que sempre buscou pela filosofia e através das religiões.

A mística de todos os tempos toma corpo doutrinário e racional nesta fase em que as ciências terrestres alcançam projeção jamais vista, definindo, elas próprias, que a Terra é um aglomerado energético a acalantar, sob condições específicas, conhecidas por tempo-espaco, a formação elementar das criaturas pensantes, que se vão despertando para a Vida Eterna, no seio augusto de Deus — o Criador.

O Espiritismo, na sua expressão de Paraclete divino, é o brado que fomenta, na sociedade, a pesquisa, a reflexão, os questionamentos, as revisões da cultura estratificada, as deduções lógicas, sensatas, e as consequentes aberturas mento-emocionais dos seres. Jesus Cristo volta ao

centro de todas as cogitações e, por essa movimentação anímica de vulto, a faculdade mediúnica se afirma, já que tudo o que se conquista através de percepção sensorial e ajuizamento intelecto-moral diz respeito ao intercâmbio universal, pelo pensamento.

Pensar é absorver e retratar. Com as emissões mentais continuadas, outros podem igualmente reproduzir, em regime da sintonia.

Aliena-se na incultura personalista quem julga que não há permanente comunhão no Cosmos! Mesmo aí, nessa condição auto-obsessiva, há respaldo das mentes que igualmente se fecham no mesmo sentido. As ilhas são aglomerados e não há um elemento na Criação que possa sobreviver sem o seu ajustamento a determinados focos de gravitação espiritual.

Do diminuto átomo aos anjos, todos vivemos em regime de interdependência, com influência recíproca e todos nos movendo e podendo existir em Deus, para toda a Eternidade. Isto é a vida!

Quando Allan Kardec estabelece que a mediunidade é inerente ao homem, ele expressa uma verdade universal: todo ser humano é um Espírito encarnado e, como tal, intercambia com os Espíritos, de algum modo!

VII

MEDIUNIDADE OSTENSIVA

“Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações.”

— Allan Kardec (Do item 159, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Na trajetória das almas, em busca de seu progresso intelecto-moral, a mediunidade surge por resultante daquelas conquistas, afirmando-se lúcida e bem estruturada no psiquismo da criatura. E assim se passa porque o médium não necessita saber tudo o que os Espíritos poderão realizar através de suas faculdades, mas, forçosamente deverá apresentar elementares noções das coisas, relativo conhecimento da cultura humana, segundo a natureza do que revelará, em auxílio aos semelhantes.

Abundam, no campo físico, os dotes mediúnicos para atendimento dos interesses primários e até criminosos das pessoas, geralmente dentro do universo da magia. E isso por uma consequência natural: a de que os homens e mulheres carregam em seu psiquismo as marcas indeléveis de maldades e perversões, de vícios e ilusões acalentados desde outras eras.

Um médium moralizado é obra do tempo e do sofrimento, pois nesse “cadinho” de formação espiritual capacita-se ele a espelhar a Verdade que,

então, encontra ressonância em seu íntimo.

Os mais sensitivos, no sentido qualitativo, são geralmente aqueles que experimentaram agruras e alegrias, sombra e luz, à saciedade, podendo apresentar, após etapas reencarnatórias marcantes, a mente bastante amanhada, qual uma gleba em que o arado e o adubo tornassem fértil, pronta à produção em larga escala.

Geralmente, exceção feita aos missionários que operaram sua redenção anteriormente, os médiuns são almas comprometidas e sua tarefa mediúnica obedece aos critérios de sua própria evolução. Ora encontramos curando enfermos, ora doutrinando corações em bases morais, ora consolando aflitos, ora assistindo materialmente os famintos, andrajosos, necessitados de apoio e orientação. Todavia, são todos operários da própria regeneração, utilizando-se do que desenvolveram em seu psiquismo, agora sob a custódia do Evangelho do Cristo, para saneamento e iluminação de si próprios, através dos semelhantes que outrora desprezaram e feriram moralmente.

Há médiuns com especialidades as mais variadas, e tudo corre por conta dos compromissos assumidos em outras romagens reencarnatórias, de modo que, em estudando a natureza das tarefas a que foram chamados, poderão ajuizar de seus erros e deserções no pretérito.

Para todos, a bem de seu êxito moral em serviço, a Misericórdia Divina enviou o Espiritismo, que representa a aliança entre a Ciência e a Fé — genuíno alicerce da Era de Regeneração.

VIII

O MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS

“Tal faculdade não constitui, em si mesma, indício de um estado patológico, porquanto não é incompatível com uma saúde perfeita. Se sofre aquele que a possui, esse sofrimento é devido a uma causa estranha, donde se segue que os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la desaparecer. Nalguns casos, pode ser consequente de uma certa fraqueza orgânica, porém, nunca é causa eficiente. Não seria, pois, razoável tirar dela um motivo de inquietação, do ponto de vista higiênico. Só poderia acarretar inconveniente, se aquele que a possui abusasse dela, depois de se haver tornado médium facultativo, porque então se verificaria nele uma emissão demasiado abundante de fluido vital e, por conseguinte, enfraquecimento dos órgãos.”

— Allan Kardec (Do item 161, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

De todas as atividades mediúnicas, a que se caracteriza por efeitos físicos, com base no que se convencionou denominar “ectoplasmia”, é a que mais exige do medianeiro.

Por sua natureza singular, comprometendo as energias físicas de modo direto, requer do sensitivo que a detém uma constante vigília, com a devida aplicação de seus potenciais no Bem, como garantia de estabilidade física e moral.

Normalmente instável em sua regulação fisiológica, torna-se alvo das necessidades ululantes, de desencarnados em desajuste e ignorância, como de encarnados nas mesmas condições.

Suas reservas energéticas são, em muitos casos, abundantes, já que sua constituição biológica, obedecendo à psíquica, caracteriza-se pela pronta capacidade de reposição — desde que haja relativo equilíbrio moral-espiritual por parte do ser.

Um circuito intenso e vitalista, em franca movimentação definida por estados mento-emocionais do médium, permite a exteriorização do fluido vital que em sua organização abunda, exatamente para as realizações que a Doutrina Espírita proclama e propõe com autoridade científica e religiosa.

Estados patológicos que não se positivam em exames médicos, inquietude e prostração alternando-se, males diversos e errantes, turbações mentais e físicas, orgânicas e anímicas são sintomas transitórios e sempre mutantes na constituição fisiopsíquica do médium que se classifica como de efeitos físicos.

Visados pelos Espíritos descompromissados e viciosos do Além, que a esse tipo de médium sempre buscam, até inconscientemente, a fim de promover as “trocas” vibracionais, quando não para exercício do vampirismo declarado, merecem, igualmente, a atenção e o carinho dos Benfeitores e operários da Luz. Tais médiuns representam verdadeiras usinas de força vitalista, podendo tornarem-se, todos eles, em qualquer grau de sensibilidade e doação, instrumentos valiosos de auxílio ao próximo, compensando, com isso, suas reais necessidades evolutivas, na formação de méritos morais.

Inúmeros deles se enquadram na condição de involuntários, pois não se dão conta de que são portadores da faculdade de efeitos físicos, liberando fluidos desordenadamente. Daí sua impressão de estarem enfermos e sentirem dores diversas, invariavelmente mutantes — o que terapêutica alguma da Terra poderá erradicar com eficiência, já que não se trata de anomalia física, porém de efeito da movimentação de forças, junto a desequilibrados e carentes dos dois planos da vida.

Mesmo aos facultativos, ou conscientes cultores da mediunidade espírita, a tarefa não apresentará jamais um histórico harmonioso, até porque a dinâmica de doação e reposição de energias, para novamente doarem e servirem, representa o “sobe-e-desce” da maratona que nos enseja experiência e capacitação espiritual.

A prece, a prática da caridade cristã, as meditações e as boas leituras, sempre no clima que particularmente o Espiritismo sério prodigaliza aos médiuns e aos assistidos, em casas e grupos doutrinários, perfazem o meio e as condições ideais a qualquer médium, não importando as peculiaridades mediúnicas que apresentem. E isso sem citar um *regimen* mais saudável e natural de alimentação na vida cotidiana.

IX

A PRODUÇÃO DE FENÔMENOS FÍSICOS

“Esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, a Doutrina Espírita lhe dá o golpe de misericórdia.”

— Allan Kardec (Do item 162, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Muitos constrangimentos a mediunidade de efeitos físicos pode causar aos médiuns e a quantos com eles convivam, se não procuram educar-se moralmente e às claridades da Doutrina Espírita, que é uma ciência espiritual, esquadrinhando com maestria os fenômenos insólitos e uma religião em bases racionais e profundamente moralizadoras — totalmente comprometida com o Evangelho de Jesus.

Muitos gêneros de manifestações espontâneas, como barulhos, pancadas, deslocamentos de móveis, arremesso de objetos, desaparecimento ou transporte de coisas, visões e aparições, incêndios reais ou fictícios, surgimento de escoriações ou ferimentos no corpo dos médiuns, funcionamento anormal ou voluntário de equipamentos e utensílios, além de tantos outros, têm sua gênese na liberação de fluidos que os Espíritos imperfeitos se utilizam para “materializarem” no Mundo, à vista das pessoas, as suas intenções, revelando sua natureza essencial.

Se por um lado essa ordem de fenômenos atesta a existência do Mundo Invisível a interagir com o Mundo Corporal, por outro nos permite moralmente entender o compromisso doloroso dos médiuns que são utilizados nesse tipo de produção fenomênica, ainda sem controle dos acontecimentos. Os fatos desse gênero assinalam expiações amaríssimas,

tanto quanto provas não menos difíceis, aos que sucumbem sob o pavor e a ignorância de semelhantes ocorrências inabituais. Às vezes, são entidades vingadoras, ameaçando determinados indivíduos e seus lares, grupos e até mesmo comunidades inteiras (consoante demonstrou o Mestre Allan Kardec em seus estudos em *O Livro dos Médiuns* e na *Revue Spirite*). De outras vezes é o oportunismo sinistro por parte de Espíritos galhofeiros, batedores, levianos, valendo-se da invigilância ou do desconhecimento de médiuns e até de grupos específicos de prática espiritualista, em que o medo incontrollável os instiga a mais atormentar, quando riem-se a valer, tanto quanto gozam do efeito da manifestação de seu poder sobre os homens.

Existem situações que não poderão ser vencidas, a não ser com persistência na melhoria pessoal e muita fé em Deus. Geralmente assim se passa, porque a mente do medianeiro involuntário — o que desconhece ou não sabe controlar sua mediunidade — abriga uma espécie de “passividade” que se estriba em culpa e submissão emocional.

No entanto, a seriedade doutrinária, tendo a moral evangélica por força transformadora dos seres, é eficiente recurso de ajuste do médium e do grupo a que se filia, com efetivo encaminhamento ou afastamento dos Espíritos causadores dos fenômenos indesejáveis.

X

FUNDAMENTOS DA DESOBSESSÃO

“Os seres invisíveis, que revelam sua presença por efeitos sensíveis, são, em geral, Espíritos de ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral. A aquisição deste ascendente é o que se deve procurar.”

“(...)A moralização de um Espírito, pelos conselhos de uma terceira pessoa influente e experiente, não estando o médium em estado de o fazer, constitui frequentemente meio muito eficaz.”

— Allan Kardec (Do item 162, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A normatização espírita das relações dos homens com os seres do Mundo Espiritual representa não somente a ciência da vida para além da matéria, mas igualmente substancial e imprescindível passo no rumo da consciente reintegração espiritual deste mesmo homem com a sua origem essencial e com o seu futuro eterno.

A experiência e o bom-senso do Codificador permitiram-lhe colher da Espiritualidade as mais altas concepções da vida, que apresenta escalas infinitas de vivência e interação entre seres.

Através dos fenômenos sensíveis, a demonstrarem a influência das almas dos homens que partiram do Mundo na existência dos que ficaram, ensinou e sempre ensinará — pois se trata de uma Lei universal, inderrogável — a comunhão dos elementos inteligentes, tanto quanto das forças que governam o Mundo Invisível e o visível, este último palpável aos encarnados.

O fato de perderem, após uma estada entre os ditos “vivos”, o corpo físico não transforma essas almas ou Espíritos em filhos conscientes de Deus, aproximando-os compulsoriamente dos anjos e tornando-os, por isso, instrumentos benditos de Sua Providência. Ao contrário, inúmeros deles — senão a maioria —, assim que partem do mundo pelo fenômeno da morte, requerem, em decorrência de seus estados psicológicos e emocionais, a atenção e os cuidados de orientadores e enfermeiros. São diversas as causas dessas perturbações e necessidades. Geralmente o apego excessivo à matéria, ao mundo que então deixam, às pessoas com as quais conviveram, aos títulos e convenções perfazem, entre os menos problemáticos, o motivo de sua transitória incapacidade de enxergarem, aceitarem ou se ajustarem mais harmoniosamente ao seu “habitat” de origem — a Vida Espiritual, donde saíram um dia para reencarnarem e para onde regressam, após labores existenciais.

Obviamente, poderíamos listar os malfeitores que saem da vida terrena bastante comprometidos: são os corruptos por índole, os assassinos por perversão, os suicidas revoltosos e ingratos, os levianos insensíveis, os desertores voluntários do bem e da moral, os viciosos cultores das paixões mais abjetas, os vingadores insensatos e todos os que fazem da ideia e do sentimento por Deus um mote destrutivo e antifraterno.

A quem já compreenda todo esse universo de chagas morais e dores da alma, a própria elevação espiritual representa o caminho libertador, não somente por salvaguarda íntima, tendo em vista a felicidade e a paz, porém a própria capacitação interior para secundar as providências de Deus, sempre salvadoras, junto aos rebelados e sofredores de todo jaez.

Aí se encontram os fundamentos da chamada *Desobsessão*, que no Espiritismo se constitui da união de encarnados fervorosos, estudiosos, conscientes, amantes do bem e da caridade, patrocinados, por isso, pelos Benfeitores e Amigos do Além, numa reunião específica. Esse encontro mediúnico guarda o objetivo de aconselhamento e orientação a toda essa gama de entidades alienadas ou contrárias à Ordem Universal, que tem se associado a seus irmãos corporificados, em regime de obsessão, por motivos diversos, sobrepesando a economia moral do Mundo.

Trata-se de passo gigante no encalço da cidadania espiritual.

XI

OS SENSITIVOS

“Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, sendo assim a impressionabilidade mais uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras.”

“(...)Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza, boa ou má, do Espírito que lhe está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei quê, a aproximação de tal ou tal pessoa.”

— Allan Kardec (Do item 164, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Genericamente, encontramos no Mundo os sensitivos, que são todos aqueles que sentem, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. Faculdade rudimentar do ser que inicia sua emancipação espiritual da matéria, só não é melhor compreendida e desenvolvida conscientemente, porque as pessoas, em seu cotidiano, se ocupam — quase que com exclusividade e às vezes com declarado desinteresse ao que é espiritual — dos interesses puramente materiais, seja na condição econômica, social, política, sensual etc., seja dentro de uma proposta de vida unicamente utilitária.

Comumente é pela dor que os sensitivos são chamados. Sua atenção, então, se volta para as sensações estranhas que a eles anunciam presságios,

angústias momentâneas, dúvidas, certa melancolia ou desencanto, às vezes terror ou mesmo dádivas inexplicáveis racionalmente.

Esta é a condição da maioria humana, que sempre recebe, por sua constituição nervosa, uma espécie de “descarga elétrica”, quando não a intuição vaga ou até precisa sobre pessoas e acontecimentos, no tempo presente, passado ou futuro.

Todos os médiuns encontram o estabelecimento de suas faculdades mediúnicas sobre esta sensibilidade, sobre esta impressionabilidade, mas nem todo sensitivo se capacita, por motivos os mais variados, a se tornar médium facultativo, ou ostensivo, para ação decisiva em reuniões específicas de auxílio aos semelhantes, estejam encarnados ou desencarnados.

Como toda faculdade bem cuidada, essa capacidade sensitiva pode tornar-se preciosa, ainda que seja, simplesmente, para norteamento exclusivo da própria pessoa que dela se dota, visando ao seu bom direcionamento espiritual na existência humana.

XII

OS MÉDIUNS AUDIENTES

“Estes ouvem a voz dos Espíritos. É, como dissemos ao falar da pneumatofonia, algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva.”

— Allan Kardec (Do item 165, cap, XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quando não somente o médium, mas todos os presentes ouvem a voz dos Espíritos, temos aí um fenômeno de efeitos físicos. Quando, todavia, somente o médium ouve o que vem do Mundo Espiritual, então temos a evidência da mediunidade auditiva.

Ainda mesmo quando o médium afirme ouvir a voz ou os sons espirituais através de seus condutos auditivos, isso somente ocorre por efeito de sua sensibilidade aguçada, de sua impressionabilidade medianímica, que o predispõe — e não aos outros presentes num momento de intercâmbio — a registrar, num regime especial de dissociação espiritual da matéria, o que é impalpável para os homens comuns.

Graças, pois, à sua condição de sensitivo, ocorre a especialização mediúnica quando determinados órgãos de seu organismo passam a ser acionados, dando-lhe a impressão de ser através deles, e não de sua alma, a ponte para as comunicações, como é o caso da audição. É aptidão decorrente de seu planejamento reencarnatório ou conquista evolutiva no tempo.

Nenhuma característica mediúnica mais específica foge a isso, que é roteiro lógico e natural da vida cósmica.

XIII

OS MÉDIUNS FALANTES

“Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem dizer, médiuns falantes. Estes últimos, as mais das vezes, nada ouvem. Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo comunicar-se, o Espírito se serve do órgão que se lhe depara mais flexível no médium.”

— Allan Kardec (Do item 166, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Também conhecida por psicofonia, essa modalidade mediúnica se presta aos comunicados mais diretos e objetivos, de modo que, ao lado da psicografia, tem sido uma das expressões de intercâmbio com o Invisível mais utilizadas no meio espírita, beneficiando a encarnados, que colhem orientações e experiências de ordem moral, e a desencarnados em condições infelizes.

Obedecendo a uma especialização natural, consoante a história evolutiva e de comprometimento anímico dos médiuns, a mediunidade falante requer alto grau de vigilância e seriedade deles mesmos. Isto exatamente porque seu envolvimento psíquico e até físico é necessário a essa ordem de comunicação, pois o centro laríngeo, em vigorosa conexão com os centros cerebrais então acionados pelos Espíritos, permite escoar, na linguagem humana, o que essas entidades vivenciam ou desejam.

Se por um lado o controle das comunicações é dever do medianeiro, por outro compete aos dirigentes das sessões espíritas, com o auxílio dos demais participantes, o discernimento justo quanto ao conteúdo e real

necessidade daqueles que se evidenciam pelas comunicações, além do indispensável apoio vibracional e fraterno aos médiuns que se apassivam em graus os mais variados.

A psicofonia pode se dar em níveis diferenciados de consciência. Quanto mais o médium se entrega às entidades, menos participa do intercâmbio como censor, podendo o mecanismo raiar pela condição sonambúlica, em que o perispírito se afasta de modo acentuado do corpo, permitindo aos Espíritos atuarem de modo quase direto sobre o seu sistema nervoso, revelando-se de modo mais autêntico.

Não fosse por esse mecanismo mais complexo de manifestação pela fala, o médium poderia ser enquadrado na condição de audiente, apenas repassando, nas reuniões, o que ouve dos Espíritos, sem tanto envolvimento psicofísico no intercâmbio.

XIV

OS MÉDIUNS VIDENTES

“Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo. Raro é que esta faculdade se mostre permanente; quase sempre é efeito de uma crise passageira.”(...)

“O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e por isso é que eles tanto veem com os olhos fechados, como com os olhos abertos.”

— Allan Kardec (Do item 167, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A faculdade de ver os Espíritos é a que mais tem interessado a médiuns e demais companheiros do espiritualismo, em todos os tempos da revelação.

Um fascínio existe a tudo que se reporta ao Mundo Espiritual, seja por mera curiosidade — tão abundante na Terra —, seja por efeito natural do crescimento íntimo, a que somos chamados pela evolução sensorial.

Mas a questão do médium vidente não pode ser considerada apenas pelo ardente desejo de ver, de perscrutar o Além. Muito mais que propriamente visão clara e lógica do Mundo Espiritual, na Terra ocorre muito o jogo da imaginação, mesmo sem a má-fé, e também simulação ardilosa, interesseira e vaidosa, obedecendo ao orgulho e aos caprichos pessoais. E isso se dá com tudo no Mundo, mesmo com as coisas mais

santas, porque o nosso Globo ainda permanece habitado por uma comunidade que se compraz na ilusão, cultuando paixões más.

A visão dos Espíritos ou do Mundo Invisível geralmente acontece sem prévio aviso, sem que os médiuns tenham antecipadamente a ciência do que irão ver ou identificar pela vidência. Por isso, a faculdade que permite ao médium ver constantemente e sem interrupção o que é do Mais Além, em paralelo mesmo com o que vê normalmente no Mundo Físico, é raríssima. E não se trata de privilégio, pois que sem estrutura moral adequada, o vidente seria facilmente enquadrado na condição de obsessão, enquanto que o indivíduo moralizado a tudo suporta, com sincera humildade e muita discrição.

Para se ver os bons Espíritos torna-se imprescindível depurar a forma de ver as pessoas e as coisas do Mundo. Quando isso acontece, forçosamente o exercício da vidência passará pela espontânea identificação dos Espíritos inferiores, de suas realidades dolorosas, que com frequência se mesclam às dos homens mal-educados e incrédulos da Terra.

Os videntes não veem com os olhos físicos, mas com os centros de forças situados no seu cérebro, porque a mente é a legítima receptadora de todos os impulsos da vida que geram imagens e expressões inteligentes.

Daí a necessidade de preparação anterior à reencarnação, permitindo à alma, que efetivamente vê e sente, não estar tão fixada às células do corpo, para que os fenômenos interexistenciais se deem, abundantes.

XV

VIDÊNCIA E CLARIVIDÊNCIA

“Cumpre distinguir aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos.”(...)

“A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito frequente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. A posse desta faculdade é o que constitui, propriamente falando, o médium vidente.”

— Allan Kardec (Do item 168, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Muitos irmãos nossos, encarnados na Crosta, afirmam ter visto Espíritos, recebendo deles avisos e impressões. E os Centros Espíritas são por eles buscados, para a justa orientação de que carecem.

Para que não haja precipitação, imperioso estejamos atentos ao que o Codificador tão seguramente nos ensina, por ordem dos Espíritos Superiores: “cumpre se distinga aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver dos Espíritos”.

Há vidências esporádicas e há especialização mediúnica, definindo-se a faculdade da vidência no médium.

Os fenômenos esporádicos têm o papel de encaminhar as pessoas afetadas, geralmente necessitadas de despertar espiritual, para cumprimento integral do que propuseram ao reencarnar. Assim que passam a receber orientações doutrinárias, com frequência proveitosa às reuniões instrutivas e socorristas, com a recepção de passes e assumindo sua

renovação moral, perdem a capacidade de ver ou sentir mais ostensivamente os Espíritos. Nessa condição, trata-se de providência em favor de seu encaminhamento.

No entanto, quando a vidência é a faculdade que se destaca da sensibilidade do médium, ela apresenta peculiaridades inquestionáveis. Alcança, com seu adestramento em reuniões sérias e tendo por alicerce o envolvimento do médium com a obra cristã, a denominada clarividência, que lhe permite não somente “ver” os Espíritos ou os quadros do Mundo Espiritual, mas compreendê-los de modo mais abrangente e profundo, podendo descrever com minúcias e informar com acerto impressionante tudo o que diz respeito ao que se lhe revela do Mundo Invisível.

O Espiritismo sério, comprometido com a renovação da Humanidade, apresenta esta faceta: a da lógica e do bom-senso, com reverência e santidade no trato dos valores genuínos da Vida Universal.

XVI

OS MÉDIUNS SONAMBÚLICOS

“Pode considerar-se o sonambulismo uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos.”

“Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação.”

— Allan Kardec (Do item 172, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Em geral, o sonâmbulo, ou seja, aquele que durante o sono físico atua sobre o seu próprio corpo e por ele, em desdobramento espiritual, se comunica, apenas noticia o que guarda em si, com maior ou menor lucidez de alma. No entanto, esse sonâmbulo pode ser utilizado pelos Espíritos e repassar suas comunicações, revelando, ainda, se adestrados nessa ordem de fenômeno, o que vê, ouve ou sente no Mundo Espiritual, desligado parcialmente do corpo de carne.

São facetas da Emancipação da Alma, já bastante conhecidas no Mundo, pois é raro uma família não contar pelo menos um caso entre os seus componentes.

Em algumas circunstâncias, o sonambulismo é a característica predominante dos médiuns, porque eles efetivamente se afastam do corpo, permitindo, com sua passividade diante dos Espíritos desejosos de se comunicarem, que eles o façam mais ostensivamente através de seu organismo, então consideravelmente confiado aos desencarnados.

Essa condição mediúnica é a que mais enseja a penetração do médium no universo espiritual, mas pode colocar em risco a integridade do médium, se não há de sua parte a vigilância moral.

XVII

OS MÉDIUNS CURADORES

“Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação.”

“A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação.”

— Allan Kardec (Do item 175, cap. XIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Os médiuns curadores são aqueles que mais facilmente expõem fluidos vitalizantes, renovadores, oriundos de seu magnetismo pessoal, potencialmente enriquecido pelos Espíritos mais elevados.

Guardam certa vinculação com os médiuns de efeitos físicos e não são poucos os que se dotam da capacidade de exteriorização do ectoplasma.

Obviamente, sem o concurso dos bons Espíritos a muito pouco se reduziria seu potencial, já que, para atuarem de modo tão vigoroso numa reencarnação, isso faz parte de um planejamento anterior a ela, ensejando-lhe trabalho específico e comprometimento moral, tanto quanto a garantia de uma retaguarda espiritual que lhe patrocine o êxito.

O médium, de qualquer condição, deve conscientizar-se de que está a serviço da vida, num regime de comunhão com forças específicas, invariavelmente regida por sintonia e afinidade.

A mediunidade curadora pode ser considerada, no meio espírita, por especialização exigente e refinada, pois enquadrando-se na ordem dos fenômenos de efeitos físicos, com consequências morais de elevado alcance, requer do médium a higiene da mente e do corpo, a fim de não se contaminar pelas pressões das sombras vigentes na Terra. Tais pressões podem provir tanto das entidades impuras que ardentemente buscam vampirizar as forças nervosas dos homens, com o intuito de se sentirem fortalecidas em seus propósitos malsãos, quanto de participantes do cenário material que deixaram com a desencarnação.

Vale ressaltar que dessas bases fluídicas, profundamente renovadoras, surgiu a maravilhosa atividade dos passes e radiações espíritas, que vêm beneficiando todo o mundo em provação.

Imperioso recordar, diante do que a Ciência Espírita nos expõe, as lições de Jesus, quando da utilização espontânea e plena de Seu magnetismo sublimado, sempre em promoção da vida em todos os que dEle se aproximavam, carentes.

XVIII

OS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

“De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós. Com tanto mais afinho deve ser empregado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciar-lhes o valor. Para o médium, a faculdade de escrever é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício.”

— Allan Kardec (Item 178, cap. XV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Como a mediunidade, de modo genérico, se patenteia pelo fenômeno da *impressionabilidade* em um indivíduo, ela torna-se específica quando canalizada para determinados órgãos, como é o caso dos que tendem para a escrita voluntária ou involuntária — sempre com a presença de Espíritos.

No universo das manifestações, a psicografia ou mediunidade escrevente é mais recomendável, tanto por parte do Codificador, com sua experiência inquestionável, como pela dos Espíritos, que nela encontraram mais segurança e fluidez às suas induções e ideias, por mais complexas e abrangentes possam parecer.

É óbvio que nenhuma faculdade dessa ordem se estabelece “num estalar de dedos”. Não basta tão-somente o desejo para que alguém se torne,

por exemplo, um psicógrafo. Como em todas as outras expressões mediúnicas, a tarefa psicográfica guarda fundamentos na trajetória evolutiva da alma e, de acordo com sua planificação reencarnatória, ela poderá avançar muito no serviço de intercâmbio, alcançando culminâncias em sintonia com os Espíritos diretores do grande movimento renovador da Terra, como poderá permanecer restrita a algum setor menos expressivo das revelações — e nem por isso menos importante — aos que sofrem!

A arte da escrita é daqueles talentos que nem todas as almas puderam desenvolver a contento no Mundo, não importa em que época. Existem Espíritos que já carregam o talento literário desde existências bem remotas e serão eles, preferencialmente, quando reencarnados, os médiuns psicógrafos em potencial.

Em escalas decrescentes, vamos encontrar muitos sensitivos tentando ou podendo tentar a psicografia como forma de intercâmbio com o Além. Naturalmente, de acordo com sua sensibilidade, colherão, geralmente de modo inspirado ou intuitivo, as ideias dos Espíritos que com eles se afinizam ou por eles se interessam, dentro de um contexto moral-espiritual que já vem sendo bem estudado nos círculos do Espiritismo Cristão.

Uma missão psicográfica é facilmente identificada, não tanto pelo *modus operandi* do médium, mas pela natureza dos ditados e composições que dele surgem, alimentando o acervo doutrinário e evangélico já disponível no Mundo, sem nenhuma nota dissonante ou aberrante em relação a tudo o que foi revelado pelo Alto anteriormente.

Dentro da órbita que é peculiar aos médiuns psicógrafos, vamos encontrar disposições e gêneros diversificados, a permitirem maior ou menor gravidade aos comunicados, embora todos, em conjunto, perfaçam um acervo de comprovação e até mesmo de orientação espiritual aos homens.

XIX

MÉDIUNS MECÂNICOS

“Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e para, assim ele acaba.

“Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Quando se dá, no caso, a inconsciência absoluta, têm-se os médiuns chamados passivos ou mecânicos.

— Allan Kardec (Do item 179, cap. XV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quando o médium se afiniza profundamente com o Espírito comunicante, graças à confiança que este lhe inspira e já com adestramento no campo da mediunidade psicográfica, os ditados fluem sem alcançar, de modo racional e refletido, as estruturas cerebrais do sensitivo.

Essa *passividade* mediúnica é que permite a integridade e, tantas vezes, a celeridade impressionante de muitos comunicados pela escrita.

Se se trata da composição de um romance, por exemplo, o Espírito que escreve através do médium buscará, no escrínio anímico daquele seu instrumento, registros que se relacionem com o clima da história a ser narrada. Nem sempre — porque isso tem a ver com a maior ou menor sensibilidade do médium — ele verá ou sentirá, de maneira consciente, o seu passado ou mesmo os quadros vivos da mente do Espírito que por ele trabalha. Todavia, sentir-se-á envolvido emocionalmente, magnetizado

mesmo, alterando-se-lhe o psiquismo, que então passará a oferecer condições mais avantajadas ao comunicante, para direcionamento e materialização, pela escrita, de suas ideias e experiências.

Sem a “quebra” desse autodomínio sensorial no médium, as comunicações poderão facilmente ser classificadas de personímicadas, já que será ele mesmo que comporá a mensagem, com suas ideias e sentimentos da encarnação presente.

No caso da condição “mecânica” propriamente dita, em que não há filtragem ou associação mental do medianeiro com o Espírito comunicante, evidencia-se um fenômeno de efeitos físicos, quando as Entidades do Mundo Espiritual, utilizando os fluidos disponíveis, dissociam o braço mediúnico da coordenação cerebral e “vestem-no”, graças a uma composição fluídica especial, escrevendo, com isenção, os seus ditados. É um fenômeno raríssimo, mas real.

XX

MÉDIUNS INTUITIVOS

“O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis.”

“Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite.”

— Allan Kardec (Do item 180, cap. XV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A mediunidade intuitiva exige do médium uma formação doutrinária e moral impecável. Indiscutivelmente, o médium pode receber e recebe, pela intuição, o que vem dos Espíritos livres — e isso é mais comum do que se possa pensar. Todavia, para a realização de trabalhos de fôlego, em que revelações espirituais estejam na pauta dos compromissos, o médium há que se esmerar em seu preparo íntimo, a fim de que sua mente, desse modo irrigada pelos valores da Doutrina e do Evangelho, possa estar a serviço da Verdade, sem as interferências indébitas e perigosas de sua personalidade transitória, impregnada da cultura puramente humana, materialista.

A intuição tem suas bases na mesma sensibilidade que é comum a todos os tipos de médiuns. E para sermos precisos, a intuição seria a culminância dessa sensibilidade nas criaturas, permitindo, quando bem depurada, bem desenvolvida e nobremente aplicada, uma inserção da alma, que é o Espírito encarnado, nos bastidores espirituais que nos governam, de modo que ocorre uma antecipação vivencial do elemento reencarnado, então médium, no Mundo Invisível.

O médium intuitivo, que se faz intérprete dos habitantes mais elevados do Mundo Espiritual assumem, pela própria condição de serviço que os tange, uma responsabilidade ainda maior da que assinala os ditos médiuns inconscientes.

Para os intuitivos, notadamente, o adestramento requer o concurso do tempo, sempre estribado em seus esforços de superação moral.

XXI

MÉDIUNS SEMIMECÂNICOS

“No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o.”

— Allan Kardec (Do item 181, cap. XV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

O que caracteriza o médium semimecânico é o seu parcial desligamento do corpo físico, sem que, no entanto, haja completo afastamento de seu perispírito do organismo biológico.

Graças a esse comportamento psíquico, a percepção mais evidente e mais acentuada do Espírito comunicante determina a ação dele, através de emissões fluídicas que lhe são próprias, sobre a mente e sobre o braço do instrumento mediúnico, permitindo-lhe ser, de algum modo, governado em seus impulsos de escrita, com o acervo das ideias a serem grafadas perpassando por seu sensorio humano.

É uma modalidade prazerosa e muito conveniente da psicografia, pois que permite, de algum modo, a participação mais lúcida do médium, que então se envolve positivamente com o móvel das comunicações, embora não as domine completamente. Esse tipo de transe o situa entre a vigília comum e o sonambulismo propriamente dito.

XXII

MÉDIUNS INSPIRADOS

“Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, por isso que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido. A espontaneidade é o que, sobretudo, caracteriza o pensamento deste último gênero.”

— Allan Kardec (Do item 182, cap. XV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A inspiração é resultante do intercâmbio pelo pensamento. Sua naturalidade define a generalização mediúnica, não existindo criatura na Terra que fuja a semelhante processo de vida e recíproca influência.

Os médiuns inspirados, ao contrário dos mecânicos, intuitivos e semimecânicos, sabem ou desconfiam da intervenção dos Espíritos em seus pensamentos e ideias; no entanto não podem precisar, como aqueles mais sensitivos, quem são esses Espíritos e o que eles efetivamente pretendem, a não ser pelo estudo das ideias que lhes sobrevêm e que não eram de seu domínio pessoal.

Pela inspiração os literatos, oradores, cientistas, filósofos, artistas, profissionais de todas as áreas, mulheres e homens, e com mais razão os religiosos, todos eles, na Humanidade, recebem a orientação do Mundo Espiritual, numa ordem fluida e em tudo harmônica de comunhão com as fontes da Vida.

XXIII

MÉDIUNS DE PRESENTIMENTOS

“O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as consequências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, também é resultado de comunicações ocultas e, sobretudo neste caso, é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.”

— Allan Kardec (Item 184, cap. XV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quando o médium se dota da chamada “dupla vista”, ele é capaz de entrever acontecimentos e fatos, anunciando-os com impressionante fidelidade e acerto. Nem sempre são agradáveis as sensações ou impressões que a revelação de ocorrências futuras causam ao sensitivo, muitas vezes perturbando-o, mormente se não está habilitado, pelo estudo e pela prática espírita-cristã, a semelhante mister.

Os médiuns de pressentimentos, por sua vez, são os que colhem impressões, sensações e mesmo ideias, a seu mau grado, de prováveis acontecimentos, ora envolvendo pessoas conhecidas, ora não; no entanto, na maioria dos casos, domina uma sensação vaga e estranha, bastante incômoda, que deixa o sensitivo desajustado, como estivesse fora de contexto, desconfiado e cismarento.

A prece e as boas leituras, tanto quanto a prática da caridade, funcionam por apoio renovador imprescindível.

Há que se distinguir *pressentimentos futuros* das lembranças emocionais de outras existências, que igualmente geram impressões estranhas, na maioria das vezes amargurosas e desestabilizantes da alma, daquelas que anunciam “algo” diferente ou intrigante ao médium.

Vinculada à inspiração, que é uma linguagem universal entre os Espíritos — estejam eles desencarnados ou encarnados —, a mediunidade de pressentimentos pode desenvolver-se e permitir àquele que dela é portador maior clareza e aprofundamento, quando o médium então compreenderá, na percepção de acontecimentos futuros, a sua filiação com fatos já ocorridos, desta ou doutra reencarnação, sempre na pauta da Lei de Causa e Efeito.

XXIV

MÉDIUNS ESPECIAIS

“Porém, de par com a aptidão do Espírito, há a do médium, que é, para o primeiro, instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível e no qual descobre ele qualidades particulares que não podemos apreciar.”

— Allan Kardec (Do item 185, cap. XVI, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Não somente os Espíritos se encontram em graus os mais variados de depuração e, por isso, respondem por aquilo que cultivaram e prosseguem aperfeiçoando no Mundo Invisível. Os médiuns, que são Espíritos encarnados e apresentam aptidões especiais para o intercâmbio com o Além, serão reconhecidos como tais dentro do acervo que apresentem — acervo formado pelas vivências de outras reencarnações —, de modo que, quanto mais experimentados intelecto e moralmente, com mais presteza e desenvoltura realizarão sua tarefa sob o comando dos Espíritos.

Notadamente a condição de médium — que também revela uma faculdade humana em desenvolvimento — expõe uma peculiaridade no trânsito evolutivo da alma: seu compromisso com a moral.

Quanto mais sensível, mais se revela o sentimento do medianeiro, que ressurge trabalhando e em recomposição específica na missão mediúnica.

Se os homens, de modo geral, podem assimilar as “correntes mentais” que circulam no Universo pelo pensamento — e isso os torna médiuns em potencial —, somente os que se prepararam em transes emocionais os mais variados, encontrando na Vida Espiritual a orientação e adestramento, com

foco numa reencarnação de serviço eletivo, se apresentam no Mundo com a mediunidade produtiva, que guarda especialização conforme as tendências trazidas, comprometimentos cármicos e planificações pré-estabelecidas pelo Mais Alto.

Há médiuns com aptidões diversificadas e o Codificador, que tão claramente observou isso, buscou relacioná-los, sob a orientação dos Espíritos Superiores, num quadro sinóptico admirável, sem a pretensão de alcançar todas as possibilidades, a fim de que os médiuns e os observadores pudessem compreender as tarefas e as limitações naturais de cada um deles.

Na seara mediúnica, o Espírito é o artífice principal da obra, mas o médium, com seu acervo íntimo, é o material de que o Agente Invisível lança mão para revelar-se aos homens, com fins os mais diversos.

XXV

MALEABILIDADE MEDIÚNICA

“Numa palavra, qualquer que seja a maleabilidade do médium, as comunicações que ele com mais facilidade recebe trazem geralmente um cunho especial; alguns existem mesmo que não saem de uma certa ordem de ideias e, quando destas se afastam, só obtêm comunicações incompletas, lacônicas e não raro falsas. Além das causas de aptidão, os Espíritos também se comunicam mais ou menos preferentemente por tal ou qual intermediário, de acordo com as suas simpatias. Assim, em perfeita igualdade de condições, o mesmo Espírito será muito mais explícito com certos médiuns, apenas porque estes lhes convêm mais.”

— Allan Kardec (Do item 185, cap. XVI, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quando se preconiza modéstia e devoção ao médium, para que ele seja bem assistido por Espíritos de ordem mais elevada, isso representa, em lógica e bom senso, o esforço que a ele, médium, compete, a fim de que seu “campo vibracional” permita aos mais elevados do Mundo Espiritual um piso de referência e entendimento com o Mundo Corporal, sem o que não haveria sintonia e ponto de contato mais objetivo entre as duas realidades.

Se este aspecto é o moral, a interessar a qualidade das comunicações, temos a chamada maleabilidade que diz respeito às tendências inatas do médium, somadas às providências levadas a efeito no Mundo dos Espíritos antes de sua reencarnação na Terra, tomadas sempre com o intuito de assegurar a viabilidade, inclusive orgânica, do serviço mediúnico que lhe interessa, com todas as peculiaridades que demonstrarão seu compromisso com uma função específica.

Estudando-se o médium, pode-se chegar a claras conclusões, pois não existem dois idênticos na História, como não haverá, da parte dos Espíritos, comunicações igualmente idênticas na forma. No entanto, se se trata do mesmo Espírito, obrigatoriamente as comunicações dele por médiuns diferentes deverão conter a mesma ordem de ideias, revelando o mesmo padrão intelecto-moral.

Não passou despercebido a Allan Kardec o fato de alguns médiuns não saírem de uma certa ordem de ideias, ou mesmo o parco rendimento deles no processo de intermediação, ora através de produções lacônicas, de ditados incompletos ou até mesmo de falsas comunicações. Observamos que isso diz respeito, ou a rudimento de mediunidade, fadada a ser desenvolvida noutras existências, ou a fixação mental do médium que carrega, de modo ostensivo, marcas do próprio passado, ou, por último, a presença de obsessor a comandar a faculdade do sensitivo.

A maleabilidade, portanto, ainda que respeitando aquele “cunho especial” que se revela quando o médium tem maior facilidade para determinados assuntos ou abordagens, torna-se mais evidente e até impressionante nos médiuns cuja alma já se experimentou com muito proveito em múltiplas reencarnações e, nesse caso, torna-se verdadeiramente passivo aos Espíritos, apresentando conotações missionárias, por efeito de seu progresso e moralização.

XXVI

AS DIFERENTES ESPÉCIES DE MÉDIUNS

“Todas estas variedades de médiuns apresentam uma infinidade de graus em sua intensidade. Muitas há que, a bem dizer, apenas constituem matizes, mas que, nem por isso, deixam de ser efeito de aptidões especiais. Concebe-se que há de ser muito raro esteja a faculdade de um médium rigorosamente circunscrita a um só gênero. Um médium pode, sem dúvida, ter muitas aptidões, havendo, porém, sempre uma dominante. Ao cultivo dessa é que, se for útil, deve ele aplicar-se.”

— Allan Kardec (Do item 198, cap. XVI, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

“O estudo da especialidade dos médiuns não só lhes é necessário, como também ao evocador.”

— Allan Kardec (Do item 199, cap. XVI, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

No capítulo dezesseis de *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec, tratando “*Dos Médiuns Especiais*”, apresenta ensinamentos e observações essenciais a quem estuda ou intenta exercitar a própria ou a alheia mediunidade.

Das considerações iniciais do capítulo, ele avança pelas espécies, variedades e aptidões mediúnicas. Enfoca, na sequência, os *médiuns escreventes*, catalogando-os segundo o modo de execução, segundo o desenvolvimento da faculdade, segundo o gênero e a particularidade das comunicações, segundo suas qualidades físicas, culminando os ensinamentos

admiráveis com as *qualidades morais*, subdivididas em *médiuns imperfeitos* e *bons médiuns*.

Para se conceber a importância desse estudo, oportuno reproduzir trecho da mensagem dada pelo Espírito Sócrates acerca desse trabalho elaborado pelo Codificador e inserto como nota após o item 197 do citado capítulo: “Este quadro é de grande importância, não só para os médiuns sinceros que, lendo-o, procurarem de boa-fé preservar-se dos escolhos a que estão expostos, mas também para todos os que se servem dos médiuns, porque lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar. Ele deverá estar constantemente sob as vistas de todo aquele que se ocupa de manifestações, do mesmo modo que a escala espírita, a que serve de complemento. Estes dois quadros reúnem todos os princípios da Doutrina e contribuirão, mais do que o supondes, para trazer o Espiritismo ao verdadeiro caminho.”

O conhecimento do Espiritismo e, dentro dele, a verdadeira ciência da mediunidade, com todas as suas facetas a envolver Espíritos e médiuns, constitui a dignificação da fé, então raciocinada, efetivamente posta a serviço do progresso e da elevação moral humana.

Para se compreender sua significação na existência dos homens, basta analisemos o que era a vida social primitiva, mesmo em tempos mais próximos, como a Idade Média, sem o concurso das ciências e da tecnologia que hoje, no Mundo, alcançam apogeu, para ensejar uma evolução incomum às sociedades e a legítima cidadania aos homens.

O Espiritismo oferece à Humanidade o caminho justo e fecundo para que haja consciência integral das almas quanto à sua realidade. No que respeita à mediunidade, mostra os cuidados e as posturas a serem observados para que não haja, da parte dos experimentadores, médiuns ou não, amargurosos desastres obsessivos ou decepções, mas exercício digno, dentro das possibilidades que as condições definidas por faculdades dos médiuns e influência do meio podem ensejar a todos.

Neste quadro, portanto, evidencia-se o alfabeto espírita para médiuns e lidadores da mediunidade.

XXVII

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

“O desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder confabular com os Espíritos das pessoas que lhe são caras; deve, porém, moderar a sua impaciência, porquanto a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. Para que um Espírito possa comunicar-se, preciso é que haja entre ele e o médium relações fluídicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. Só à medida que a faculdade se desenvolve, é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para pôr-se em comunicação com o Espírito que se apresente. Pode dar-se, pois, que aquele com quem o médium deseje comunicar-se, não esteja em condições propícias a fazê-lo, embora se ache presente, como também pode acontecer que não tenha possibilidade, nem permissão para acudir ao chamado que lhe é dirigido. Convém, por isso, que no começo ninguém se obstine em chamar determinado Espírito, com exclusão de qualquer outro, pois amiúde sucede não ser com esse que as relações fluídicas se estabelecem mais facilmente, por maior que seja a simpatia que lhe vote o encarnado. Antes, pois, de pensar em obter comunicações de tal ou tal Espírito, importa que o aspirante leve a efeito o desenvolvimento de sua faculdade, para o que deve fazer um apelo geral e dirigir-se principalmente ao seu anjo guardião.”

— Allan Kardec (Do item 203, cap. XVII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Como todas as faculdades humanas, a mediunidade carece de exercício continuado a fim de revelar-se produtiva, permitindo ao médium o usufruto seguro de orientações que lhe surjam da parte dos Espíritos com que se afine.

Compreensível o desejo ardente de todo aspirante a médium em receber ditados e informações do Mundo Invisível, para onde foram aqueles pelos quais nutrem afetividade e admiração. E será esse desejo o impulso inicial a tornar esses candidatos os conhecedores da ciência experimental espírita, notadamente em *O Livro dos Médiuns* ou “Guia dos Médiuns e dos Evocadores”, sem cujas instruções sábias e seguras, estarão suscetíveis de aprender com as decepções e até mesmo com as obsessões decorrentes de sua exposição excessivamente crédula ou desrespeitosa.

Há muitos casos de necessidade do estudo desse verdadeiro tratado sobre o assunto por parte de pessoas colhidas por fenômenos incomuns, não explicados, logicamente e com proveito, pelas religiões ortodoxas, pelas ciências materialistas ou pelas filosofias terrestres.

A questão fundamental da mediunidade diz respeito aos Espíritos e tão-somente o conhecimento antecipado de suas realidades vivenciais no Além-túmulo poderá ajudar o sensitivo a compreender o que sofre, até fisicamente, por efeito da intervenção daqueles em sua existência corporal. Portanto, a “Escala Espírita” (questões de nº 100 a 113, de *O Livro dos Espíritos*) se evidencia por bússola diretora do juízo de quem “sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos”.

Outro ponto fundamental da consciência mediúnica, necessária ao bom exercício da faculdade em desenvolvimento, se refere às relações fluídicas do Espírito comunicante com o médium que dele deverá colher as orientações e mesmo as emissões vibratórias de que se faz portador.

Esse ponto se desdobra em alguns tópicos. Quanto ao Espírito, mesmo que esteja presente ao lado do médium, não significa sinal de pronta e fluente comunicação, pois no Mundo dos Espíritos há perfeita regulação desse intercâmbio, a estabelecer desde a incapacidade pessoal da entidade não afeita aos processos desse tipo de intercâmbio objetivo, até a não autorização ou a desnecessidade de sua intervenção junto dos homens.

Analisando esta ordem de exposição, alguém poderá objetar: “Por quê?” E responderemos no mesmo tom utilizado pelos Espíritos Superiores em resposta ao Codificador: Deus não tem contas a prestar aos homens; que estes se empenhem no estudo de si próprios, à luz das Revelações já concedidas ao Mundo em que vivem.

O outro tópico, quanto ao médium, exige naturalmente que o iniciante na seara do intercâmbio salutar amadureça concepções e sentimentos, num exercício perseverante de seu psiquismo, com o estudo doutrinário por “veículo” de sua transformação moral com Jesus.

Sem isso, não há educação. E sem educação não existe verdade!

XXVIII

REUNIÕES PRÁTICAS

“Outro meio, que também pode contribuir fortemente para desenvolver a faculdade, consiste em reunir-se certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e comungando na mesma intenção. Feito isso, todos simultaneamente, guardando absoluto silêncio e num recolhimento religioso, tentem escrever, apelando cada um para o seu anjo de guarda, ou para qualquer Espírito simpático.”

— Allan Kardec (Do item 207, cap. XVII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Diversas vezes, na obra que nos merece a atenção para os comentários despretensiosos sobre médiuns e mediunidades, o Codificador enuncia o princípio da união de pessoas com intenções sérias a fim de que haja fortalecimento e boa colheita das benesses espirituais.

Em verdade, as emissões coletivas de fluido perfazem uma base excelente de apelo, de atração, para que os Espíritos — geralmente os anjos guardiães ou guias dos presentes — fomentem sua sensibilidade, adestrando-os, nesse clima de oração e fervor, em tudo religioso, para o desdobramento de trabalhos específicos, em nome do amor e da caridade.

Desde a irradiação simples de fluidos que são produzidos por essa união e transferidos aos necessitados de toda ordem, por providência dos citados benfeitores — estejam esses necessitados na outra dimensão ou mesmo nos ambientes físicos do Globo —, até à produção mediúnica mais ostensiva, como a desobsessão e as psicografias de interesse geral,

educativas, as tarefas contam com o amparo desses abnegados servidores do Mestre Jesus.

Semelhantes reuniões práticas, em que a reverência e a prece estabelecem elos fraternais entre os candidatos à mediunidade e à iluminação interior, representam centros intensivos de valorização e multiplicação das graças divinas, a bem de todos.

XXIX

ADVERTÊNCIA AOS PSICÓGRAFOS

“O escolho com que topa a maioria dos médiuns principiantes é o de terem de haver-se com Espíritos inferiores e devem dar-se por felizes quando são apenas Espíritos levianos. Toda atenção precisam pôr em que tais Espíritos não assumam predomínio, porquanto, em acontecendo isso, nem sempre lhes será fácil desembaraçar-se deles. É ponto este de tal modo capital, sobretudo em começo, que, não sendo tomadas as precauções necessárias, podem perder-se os frutos das mais belas faculdades.”

— Allan Kardec (Do item 211, cap. XVII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Detectando-se tantas vezes, através dos frêmitos que são naturais sobre o braço daqueles que se candidatam a escrever mediunicamente, ou mesmo em se percebendo, em treinos e ambientes recomendáveis, o fluxo frenético e claramente imposto de ideias que lhe invadem a mente, o médium principiante necessita compreender que já estivera, por algum tempo, sendo trabalhado, nessa mecânica de intermediação pela escrita, por Espíritos de menor condição evolutiva, que podem ser considerados os “operários” mais rústicos do Além, abrindo caminhos no psiquismo ainda sem adestramento e sem maleabilidade dos sensitivos.

Allan Kardec, orientado pelos Guias do Invisível e estribado na experiência que granjeou no trato com o tema, adverte para os riscos da precipitação em receber comunicados. Comumente, por ausência de gravidade moral e depuração íntima que os eleve o nível da sintonia espiritual, os médiuns terminam por se tornar presas fáceis das entidades galhofeiras, levianas e até malévolas, que deles se utilizarão com o fim de

semear a cizânia, estabelecendo o ridículo, numa paródia indigna do que pretende o Espiritismo Cristão.

Não basta — tornamos a considerar com o Codificador —, não basta escrever sob a ação dos Espíritos. É preciso responder moralmente pelo que se faz da mediunidade, não somente na psicografia, muito embora a mediunidade escrevente seja a que mais expõe, de modo inteligível e acessível a qualquer tempo, as ideias dos Espíritos. Tais ideias, no processo de fascinação e do ridículo, podem ser mistificadoras e apócrifas, ou seja, contrárias à verdade e ao bem!

Notadamente quando o médium se torna obstinado com o que produz ou com o Espírito que diz guiá-lo, mostrando-se totalmente impermeável às orientações que recebe em contrário — seja para analisar o que produz, seja para esquadrihar o próprio Espírito que por ele se revela — é que o perigo se patenteia.

No item 212 de *O Livro dos Médiuns*, o Mestre lionês assim se expressa, em fraternal advertência aos médiuns: “Diversas (pessoas) conhecemos, que foram punidas da presunção de se julgarem bastante fortes para afastá-los (aos Espíritos inferiores que utilizam no desenvolvimento da faculdade) quando o quisessem, por anos de obsessões de toda espécie, pelas mais ridículas mistificações, por uma fascinação tenaz e, até, por desgraças materiais e pelas mais cruéis decepções.”

XXX

VIGILÂNCIA NO SERVIÇO MEDIÚNICO

“Suponhamos agora que a faculdade mediúnica esteja completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que seja, em suma, o que se chama um médium feito. Grande erro de sua parte fora crer-se dispensado de qualquer instrução mais, porquanto apenas terá vencido uma resistência material. Do ponto a que chegou é que começam as verdadeiras dificuldades, é que ele mais do que nunca precisa dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe vão ser preparadas. Se pretender muito cedo voar com suas próprias asas, não tardará em ser vítima de Espíritos mentirosos, que não se descuidarão de lhe explorar a presunção.”

— Allan Kardec (Item 216, cap. XVII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A virtude mais necessária ao médium consciente de seus deveres é a humildade. Exatamente por se situar entre duas realidades — a visível e a invisível —, de muita prudência e de muita cautela ele necessita.

Graças à Doutrina Espírita, ele não mais caminhará atormentado entre a incredulidade e a incompreensão dos fenômenos que sente, pois os estudará com Allan Kardec e contará com os Centros Espíritas, dentro dos quais companheiros estudiosos e também sensitivos o auxiliarão na sua tarefa em evidência.

O desenvolvimento da faculdade mediúnica o predispõe a mais facilmente se entrosar com a população invisível; no entanto, esse fato mais exigirá dele, médium, o cuidado para bem discernir as propostas, as

vibrações, o teor dos comunicados, já que no Espiritismo não trabalhamos pelos pontos-de-vista transitórios, sejam quais sejam, mas pela transformação da Humanidade, a partir de nós mesmos, à luz do Cristianismo redivivo.

No quadro das ilusões pretensiosas e também vaidosas que poderão impor ao médium a condição de superioridade, inculcando-lhe subrepticamente ser ele um expoente da verdade, está aquela que o torna invulnerável aos conselhos do bom-senso, da ponderação, tornando-o avesso às admoestações fraternais — e em tudo evangélicas —, exatamente na contramão do que cultiva, tantas vezes sozinho.

A fluência das ideias, dos ditados e, acima de tudo, o habilidoso domínio das mentes que passam a se lhe submeter, até mesmo por efeito dos serviços medianímicos que preste, podem fasciná-lo, considerando que todo médium traz do passado os seus dramas, os seus erros, as suas tendências infelizes que são, tantas vezes, facilmente acionados, valorizados pelos obsessores, por aqueles que desejam-no instrumento da mentira, do engodo, da confusão.

O progresso de um médium em serviço ativo passa pelo crivo das autoridades respeitáveis a que deve se submeter, passa pelas instituições sérias de Espiritismo, que existem no Mundo por salvaguarda e fomento do Consolador, consoante foi entregue aos homens por Jesus Cristo, através da lucidez e do equilíbrio de Allan Kardec.

XXXI

MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA

“Ainda nas condições mais favoráveis, é de desejar que uma criança dotada de faculdade mediúnica não a exercite, senão sob a vigilância de pessoas experientes, que lhe ensinem, pelo exemplo, o respeito devido às almas dos que viveram no mundo.”

— Allan Kardec (Do item 222, cap. XVIII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Há inconvenientes e perigos no exercício descriterioso da mediunidade e, mais que os adultos, as crianças e os jovens estão a eles expostos, por motivos óbvios.

A faculdade mediúnica, que é talento do Espírito a se refletir pelo corpo físico, requer seriedade e compenetração. Trata-se de toda uma ciência experimental, com decorrências filosófico-morais e, por isso mesmo, não deve ser explorada nas crianças ainda desprovidas de organização madura — tanto a corporal quanto a psicológica. O jovem, embora possa produzir bons frutos, necessita se submeter aos estudos e às atividades caritativas que os agrupamentos espíritistas mantêm, para, como consequência, abraçarem no tempo o serviço específico e delicado da mediunidade.

Se para o médium adulto existem tantas ciladas e assédios por parte dos Espíritos enganadores, que guardam o objetivo de perdê-los, desviando-os do caminho reto, com mais razão a dificuldade se multiplica para as

crianças ineptas, tanto quanto para os jovens sem base psicológico-moral, base essa oriunda da boa compreensão do Consolador.

XXXII

INFLUÊNCIA DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES

“O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações que deva transmitir, provindas de outros Espíritos?”

— Exerce, porquanto, se estes não lhe são simpáticos, pode ele alterar-lhes as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e aos seus pendores; não influencia, porém, os próprios Espíritos, autores das respostas; constitui-se apenas em mau intérprete.”

(Questão nº 7, item 223, cap. XIX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A cultura espírita, tanto quanto a evangélica, dotam o médium de uma capacidade interpretativa invulgar, ensejando, aos Espíritos comunicantes, largo espectro de conhecimentos, sobre os quais, disponíveis no campo mental do sensitivo sobre quem atuam, podem compor suas mensagens, suas orientações e seus trabalhos mais elevados.

Mas o conhecimento doutrinário, só por si, sem alteração dos padrões morais do médium, não é garantia de pureza e fidelidade às comunicações, embora seja passo seguro na conquista da própria transformação moral.

Muito mais do que se supõe, médiuns existem alimentando suas próprias ideias e ambições no seio do Movimento Espírita do Mundo. E, por isso, tantos ditados e diversos livros não ultrapassam a condição elementar do pensamento preconceituoso, sensacionalista, clerical, cientificista, partidário, estimulador das cizânias e de uma moral às avessas.

Em suma, são trabalhos que falam do médium, de sua visão das coisas, das pessoas, com o medianeiro incapaz, por ausência de *espiritualidade* legítima, de se apassivar, permitindo aos Guias sábios e benevolentes atuarem em fomento da caridade e da união, pela luz redentora.

Quando a personalidade se mostra muito forte e inflexível, mormente na abordagem política e de evidência pessoal ante o contexto espiritualizante, caracteriza-se o denominado *personalismo* que, muito pior que o *animismo*, deslustra o Ideal, gerando confusão e arbitrariedades.

Quantos, ante o chamado da razão e do bom-senso se rebelam, proclamando a liberdade de pensamento e de expressão? Obviamente, valem-se do livre-arbítrio, mas tantas vezes ocultando seus intentos pessoais e caprichosos por trás de nomes veneráveis, que jamais subscreveriam suas ideias, suas posturas e seus textos!

Muitos sensitivos surgem para a tarefa da mediunidade no Espiritismo, com marcas muito evidentes de seus vícios e complicações na política, na religião e em vários segmentos intelectuais do passado, o que sobrepesa o fluxo de sua movimentação espiritista.

A bem da verdade, suas manifestações são drenos do próprio psiquismo atribulado, tendencioso, em reajustamento cármico. Não obstante tumultuarem, tantas vezes, a marcha da Doutrina Consoladora nos corações, o tempo e a seriedade de muitos outros irmãos no trato com o Divino Paracleto fazem diluir suas propostas tendenciosas, que terminam sepultadas no esquecimento.

Nunca será demais recomendar amor à Causa Espírita-Cristã, que não pode ser confundido com amor à própria personalidade!

XXXIII

ANIMISMO

“Dessas explicações resulta, ao que parece, que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?”

— É passivo, quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica, mas nunca é inteiramente nulo. Seu concurso é sempre indispensável, como o de um intermediário, embora se trate dos que chamais médiuns mecânicos.”

(Questão de nº 10, item 223, cap. XIX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Nenhuma manifestação espiritual, ainda que sejam as de efeitos físicos, pode se dar sem que as almas dos médiuns participem de algum modo.

Não podemos perder de vista que somos, enquanto médiuns, co-participantes desse processo de entrosamento da Vida Espiritual com o Mundo Corpóreo.

O animismo, antes que problema, é componente imprescindível dessa mecânica de intermediação entre dois planos, pois as entidades do Astral necessitam utilizar as energias mais densas e a linguagem que são próprias aos homens, a fim de se revelarem inteligivelmente.

Quanto mais elevado o Espírito, mais ele domina todas as ciências terrestres; no entanto, para que ensine objetivamente, demonstrando seu saber e suas virtudes, próprios do Mais Alto, precisa se valer de um médium que tenha cultura e moralidade em bases razoáveis, pois, através desse

material, disponível no psiquismo do sensitivo, deixa derramar a espiritualidade que a Terra ainda não possui.

Portanto, o denominado *animismo*, que define a participação do médium nas manifestações, pode ser muito positivo, quando se evidencia por auxílio e coadjuvação ao Espírito comunicante. Por exemplo disso, citamos o conhecimento de línguas e as experiências trazidas de outras reencarnações pelo médium, que, em estado passivo ou de transe mais acentuado, ensinam ao habitante do Invisível a composição de peças psicográficas de reconhecido valor e originalidade.

Na feição negativa, o animismo torna-se problema por impedir os Espíritos de transmitirem, com precisão e inteireza, os seus pensamentos, o seu estilo. E isso ocorre quando o médium, deseducado e orgulhoso, se imiscui, conscientemente ou não, nos ditados e nas manifestações do Além, geralmente deformando-as com suas ideias fixas e vaidosas.

XXXIV

ESTUDO E PRÁTICA

“Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Dela decorre, como princípio, que o Espírito haure, não as suas ideias, porém, os materiais de que necessita para exprimi-las, no cérebro do médium e que, quanto mais rico em materiais for esse cérebro, tanto mais fácil será a comunicação.”

— Allan Kardec (Da Nota ao final do cap. XIX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

O discernimento do Codificador nos facilita em tudo o serviço maravilhoso da mediunidade espírita-cristã.

Recomendando, pela sua clareza e pela sua lógica, o que os Espíritos Erasto e Timóteo ensinaram sobre o papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam, podemos afirmar, graças à experiência já granjeada como médium na última reencarnação, que os “modismos”, as “adulterações”, os “achismos” e todas as posturas antidoutrinárias e, por isso, improdutivas, deteriorantes, têm por causa o desconhecimento e não aplicação do que *O Livro dos Médiuns* contém, como verdadeiro guia e insuperável orientação aos trabalhadores do Espiritismo.

Necessitamos compreender que os Espíritos precisam dos médiuns para o prosseguimento dos ensinamentos superiores, visando ao consolo e instrução dos semelhantes. E os médiuns, por sua vez, não estão convocados a exercerem nenhuma liderança em termos humanos, nem a

constituir galerias vaidosas e pseudo-superiores de serviço específico. Carecem todos eles, isso sim, de se instruírem, de praticarem com esforço e perseverança a Doutrina Consoladora, consoante nos foi entregue por Jesus: santamente.

O de que os Espíritos se valerão na constituição mediúnica para se comunicarem, é o material disposto em seu psiquismo, e esse material precisa estar revisado, limpo, ordenado pelas lições do Espiritismo e do Evangelho de Cristo.

XXXV

DIFERENÇA ENTRE MEDIUNIDADE E OBSESSÃO

“O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?”

— Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium.”

(Questão de nº 1, item 226, cap. XX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A faculdade mediúnica é neutra em si mesma. Radicada no organismo físico, que é preparado para tal função antes da reencarnação do Espírito, permite, por isso, a impressionabilidade nervosa e as especificidades que os espíritos bem conhecem nas sessões práticas.

Como faculdade que permite a pessoa ter acesso ao Invisível, não depende do moral desenvolvido para expressar-se. Haja vista que no Mundo tantos sensitivos têm-na utilizado inescrupulosamente, ou para acumular bens, para o que se prestam até mesmo em realizar obras de “magia negra”, ou para, leviana e irresponsavelmente, chamar a atenção sobre si, num embuste próprio da vaidade e do orgulho.

A qualidade mediúnica, porém, é consequência da moralização do médium. E, nesse caso, o sensitivo não apenas lança mão de sua prerrogativa para adentrar o Invisível, mas para revelar a *espiritualidade*.

Foi para esse fim, principalmente, que Allan Kardec realizou seus estudos e pesquisas, recebendo dos Espíritos Superiores os indicativos da

evolução e do progresso, denominando *médiuns* aqueles que prestam serviços dentro do que apregoa a moral cristã — o que nos induz a reconhecer, como consequência, que todos os desertores dessa correta utilização de suas faculdades são notoriamente obsidiados.

XXXVI

A LINGUAGEM DO BEM

“Se o médium, do ponto de vista de execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade.”

— Allan Kardec (Do item 227, cap. XX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Quando o Codificador proclama com acerto que o conhecimento prévio da Doutrina Espírita livra o médium e os experimentadores de decepções e até de obsessões dolorosas, isso significa que o Espiritismo, vindo do alto, é a luz espiritual e, por isso, educativa que faltava aos homens em seu afã de conhecer e progredir.

O conhecimento de ordem superior corrige os vícios humanos com lógica e sensatez, predispondo os candidatos ao intercâmbio espiritual à linguagem purificada e santificante do Astral Superior.

Faculdade mediúnica por si, sem preparação moral e até mesmo intelectual do médium, representará apenas a reflexão dos quadros de sofrimento e ilusão, de queda e perversão existentes nas zonas inferiores do Além.

A mistificação é muito comum entre os médiuns sem qualificação moral e sem instrução doutrinária. Essas mistificações podem ocorrer a título de prova e advertência, mesmo com os médiuns sérios e caridosos, que não auferem vantagens de qualquer ordem com a sua faculdade, mas

não impedem estes últimos de seguirem operando, então mais vigilantes e mais humildes, em sua missão espiritista.

Sem esse caráter libertador e evangelizante, a mediunidade continuaria a ser um instrumento de vaidade e perdição, como ocorrera com os libertos do jugo egípcio à época de Moisés, o que o obrigou — logo a ele, o grande profeta hebreu, que largamente se utilizou da mediunidade para dar novo curso à história humana — a proibi-la, impedindo, entre o seu povo, a prática da então denominada necromancia.

Com Jesus, que revela o amor e a caridade divina, a mediunidade é fonte do bem, para consolo e orientação efetiva da Humanidade terrena.

XXXVII

ZELO MEDIÚNICO

“Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. A que, porém, eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma.”

— Allan Kardec (Do item 228, cap. XX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

O orgulho é a nuvem pesada que impede o campo mental do indivíduo de receber a luz radiante de Deus.

O Codificador bem compreendeu os riscos que a mediunidade corre quando esse monstro de perversão e indiferença domina a alma do medianeiro, fascinando-o.

Assinala ele que a confiança cega do médium nas comunicações que recebe, que a crença dele na infalibilidade do Espírito que o guia e por ele atua, induzindo-o, tantas vezes, a tratar com desdém tudo o que não seja produto de sua lavra, de seu pensamento — a sua verdade, que ele teima em reconhecer por suprema e única — são provas inequívocas de sua alienação obsessiva. Explica Kardec que essa trama sinistra prossegue com o deslumbre desse tipo de médium pelos grandes nomes, que ele usa sem respeito algum e com sentimento de prestígio pessoal, afastando-se de todos aqueles que possam adverti-lo e aconselhá-lo ante o fato de estar sendo ludibriado. Tais médiuns não aceitam crítica alguma quanto ao que fazem ou recebem, defendendo ferrenhamente seus trabalhos. Apartam-se do bom-

senso, das instituições graves e até mesmo dos amigos, se se mostram contrários ao que ele pensa e quer.

E o que agrava ainda mais a situação deles, os médiuns orgulhosos, é a bajulação constante de pessoas pouco conhecedoras da Doutrina ou em nada sérias no trato com a Revelação Espírita, sempre lhe prestando, num atestado vivo de inconstância e ignorância, um tributo e um apoio indevido, destruidor.

O zelo mediúnico exige que os médiuns compartilhem seus trabalhos, pois vivendo em regime de comunhão com as entidades que dele se aproximam, jamais perceberão, dentro dessa “aura” vibratória, que se encontram equivocados, caso isso ocorra por ação sutil e declaradamente malévola dos adversários de nossa Causa Espírita-Cristã.

XXXVIII

OS MÉDIUNS CONFIÁVEIS

“Supor-lhe-emos, antes de tudo, uma grandíssima facilidade de execução, que permita se comuniquem livremente os Espíritos, sem encontrarem qualquer obstáculo material. Isto posto, o que mais importa considerar é de que natureza são os Espíritos que habitualmente o assistem, para o que não nos devemos ater aos nomes, porém à linguagem. Jamais deverá ele perder de vista que a simpatia, que lhe dispensam os bons Espíritos, estará na razão direta de seus esforços por afastar os maus. Persuadido de que a sua faculdade é um dom que só lhe foi outorgado para o bem, de nenhum modo procura prevalecer-se dela, nem apresentá-la como demonstração de mérito seu. Aceita as boas comunicações, que lhe são transmitidas, como uma graça, de que lhe cumpre tornar-se cada vez mais digno, pela sua bondade, pela sua benevolência e pela sua modéstia.”

— Allan Kardec (Do item 229, cap. XX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Para os que procuram, ante a faculdade mediúnica de que são portadores, o conforto das respostas e das sãs orientações a fim de que seu encaminhamento seja seguro e proveitoso, as advertências e ensinamentos acima nele encontrarão ressonância e positividade.

Os bons médiuns, definitivamente, são os que procuram, a todo custo, com o sacrifício de si mesmos, de sua personalidade tendenciosa, seguir segundo a vontade de Deus.

Com entendimento e tolerância saberão receber críticas e até agressões, sem, no entanto, afastarem-se do cumprimento de seus deveres

para com a consciência e para com o Espiritismo, aplicando, de coração, o que Jesus Cristo nos ensinou, conforme as narrações luminosas de “O Novo Testamento”.

Ante a tarefa que realiza o médium, principalmente, deve se preocupar, não com os nomes das entidades do Invisível que por ele escrevem e se manifestam, mas com o conteúdo de suas comunicações. Este é o dever dele e de todo espírita sério, chamados, por esse motivo, a dar expansão à Doutrina Consoladora pelos critérios do bom-senso e da lógica, visando ao bem geral.

O médium que compreende sua caminhada no Espiritismo não se descarta da qualidade em seus esforços pela intermediação da luz, ciente de que tudo o que vem do Alto é digno, correto, coerente, pacífico e espiritualizante.

É no exercício continuado da mediunidade que a personalidade do médium pode se imiscuir, deitando, pela sementeira medianímica que lhe é peculiar, as notas mais dominantes de seu passado, de suas experiências no Mundo. Por isso, a abnegação sintetiza tudo o que o médium confiável e bom deve conquistar com esforço persistente e vigilância doutrinária.

Quando sente, sem relaxamento da gravidade moral, que os ditados e as manifestações são graças do Pai a seus filhos, então o médium pode ser considerado confiável, porque se submete ao que o Evangelho nos ensina.

XXXIX

OS MÉDIUNS LEVIANOS

“Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, ideias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando. Certamente, podem eles dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis; mas, nesse caso, principalmente, é que um exame severo e escrupuloso se faz necessário, porquanto, de envolta com essas coisas aproveitáveis, Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e preconcebida perfídia, fatos de pura invencionice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção.”

(Do item 230, Dissertação de Erasto, cap. XX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A harmonia é própria da elevação e, no caso dos médiuns levianos, essa harmonia jamais existirá, por ausência de princípios morais sólidos.

A verdade é desfigurada por aqueles que vivem para seus gozos e prazeres, e quando tomam dela — a verdade revelada — alguma parte, sem dúvida é para compor alguma paródia, com que zombam dos mais crédulos e menos experientes.

O Espiritismo tem experimentado a injúria da mentira, das invencionices, das banalidades por parte de obras ditas mediúnicas e pela postura de médiuns e confrades desatentos, ocupados com suas vaidades e desejos puramente humanos, menos com a verdade ensinada pelo Mais Alto.

Quantos investimentos das trevas, dos Espíritos obsessores, inimigos do bem e da moral evangélica no Movimento Espírita!... Quantas mentes têm servido a essa onda tenebrosa, sem nenhuma reserva moral!... Quanta desfaçatez, quantas asserções falsas sobre a Doutrina, sobre a História, sobre personagens veneráveis... E tudo isso em nome de um progresso que visa, por artifício malévolo e habilidosamente calculado, a “superação” de Kardec, como se a Codificação do Espiritismo — lídima revelação do Alto — estivesse sujeita às mudanças comuns da cultura terrestre!

Querem, através das indisciplinas, do desrespeito, da violência verbal e postural, retirar do cenário humano a obra de Allan Kardec, a fim de manterem Jesus Cristo atado à cruz ignominiosa que as religiões dogmáticas e frias teimam em sustentar.

XL

CRITÉRIO INFALÍVEL

(...)“As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritos que trabalham isolados, para os grupos novos, ou pouco esclarecidos, visto que, nas reuniões onde os adeptos estão adiantados e já adquiriram experiência, a gralha perde o seu tempo a se adornar com as penas do pavão: acaba sempre desmascarada.”

(...)“Contra esse escolho terrível vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de serem, os diretores dos grupos espíritos, dotados de fino trato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos.”

(Do item 230, Dissertação de Erasto, cap. XX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

O Espírito Erasto, em extraordinária mensagem, resumiu a trama sinistra ou equivocada da influência pessoal do médium nos comunicados e da ação malévola de Espíritos levianos no campo fértil da III Revelação.

Sendo uma ciência, com desdobramentos filosóficos e de consequências morais, o Espiritismo requer dos adeptos a justa preparação, sem a qual o ilusionismo ensinará, aos despreparados, desilusões e desajustes, com viva influência sobre aqueles que os acompanham de perto,

na maioria das vezes dentro de uma credulidade cega e em tudo danosa, a raiar pela alienação intelecto-moral ou pelo fanatismo grotesco.

Com Allan Kardec, dentro dos critérios sensatos e lógicos que lhe são as mais altas credenciais como missionário de um novo tempo, qualquer estudioso da nova revelação poderá entender o papel dos médiuns estudando, em cada peça produzida ou manifestação, a sua possível influência, reconhecendo com facilidade o ensino de ordem superior e, naturalmente, o valor do trabalho no concerto geral da transformação humana.

Quanto mais os trabalhadores da Doutrina, nos centros espíritas e nas instituições representativas do Movimento, se dedicarem a desenvolver seus conhecimentos doutrinários, com sensibilidade evangélica, menos sofrerá o Consolador, que chegou ao Mundo proclamando a verdade para desmontagem da impostura, do erro, da mentira.

XLI

INFLUÊNCIA DO MEIO

“Nem sempre basta que uma assembleia seja séria, para receber comunicações de ordem elevada. Há pessoas que nunca riem e cujo coração, nem por isso, é puro. Ora, o coração, sobretudo, é que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; os que, porém, estão em más condições, esses se comunicam com os que lhes são semelhantes, os quais não deixam de enganar e de lisonjear os preconceitos.”

— Allan Kardec (Do item 233, cap. XXI, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Seriedade não deve implicar ausência de sentimento, sem cujo contributo as reuniões espíritas deixariam de receber o auxílio do Mais Alto, já que é pelo sentimento elevado — aquele que reverencia o bem, entre a humildade e a fraternidade — que os Espíritos Superiores a elas comparecem, como resposta de Deus a seus filhos sinceros, despretensiosos e submissos à Sua augusta vontade.

Encontram-se comumente, no meio espírita, aqueles que se fazem censores rígidos e impassíveis de tudo. Conhecem, à saciedade, a obra kardequiana e tantas vezes demonstram invejável cultura evangélica. No entanto, não têm parte com o Cristo redivivo no Consolador, porque se negam a exercitar os sentimentos, no amor espontâneo e leal a todos os que deles se aproximam.

Induzem-nos eles a recordar os clérigos executores da política romana, tanto quanto das religiosas insensíveis e impiedosas dos antigos

mosteiros, ocupadas em se fazer executoras de normas cruéis e anticristãs sobre mentes e corações fragilizados por uma época de treva e dor.

O de que mais necessita a Doutrina Espírita, a fim de que se projete sobre a sociedade como divina luz da Misericórdia, a consolar e guiar os homens, é do amor de quem a professa na fidelidade a seus ensinamentos, vivendo-a na caridade sem condições.

Quantos líderes e dirigentes, estudiosos, pesquisadores, têm confundido sisudez, rigidez e inflexibilidade sentimental com razão e bom-senso?!...

Para que o intercâmbio espiritual se estabeleça na Terra, os diretores, os coordenadores, os estudiosos da mediunidade, em se dedicando às sessões, não podem perder de vista a condição delicada e complexa dos médiuns, com suas necessidades múltiplas, impressões diversificadas, carências, anseios e receios. Em prol dos bons resultados, haverão de conjugar razão e sentimento, permitindo ao grupo a segurança de uma boa direção, como também o conforto de um agrupamento homogêneo, em que o envolvimento fraternal gere confiança mútua e bem-querer entre todos.

XLII

MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS

(...)“Sabeis que tomamos ao cérebro do médium os elementos necessários a dar ao nosso pensamento uma forma que vos seja sensível e apreensível; é com o auxílio dos materiais que possui, que o médium traduz o nosso pensamento em linguagem vulgar. Ora bem! que elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Tem ele ali palavras, números, letras, sinais quaisquer, semelhantes aos que existem no homem, mesmo o menos inteligente? Entretanto, direis, os animais compreendem o pensamento do homem, advinham-no até. Sim, os animais educados compreendem certos pensamentos, mas já os vistes alguma vez reproduzi-los? Não. Deveis então concluir que os animais não nos podem servir de intérpretes.”

— (Do item 236, Dissertação de Erasto, cap. XXII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Fugindo, graças ao estudo lógico da obra espírita, ao maravilhoso e ao sobrenatural, que a partir desta providência tornam explicáveis à luz dos novos conhecimentos revelados, a crença de que os animais podem se tornar médiuns de Espíritos cai por terra, sem sustentação racional.

Dotados de sensação, regidos que são pelo instinto, os animais, possuidores de uma alma embrionária, pois expressam, nessa condição, o Princípio Espiritual em marcha de progresso, podem e sentem a aproximação dos Espíritos que a eles queiram se revelar ou se fazerem notados. Mas, dar-lhes atribuição de médiuns, por isso ou por outros tantos fatos em que demonstram lapsos de inteligência, por condicionamentos

naturais à sua espécie e ao clima de domesticação a que se submetem, seria forçar, até de modo muito místico, seus atributos inteligentes, que são próprios do homem.

O Espiritismo surgiu no Mundo por providência de Deus, através de Jesus Cristo, a fim de fazer avançar a Humanidade, em bases de ciência e religiosidade pura.

Na análise do processo evolutivo, vamos encontrar o Princípio Inteligente em estágios nos reinos inferiores à condição humana; porém, tão-só nesta última condição — a de Espírito pensante — é que a mediunidade, consoante a entendemos e estudamos, pode se dar.

XLIII

O ESCOLHO DA OBSESSÃO

“Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a obsessão, isto é, o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fosse verdadeira criança.”

— Allan Kardec (Do item 237, cap. XXIII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Na mediunidade, o estado de obsessão significa a condição parasitária de um ou mais Espíritos inferiores sobre o médium, que por invigilância ou declarada viciação identifica-se com eles.

Não é por outro motivo que o sensitivo tem o dever de se instruir e de se resguardar moralmente, segundo o que propõe a Doutrina dos Espíritos — esta resposta celestial às necessidades humanas!

Sendo um escolho, ou seja, um perigo, uma dificuldade, a obsessão, que segundo o Codificador é um termo genérico, pois pode se classificada em três condições gerais — simples, fascinação e subjugação —, tem impedido os médiuns de potenciais positivos a trabalharem na seara da redenção terrestre, seja por temor ante síndromes psíquicas, que

estabelecem no médium dores e tormentas, fobias e até mesmo a misantropia, seja pelo motivo de se tornarem eles, médiuns, verdadeiros instrumentos da desordem e da leviandade, revelando doutrinas falsas a quem lhes dê ouvidos.

O estudo das obsessões, por isso, é capaz de forrar o candidato da mediunidade responsável a toda uma série de sofrimentos e decepções.

Nunca é demais afirmar que o Mundo Invisível se constitui de níveis evolutivos variados e as populações do Além, notadamente as inferiores, próximas dos homens, se comprazem e julgam mesmo necessitar da companhia e dos hábitos terrenos, o que as impulsiona a buscarem parceiros no Mundo. E como o médium é alguém que carrega suas tendências, permanecendo num plano existencial viciado pela cultura materialista e geralmente ignorante das coisas de Deus, se não se cuida, afiniza-se facilmente com os habitantes do Astral inferior, que neles lisonjearão e aguça-rão o que é tão comum e vicioso.

XLIV

OBSESSÃO SIMPLES

“Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber dos Espíritos sérios, ou dos afeiçoados.”

— Allan Kardec (Do item 238, cap. XXIII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Na condição de sensitivos a carregarem seus compromissos pretéritos com a Lei Divina, todos os médiuns estão sujeitos à obsessão simples, que representa até, no contexto de seu desenvolvimento e educação mediúnica, componente natural da vida a aferir ou a reajustar aqueles que assumem, numa doutrina como a dos Espíritos, a missão de se elevar, pelo serviço da verdade e do bem.

Ser incomodado, que é o caso da obsessão simples, implica a não concordância do médium, pelo menos imediata, com aqueles que nessa condição podem ser definidos por importunadores.

Sem dúvida é uma providência sábia da vida moral, a trabalhar concepções e sentimentos na individualidade mediúnica.

Semelhante assédio é constante na existência dos médiuns. O que se diferencia, à medida que os médiuns ganham experiência, é o fato de estes últimos se posicionarem mais firmemente pela execução da vontade de Deus.

Aos neófitos, aos iniciantes da mediunidade, os incômodos provocados pelos “contrários” ao seu trabalho, ao seu desenvolvimento e a si próprios podem fazê-los recuar, por medo das pressões sentidas, das ameaças que os obsessores deste gênero sempre fazem, com o intuito de impressionar negativamente. Contudo, não é perigoso, a não ser que o médium aceite o que esses Espíritos querem, pois na medida em que estudem, meditem, orem e procurem servir aos mais sofredores, de acordo com as lições do Evangelho, mais livres se sentem, alcançando a boa sintonia com os guias e benfeitores do Alto.

XLV

MÉDIUNS FASCINADOS

“A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso.”

— Allan Kardec (Do item 239, cap. XXIII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Causa arrepio, aos mais sinceros lidadores da mediunidade, a fascinação obsessiva, porque este gênero de obsessão determina a completa falência do médium, pela profunda dificuldade imediata de lhe fazer abrir os olhos para a cilada em que caiu, plenamente confiante de estar com a verdade.

Tanto é sério que não são os Espíritos importunos da obsessão simples que os levam a esse estado de inversão das coisas, mas as entidades adestradas nessa ordem de trama sinistra, muito ardilosas e profundamente hipócritas. O Codificador já advertia que termos como — caridade, humildade, amor a Deus — lhes servem como que de carta de crédito para

enganarem, além de seus médiuns, os que se deixam envolver e iludir por eles.

Este é um dos motivos por que os médiuns fascinados e seus grupos de seguidores, com o argumento de que o Movimento Espírita é antifraternial, problemático, vaidoso, descaridoso, fogem de pessoas estudiosas, sensatas, criteriosas com a Doutrina e também da confraternização com outras casas e instituições espíritas — o que é uma recomendação do Codificador, em prol da união e da qualificação dos espíritas.

Nesse estado de enfermidade psíquica, confundido com o exercício regular e saudável da mediunidade, os médiuns, já incapazes de responder a tudo com bom-senso e equilíbrio, isolam-se do meio, evitando censura e crítica, admoestações e conselhos. Passam a se bastar e tudo o que recebem publicam, sem nenhum critério, como perfeita e inquestionável contribuição à renovação do Mundo.

Em seus trabalhos, mescla-se a linguagem mais chula a textos consagrados. Nomes veneráveis do passado assinam, por eles, peças indignas até para um folhetim. Misturam com verdades doutrinárias e evangélicas as suas ideias pessoais e, com esta camuflagem bem urdida, minam a credibilidade do Espiritismo, tanto quanto a reputação de pessoas responsáveis e coerentes.

O próprio Allan Kardec declarou ter lidado com esse tipo de médium e, não raras vezes, teve que esperar o concurso do tempo, com paciência e fervor, para que o mal, produzido por eles, se destruísse a si mesmo, livrando a genuína obra da verdade e do bem desse joio tenebroso e infeliz.

XLVI

A SUBJUGAÇÃO

“A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos.”

— Allan Kardec (Do item 240, cap. XXIII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Os gêneros de obsessão se tocam, se não há providência para livrar o médium ou quem quer que seja dessa alienação moral, com efeitos práticos e dolorosos em sua existência.

As obstinações cegas, que obrigam uma criatura a repetir, sem razão, atitudes práticas sem fundamento, já anunciam a subjugação que se segue à fascinação.

Absurdos acontecem na vida social do Orbe patrocinados por este gênero de obsessão. Desde o fundamentalismo religioso, em que homens e mulheres, completamente enceguecidos e contrários à sã razão e à moral, se entregam a posturas, a hábitos e mesmo à própria destruição, com desassombrada coragem, até os excessos de cada atividade cidadã ou de sobrevivência no Mundo, encontramos a subjugação por efeito do domínio mental da individualidade por Espíritos desencarnados.

Necessitamos entender, à luz do Consolador, que esse processo de perversão da vida tem sua gênese no coração do obsidiado, que se permite obsidiar, ainda escravizado ao seu passado ou cultor viciado dos temas infelizes que terminam por submetê-lo completamente, atraindo os oportunistas ou adversários do Além.

Quantos casos avançam de uma existência a outra!... E não são poucos os que encontram algum apoio no Espiritismo, graças às suas práticas libertadoras, como os passes, os estudos evangélicos e as sessões de desobsessão; no entanto, mesmo assim, quantos seguem para a outra vida e requisitam outras encarnações de depuração e dor, para se curarem!

XLVII

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

“A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático.”

— Allan Kardec (Do item 255, cap. XXIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Se uma comunicação, recebida por um médium qualquer, tem um sentido geral e ensina de acordo com a moral evangélica e nada apresenta em desacordo com o que ensinam os Espíritos Superiores nas obras organizados por Allan Kardec, a assinatura que recebe do autor espiritual é uma questão secundária, sem muita importância.

Os Espíritos mais elevados, nas esferas de luz onde se aplicam à vontade de Deus, se fundem num mesmo sentimento de amor e tudo o que ensinam revela sua sabedoria, que é, nestas instâncias do bem, a riqueza comum.

Todavia, se estes Espíritos se apresentam com as peculiaridades que lhes marcaram a última ou as últimas existências corporais, naturalmente imprimirão algo de seu estilo, aí desenvolvido e firmado em obras realizadas, tornando as comunicações que deem a público, através de bons médiuns, muito peculiares.

Bezerra demonstrará sua benevolência inalterável, seu bom-senso, sua generosidade; Emmanuel, a sua sabedoria transcendente, profunda, a sua autoridade nos temas da vida, da História, da revelação cristã; Léon Denis, a poesia lírica e profundamente moral, numa filosofia ímpar, sublimante; Léon Tolstoi, a sensibilidade rara na composição dos dramas humanos, conjugando-os harmoniosamente na formação de inesquecíveis lições!... Cada Guia e cada Benfeitor se revelará por característicos próprios que os individualizam, não obstante versarem, trabalharem, se darem pelo mesmo ideal: o amor do Cristo, codificado nas páginas imortais de “O Novo Testamento”.

Mas, no que se reporta às comunicações particulares, o médium há que ganhar a estrada da experiência, para então lograr a filtragem mais segura dos Espíritos que buscam a renovação dos seus entes amados, consolando-os pela “perda” e indicando-lhes o caminho da imortalidade vitoriosa. Estes contarão suas histórias, seus dramas vividos, seus esforços, suas surpresas, numa sincera e até necessária confissão pública.

O universo da mediunidade a torna uma ciência desafiadora, requisitando gravidade e valor moral dos envolvidos, dos que a praticam, a fim de que não haja malogro, engano e até mesmo mistificação voluntária.

A identificação dos Espíritos é tema exigente, que impõe estudo e maturidade psicológica, vibracional. Tão-somente a experiência dota o dirigente e mesmo os médiuns da argúcia necessária, do tato refinado que sabe distinguir as sutilezas do psiquismo medianímico da bem urdida cilada que determinados Espíritos montam através dos incautos e dos ambiciosos.

A importância de se conquistar tal discernimento nasce da imperiosa preservação do acervo doutrinário espírita, com Allan Kardec e as obras consequentes ao seu labor, consideradas subsidiárias, sem olvidar, obviamente, os clássicos da Doutrina como Bozzano, Dénis, Delane, Aksakof e outros.

XLVIII

PROVAS POSSÍVEIS DE IDENTIDADE

“Ao passo que se recusam a responder a perguntas pueris e extravagantes, que toda gente teria escrúpulo em lhes dirigir, se vivos fossem, os Espíritos dão espontaneamente provas irrecusáveis de sua identidade, por seus caracteres, que se revelam na linguagem de que usam, pelo emprego das palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de suas vidas, às vezes desconhecidas dos assistentes e cuja exatidão se pode verificar. As provas de identidade ressaltam, além disso, de um sem-número de circunstâncias imprevistas, que nem sempre se apresentam na primeira ocasião, mas que surgem com a continuação das manifestações. Convém, pois, esperá-las, sem as provocar, observando-se cuidadosamente todas as que possam decorrer da natureza das comunicações.”

— Allan Kardec (Item 258, cap. XXIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A regularidade das comunicações enseja aos estudiosos e responsáveis pela análise das peças mediúnicas — e o médium nunca deve ser juiz exclusivo do que produz, a bem de sua carreira como intermediário — uma melhor avaliação delas, permitindo-lhes discernirem seus conteúdos, seus estilos e, naturalmente, a percepção da verdadeira identidade dos Espíritos que se comunicam.

O princípio é o mesmo da Natureza, já que o reconhecimento da verdade, nos fundamentos da vida, pede o estudo mais acurado e lúcido, mais sensato e lógico do material que brota do que não é aparente. As ciências se comportam assim.

O médium é alguém que capta de outras dimensões o que poderá ser útil e benéfico à Humanidade. Desse modo, seu labor mediúnico requer a participação de pessoas que pesquisam com seriedade e comprometimento moral, que analisam, que comparam, que inferem equilibradamente, em sintonia com as bases doutrinárias e com a seiva moral dos Evangelhos — tudo isso a bem da divulgação responsável.

As provas da identidade dos Espíritos que se comunicam são componentes muito valiosos, se se revelam com naturalidade e vigor, já que o Espiritismo é uma ciência experimental, com os médiuns por agentes desse mecanismo maravilhoso e imprescindível de revelação da Luz!

XLIX

DISTINÇÃO ENTRE BONS E MAUS ESPÍRITOS

“Já dissemos que os Espíritos devem ser julgados, como os homens, pela linguagem de que usam. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelas ideias, por uma imensidade de indícios, enfim, verificará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc.”

“Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que — a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado.”

— Allan Kardec (Do item 263, cap. XXIV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Um grande equívoco dos homens no trato com o Invisível tem sido a idolatria cega e a mitificação das entidades que se manifestam. Naturalmente, os Espíritos merecem respeito, até mesmo em nome da urbanidade que já conquistamos socialmente, e aqueles que se revelam verdadeiramente superiores, em conhecimento e moralidade, com mais razão inspiram admiração e reverência.

Atentar para a substância do que ensinam, para o modo com que ensinam e até para a forma com que se apresentam nas sessões significa conhecer-lhes a natureza, distinguindo os maus e oportunistas dos sinceros e caridosos mensageiros da Luz.

Muitos poderão estranhar nossa afirmativa quanto à forma, alegando que os comunicados se ressentem da cultura e dos hábitos do médium. Porém, mesmo através de um lavrador inculto — e por várias vezes a isso assistimos no Mundo, quando ainda encarnada —, os Guias mais elevados se revelavam sábios e benevolentes como são, superando, mesmo pela simplicidade do vocabulário do medianeiro, todos os seus acanhados recursos terrenos. Afinal, se o médium fosse, em todas as manifestações, o limite ou o contorno do intercâmbio, não existiria nele mediunidade, seria apenas alguém encarnado falando de si próprio.

Nesta transição em que o Planeta se encontra, com todas as dificuldades e levandades a fomentarem a irresponsabilidade e o descaso para com a educação, muitos Espíritos hipócritas, viciosos, pseudo-sábios e malfazejos têm-se imiscuído na vida e na tarefa de médiuns, de trabalhadores e até nos grupos espiritistas, que deles aceitam ditados e orientações de cunho duvidoso, contrários à Doutrina e ao Evangelho, simplesmente porque dotam suas palavras de termos religiosos ou cientificistas, pronunciando com pieguice ou pseudo-autoridade o nome de Deus, de Jesus, de Maria, sem apresentarem vibração à altura, e isso quando não imitam, vergonhosamente, os grandes benfeitores do Mais Alto, para mais facilmente enganarem os homens.

Muitas vezes, lançam mão de comunicados irreverentes, em que a crítica e a acidez, o julgamento e as comparações, em termos triviais, descaridosos, instigam os leitores a se indisporem contra pessoas, instituições e até mesmo contra o Espiritismo com Allan Kardec, sugerindo que se encontra ultrapassado, e às vezes até Jesus, vulgarizando-O como se Ele, o Senhor e Mestre, nada representasse no concerto universal.

Num ambiente social maculado pela violência e pelo desrespeito à vida, muito fácil se torna para os Espíritos contrários fascinare os médiuns desatentos, indisciplinados, desobedientes, tanto quanto para os grupos ciumentos, ambiciosos, orgulhosos de seus trabalhos, de suas equipes fazerem-se cultores de mensagens apócrifas, vazadas em superficialidade ou impregnadas do que é trivial, em expressões grosseiras, impróprias e indignas dos Espíritos mais esclarecidos e comprometidos com a Verdade revelada.

Assim, todo espírita sério e consciente, para se dizer capaz de realizar tarefas na mediunidade ou em sessões doutrinárias, não pode e não deve desconhecer o que os itens 267 e 268 de *O Livro dos Médiuns* ensinam.

L

DA ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

“Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação.”(...)

(...)“Nas reuniões regulares, naquelas, sobretudo, em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais que a elas comparecem, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, em virtude mesmo da regularidade das sessões.”(...)

— Allan Kardec (Do item 269, cap. XXV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A prece e o recolhimento dão o sentido religioso, devocional, aos trabalhos espíritas, quando o intercâmbio se estabelece mais fecundo e proveitoso, porque no clima do respeito e da veneração que devemos a tudo o que é sagrado.

Sempre que a oração invoque as bênçãos de Deus, a assistência de Jesus, dos bons Espíritos, o médium em trabalho específico ou a reunião de profíctos sinceros passa a merecer, com intensidade, o amparo do Alto, sob cuja influência o bem se patenteia de modo variável, segundo a necessidade e de acordo com as tendências morais dos envolvidos.

Nem sempre basta evocar um Espírito determinado para que ele se apresente ao médium ou na sessão espírita. Há que se considerar que, quanto mais elevado o Espírito, menos sujeito às nossas vontades ele permanece. E mesmo os mais atrasados podem estar impossibilitados de se fazerem presentes, às vezes em função de seu estado de perturbação expiatória, situados em zonas próprias a essa purgação, ou por ocupação

regenerativa nas instâncias de socorro e orientação das faixas espirituais também próximas do Globo.

Depende da intenção, do merecimento e da autoridade moral dos que se reúnem para o exercício da mediunidade consciente o fato de esta ou aquela entidade do Astral comparecer, de modo que, quanto mais elevado é o Espírito, com mais respeito e seriedade deve-se reportar a seu nome e à sua assistência.

Pelas características da missão especialíssima de Allan Kardec na codificação do Espiritismo, a governança espiritual do Orbe autorizou a manifestação dos Espíritos de toda condição hierárquica, a partir do que a Terra, através desse labor insólito, passou a conhecer as realidades múltiplas que aguardam os homens depois da morte.

LI

COMO TRATAR OS ESPÍRITOS

“Em resumo, tão irreverente seria tratarmos de igual para igual os Espíritos Superiores, quanto ridículo seria dispensarmos a todos, sem exceção, a mesma deferência. Tenhamos veneração para os que a merecem, reconhecimento para os que nos protegem e nos assistem e, para todos os demais, a benignidade de que talvez um dia venhamos a necessitar. Penetrando no mundo incorpóreo, aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento nos deve guiar em nossas relações com os que o habitam. Os Antigos, na sua ignorância, levantaram-lhes altares; para nós, eles são apenas criaturas mais ou menos perfeitas, e altares só a Deus se levantam.”

— Allan Kardec (Do item 280, cap. XXV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A superioridade, na Terra e com mais razão no Mundo Invisível, se impõe pela força de sua aquisição — em tudo moral. Por isso, quanto mais elevada esteja a criatura, mais ela merece, não em função de títulos ou insígnias exteriores, mas pelo seu valor espiritual, a reverência dos que permanecem aquém de seus méritos reconhecidos.

No Além, o poder dos Espíritos Superiores impõe, sobre todos os que ainda não alcançaram semelhante posição, uma submissão irresistível.

Numa analogia, podemos significar a tentativa da escuridão ante o fulgor radiante da luz ou mesmo da ignorância perante a sabedoria.

Tratar os Espíritos elevados como parceiros de lutas comuns seria levandade de nossa parte, tanto quanto seria estupidez considerar os

inferiores como guias e orientadores, numa atitude reverente que apenas neles incitaria o orgulho e a zombaria.

O discernimento, no trato com os Espíritos de diversas condições morais, diz respeito à nossa boa formação doutrinária no seio da revelação espírita.

Recordemos Paulo, o Apóstolo, quando afirma: “A quem tributo, tributo; a quem honra, honra; a quem glória, glória.”

LII

CURSO DE VIDA ESPÍRITA

“A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contacto com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, nos podemos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. Há egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos desgraçados. De que lhe serve obter delas comunicações de Espíritos de escol, se isso não o faz melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas?”

— Allan Kardec (Do item 281, cap. XXV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Há no Mundo quem se sinta superior pelo fato de receber comunicações de Espíritos mais elevados, o que já é indício de falência moral numa Doutrina que chegou à Terra para redimir os costumes viciosos e egocêntricos.

Indiscutivelmente, os Espíritos de condição superior têm a capacidade de revelarem, em seus ditados, princípios luminosos da vida, equações sublimes do Universo, abarcando, às vezes num golpe de vista, o que os mais simples e menos evolvidos levariam anos e anos para compreenderem e definirem moralmente. No entanto, suas lições não surgem para entretenimento ou vaidade dos médiuns e observadores, porque são

instrumentos divinos de indução à renovação moral dos homens, fomentando estados profundos de consciência.

A convivência fraterna e piedosa com os Espíritos sofredores, por isso mesmo, consolida, em termos práticos, vivenciais, a cultura filosófica da moral que os comunicados dos benfeitores expõem.

Os médiuns e todos os integrantes de um trabalho prático do Espiritismo aprendem muitíssimo quando se dispõem a ouvir e consolar os Espíritos sofredores, atormentados, revoltados e arrependidos dos seus atos anteriores. É, ao mesmo tempo, lição de vida espiritual e exercício de caridade cristã, beneficiando os dois lados da vida, num encontro oportuno que tão-somente uma doutrina divina poderia patrocinar, com segurança e seriedade moral.

Ainda aí, pelo intercâmbio com entidades elevadas e infelizes, observa-se o equilíbrio da vida, a Providência infalível de Deus, predispondo seus filhos em condições tão diversas a se ajudarem mutuamente!

LIII

O PODER DE UMA SESSÃO ESPÍRITA

“14º Reunidos em comunhão de pensamentos e de intenções, dispõem os homens de mais poder para evocar os Espíritos?”

— Quando todos estão reunidos pela caridade e para o bem, grandes coisas alcançam. Nada mais prejudicial ao resultado das evocações do que a divergência de ideias.”

“15º Será conveniente a precaução de se formar cadeia, dando-se todos as mãos, alguns minutos antes de começar a reunião?”

— A cadeia é um meio material, que não estabelece entre vós a união, se esta não existe em pensamentos; mais conveniente do que isso é unirem-se todos por um pensamento comum, chamando cada um, de seu lado, os bons Espíritos. Não imaginai o que se pode obter numa reunião séria, de onde se haja banido todo sentimento de orgulho e de personalismo e onde reine perfeito o de mútua cordialidade”.

(Questões extraídas do item 282, cap. XXV, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

O principal obstáculo de uma sessão prática espírita, em que se intenta receber o auxílio superior, seja para colher orientações e ensinamentos dos mais elevados Espíritos ou também para ajudar os sofredores desencarnados, é o interesse pessoal, filho do egoísmo, que impõe aos médiuns e demais componentes da reunião uma ideia errônea de seu papel, predispondo-os a resistências quanto ao grupo, quanto a pessoas presentes no grupo, quanto à natureza da tarefa a que se entregam. Esse

comportamento — em nada cristão — quebra a corrente de pensamentos no bem, que viabilizaria o serviço de intercâmbio em bases legitimamente fraternais, consoante os ensinamentos da Codificação.

Quando Allan Kardec assinala a importância do conhecimento prévio da Doutrina por providência imprescindível àquele que se inicia no Espiritismo, enuncia uma verdade inquestionável. Tem ela por objetivo preparar o candidato às sessões práticas, a partir da renovação de suas ideias, de seus hábitos humanos, a fim de que, sentindo verdadeiramente o que seja a caridade proposta pelo Alto, fuja por si mesmo, com disciplina e consciência, a todo sentimento egoísta, vaidoso e personalista.

Sem humildade não há colheita de bênçãos superiores, porque a inconformação, os ciúmes, as disputas, as mágoas, a inveja e o despeito — ainda que inconfessáveis — formam um campo vibratório avesso às manifestações de ordem proveitosa e elevada, impedindo mesmo o auxílio possível de ser prestado a tantas entidades perdidas, sofredoras, atormentadas, que anseiam por uma “tábua de salvação” dentro do quadro infeliz e de incertezas em que vivem.

Quando os encarnados se reúnem sob os auspícios do Espiritismo Cristão e buscam esquecer suas diferenças, seus desejos humanos, suas frustrações e revoltas, para entregarem seus corações a Deus, maravilhas acontecem, porque o Senhor a todos gratifica com luzes e dádivas imortais!

LIV

O QUE ESPERAR DOS ESPÍRITOS

“Imaginal um homem grave, ocupado em coisas úteis e sérias, incessantemente importunado pelas perguntas pueris de uma criança e tereis ideia do que devem pensar os Espíritos superiores de todas as futilidades que se lhes perguntam.

Não se segue daí que dos Espíritos não se possam obter úteis esclarecimentos e, sobretudo, bons conselhos; eles, porém, respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem, o interesse que nos têm, a afeição que nos dedicam e, finalmente, o fim a que nos propomos e a utilidade que vejam no que lhes pedimos.”

— Allan Kardec (Do item 286, cap. XXVI, II parte, de O Livro dos Médiuns)

Obviamente não nos ocuparemos aqui das frivolidades que, de bom grado, são atendidas pelos Espíritos inferiores, fascinados, mesmo no Além, com os costumes e hábitos vulgares dos homens. Eles falarão de tudo, discorrerão sobre o que não conhecem, predirão acontecimentos, prometerão riquezas e amores, sucessos e êxitos, confundirão os crédulos e maldirão os sérios, os dignos, os responsáveis. Quem quer que seja que a eles dê crédito, a muitas decepções e desencantos se candidata. Não fosse assim, a Terra não necessitaria dos esclarecimentos objetivos e sensatos que o Alto a ela enviou através dos Espíritos Superiores, com o auxílio decisivo de Allan Kardec.

Dos Espíritos se podem esperar lições preciosas, relatos vivos de sua condição moral, desde que, todos aqueles que a eles se dirijam com o intuito de aprender e se instruir, não se iludam com milagres e facilidades materiais, pessoais.

A segurança dos ensinamentos mais profundos e abrangentes somente a encontraremos com um bom crivo, formado a partir do estudo das obras basilares do Espiritismo, como igualmente no estudo das lições de Espíritos mais elevados, dadas em ambientes sérios e através de médiuns idôneos, que não se permitam os modismos deturpadores da mensagem superior e as ambições degradantes do caráter, frontalmente contrários à estrutura doutrinária do Consolador.

Perguntar aos Espíritos sobre a vida física e espiritual, sobre a Terra, sobre o passado e até mesmo sobre o futuro, sobre possíveis soluções a dramas existenciais, arrolando temas cujos efeitos morais enriqueçam, conscientizem, eduquem, é pertinente porque revelam bom-senso, respeito, reverência, bem distantes da condição materialista, utilitária, interesseira, vulgar.

Quando, a sós ou em atividade num agrupamento espírita, médiuns e aprendizes outros se dirigem aos Espíritos para satisfação de suas curiosidades exclusivistas ou para atendimento de seus apetites vaidosos excêntricos — próprios de quem se apresenta muito raso em termos de entendimento da vida universal —, tão-somente receberão, da parte de Espíritos mentirosos que se ocupam desses temas, respostas à altura de suas ilusões.

LV

DAS CONTRADIÇÕES NOS ENSINOS

“Das causas seguintes podem derivar as contradições que se notam nas comunicações espíritas: da ignorância de certos Espíritos; do embuste dos Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário do que disse algures o Espírito cujo nome eles usurpam; da vontade do próprio Espírito, que fala segundo os tempos, os lugares e as pessoas, e que pode julgar conveniente não dizer tudo a toda gente; da insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo; da insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito expressar todo o seu pensamento; enfim, da interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou a uma explicação, segundo suas ideias, seus preconceitos, ou o ponto de vista donde considere o assunto. Só o estudo, a observação, a experiência e a isenção de todo sentimento de amor-próprio podem ensinar a distinguir estes diversos matizes.”

— Allan Kardec (Nota ao final do item 302, cap. XXVII, II parte,
de *O Livro dos Médiuns*)

Num mundo onde a diversidade de posições evolutivas predomina, encontraremos múltiplas interpretações acerca da verdade ensinada pelos Espíritos Superiores. O que muitos julgam ser contradições da parte dos Espíritos, mais não é que influência do meio, dos médiuns, da cultura onde os ditados surgem. São acessórias, no dizer do Codificador, as questões que tanto provocam discussão e até dissensões no Movimento Espírita.

Há que se considerar, ante o acervo kardequiano, que nenhuma revelação espiritual, por mais impressionante pareça, poderá fugir ao que o Espírito de Verdade, através da plêiade que o representa, ensinou e que foi tão bem emoldurado pelo ilustre organizador da obra, a bem da posteridade humana. Tudo, sem exceção, para se legitimar, não poderá fugir aos princípios espíritas que fundamentam a Nova Era e sobre cujo alicerce indestrutível a moral evangélica triunfa, iluminando corações e fazendo transbordar o espírito divino sobre todos.

Não se pode perder de vista que o Espiritismo, em sua base, chegou ao Mundo para guiar os homens em sua busca da verdade, do bem, da perfeição. Não será uma opinião, uma revelação sensacionalista, tendenciosa, um parecer isolado, incoerente e sem vinculação com a Doutrina, que abalarão os fundamentos da regeneração humana, já implantados na Terra pelos Mensageiros do Cristo!

LVI

DAS MISTIFICAÇÕES

“A astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo o que se possa imaginar. A arte, com que dispõem as suas baterias e combinam os meios de persuadir, seria uma coisa curiosa, se eles nunca passassem dos simples gracejos; porém, as mistificações podem ter consequências desagradáveis para os que não se achem em guarda. Sentimo-nos felizes por termos podido abrir a tempo os olhos a muitas pessoas que se dignaram de pedir o nosso parecer e por lhes haveremos poupado ações ridículas e comprometedoras.”

— (Da Nota ao final do item 303, cap. XXVII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A sabedoria dos ensinamentos contidos no item 303 não deixa dúvida a quem procure o Espiritismo para se fortalecer espiritualmente. A questão das mistificações está definitivamente equacionada, pois a missão da Doutrina Espírita então se patenteia: melhoramento moral da Humanidade. Tudo, portanto, que fuja à tarefa de “guiar os homens com segurança no que a eles possa ser útil para o outro mundo”, foge ao que o Espiritismo pode e deve oferecer a todos.

As mistificações têm o fim de experimentar a perseverança dos verdadeiros adeptos e de punir os que fazem do Espiritismo objeto de divertimento, de atendimento de suas paixões.

Por isso, buscar tesouros e fontes de riqueza material, impressionar-se ante predições com data marcada, deslumbrar-se pelos nomes que os

Espíritos tomam para ensinar o que está explicitamente contrário ao que viveram e ensinaram quando encarnados, aceitar teorias e sistemas científicos ousados, fugindo ao objetivo moral do Consolador — tudo isso, que foge ao bom-senso, à missão real do Espiritismo, é evidente sinal de mistificação.

LVII

MÉDIUNS INTERESSEIROS

“Médiuns interesseiros não são apenas os que porventura exijam uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte, sobre as quais se fundem esperanças pessoais. É esse um dos defeitos de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem tirar partido e de que se aproveitam com uma habilidade, uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com falaciosas ilusões os que desse modo se lhes colocam sob a dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos a combatem; a ninguém, portanto, assiste o direito de supor que eles o venham servir. Isto é tão racional, que inútil fora insistir mais sobre este ponto.”

— Allan Kardec (Item 306, cap. XXVIII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Somente os que já se desiludiram do materialismo é que poderão, exatamente por não se alimentarem dos interesses mesquinhos, alcançar, pelo sentimento elevado, as conotações morais da mediunidade, de acordo com as lúcidas e judiciosas advertências de Allan Kardec.

O interesse pessoal é o clima próprio do egoísta, daquele que utiliza seus dons, sua inteligência, seus estudos mesmo, tão-somente para alcançar seus objetivos na existência, tantas vezes com desprezo ou indiferença à moral cristã, tanto quanto ao seu futuro espiritual após a morte.

Mas compreendemos, principalmente nos mais empolgados, geniosos, mais senhores de si, os resvalamentos, as deserções pela invigilância, já que terminam por confundir sua personalidade forte, impositiva, criadora ou fagueira com o que é próprio dos Espíritos e, naturalmente, da Doutrina.

A carência humana, em todos os sentidos, pode induzir um médium a se “vender” por preço de traição, consoante ocorrera com Judas Iscariotes. E o resultado não será tão diferente daquele que infelicitou o discípulo de Jesus, pois negligenciar ou perverter um dom divino, a nós concedido para redenção pessoal, significa abortar moralmente a reencarnação.

Portanto, que os médiuns sejam autênticos e sinceros na aplicação do bem, sem alimentarem interesses escusos, camuflados. Que fujam de encantamentos, de projeções forçadas, das pretensões tão comuns aos iludidos das posses, dos títulos, das posições sociais, da verdade. Este é o roteiro de seu êxito no Espiritismo cristão!

LVIII

VERDADE LIBERTADORA

“Não ignoramos que a nossa severidade para com os médiuns interesseiros levanta contra nós todos os que exploram, ou se veem tentados a explorar essa nova indústria, fazendo-os, bem como de seus amigos, que naturalmente lhes esposam a opinião, encarniçados inimigos nossos. Consolamo-nos com o nos lembrarmos de que os mercadores expulsos do templo por Jesus também não o viam com bons olhos. Temos igualmente contra nós os que não consideram a coisa com a mesma gravidade. Entretanto, julgamo-nos no direito de ter uma opinião e de a emitir. A ninguém obrigamos que a adote. Se uma imensa maioria a esposou, é que aparentemente a acharam justa; porquanto, não vemos, com efeito, como se provaria que não há mais facilidade de se encontrarem a fraude e os abusos na especulação, do que no desinteresse. Quanto a nós, se os nossos escritos hão contribuído para desacreditar, assim na França, como em outros países, a mediunidade interesseira, entendemos que esse não será dos menores serviços que tenhamos prestado ao Espiritismo sério.”

— Allan Kardec (Item 313, cap. XXVIII, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

Todo aquele que, ante os fenômenos espíritos, move-se pelas ambições tão comuns à Terra, calculando vantagens que daí possa auferir, não concordará jamais com tudo o que ensina o Codificador do Espiritismo, em perfeita reprodução do que o Alto nos trouxe.

Allan Kardec, nas obras que deu a lume e que inauguraram no Mundo a era do Espírito, da regeneração humana, representa o golpe definitivo sobre o interesse pessoal, sobre todas as artimanhas que nascem dos

egoístas, inclusive a do orgulho que noticia a fascinação obsessiva de uma alma.

A lógica impõe o que o preclaro organizador da Terceira Revelação ensina aos médiuns e aos profitentes do Consolador.

Naturalmente, cada um dispõe do seu livre-arbítrio para fazer de suas faculdades o que desejar ou mesmo para cultivar o que os Espíritos de diversas condições evolutivas propõem; todavia, a advertência do bem e da luz está entre os homens como providência de Deus a sinalizar, aos sérios e comprometidos com a verdade, o rumo efetivo da evolução, a partir de sua edificação moral-espiritual.

A Doutrina Espírita, como foi entregue por Allan Kardec aos homens, caminhará com a integridade de suas bases harmoniosas e seguras, pois, a par dos obcecados pela posse transitória, pelo gozo irresponsável e egoísta, e também de todos os vaidosos e iludidos por bagatelas, encontramos o número avultado dos sinceros, dos abnegados, dos humildes, professando o que recebemos do Codificador, a serviço de Jesus!

LIX

SALVAGUARDA DO MÉDIUM

“Nunca será demais repetir: aí se encontra não somente um tropeço, mas um perigo; sim, verdadeiro perigo, dizemos. O único meio, para o médium, de escapar-lhe é a análise praticada por pessoas desinteressadas e benevolentes que, apreciando com sangue frio e imparcialidade as comunicações, lhe abram os olhos e o façam perceber o que, por si mesmo, ele não possa ver. Ora, todo médium que tem esse juízo já está no caminho da obsessão; aquele que acredita ter sido a luz feita exclusivamente em seu proveito está completamente subjugado. Se toma a mal as observações, se as repele, se se irrita ao ouvi-las, dúvida não cabe sobre a natureza má do Espírito que o assiste.”

— Allan Kardec (Do item 329, cap. XXIX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

A obra dos Espíritos através de um médium tem objetivos mais amplos, que dizem respeito à moralização dos homens. Por isso, o médium, enquanto instrumento dos habitantes do Invisível, não tem o direito de se esquivar, na condição de espírita, dos grupos sérios e das pessoas capacitadas intelectual e moralmente a analisarem o produto de seu trabalho na mediunidade.

Esta providência, que visa ao seu bom encaminhamento moral no serviço que ainda é novo e desafiador na Terra, assegurar-lhe-á o equilíbrio próprio, tanto quanto o livrará das inúmeras armadilhas que lhe serão preparadas pelos Espíritos enganadores, pseudo-sábios, inimigos dele próprio ou da Causa que abraçou.

A veemência com que Allan Kardec expõe a necessidade de se acompanhar o médium em seus trabalhos específicos nos obriga — aos médiuns e demais profitentes do Espiritismo — a considerar a obra que esta Doutrina está realizando em favor da Humanidade, e, por isso mesmo, não nos é dado o direito de falar ou divulgar as peças mediúnicas sem atentarmos para estes critérios tão justos e sensatos, que a prática confirmou.

Buscar o auxílio dos que estudam com gravidade e já dispõem de experiência no Espiritismo é, acima de tudo, uma providência salvadora para os médiuns que se declaram verdadeiramente espíritas e comprometidos com a moral cristã. Sem isso, o perigo é iminente e destruidor!

LX

A REUNIÃO ESPÍRITA

“Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for. Se se houver compreendido bem o que foi dito (n. 282, pergunta 5), sobre a maneira por que os Espíritos são avisados do nosso chamado, facilmente se compreenderá o poder da associação dos pensamentos dos assistentes. Desde que o Espírito é de certo modo atingido pelo pensamento, como nós somos pela voz, vinte pessoas, unindo-se com a mesma intenção, terão necessariamente mais força do que uma só; mas, a fim de que todos esses pensamentos concorram para o mesmo fim, preciso é que vibrem em uníssono; que se confundam, por assim dizer, em um só, o que não pode dar-se sem a concentração.”

— Allan Kardec (Do item 331, cap. XXIX, II parte, de *O Livro dos Médiuns*)

De todo o trabalho que associou o Mundo Espiritual e o Mundo Corpóreo, com Allan Kardec por organizador ou sistematizador do que resultou desse sublime encontro, herdamos a obra espírita por fundamento de um tempo novo na Terra.

Por intermédio dessa obra — fruto de experimentação criteriosa e séria, numa providência sem igual —, alcançamos a regularidade das reuniões em que as estudamos e, por isso, geramos um “campo vibratório” favorável aos comunicados, aos ensinamentos, à assistência mútua — ora dos

Espíritos elevados sobre os homens, ora dos homens, guiados pelos mentores do Além, sobre entidades sofredoras, atormentadas, viciosas.

A Revelação Espírita, sedimentada no Mundo, oferece a todos os habitantes do orbe terreno a mais genuína vivência espiritual — aquela que Jesus Cristo inaugurou no Planeta e que se constitui de almas, encarnadas e desencarnadas, em busca de Deus, recebendo dEle as bênçãos, através do recolhimento, das orações, do aprendizado superior, do exercício dos bons sentimentos que o Seu divino amor sempre nos inspira!

A reunião espírita, por isso, é o porto seguro de quem alcançou o patamar da fé raciocinada. Por ser ela regular, séria e fraternal, os médiuns aí encontram a dignificação de suas faculdades, o encaminhamento justo de seus dons, a prestação de serviços úteis e caridosos.

Quando tantas dores e conflitos se abatem sobre a Humanidade, uma reunião espírita, em que a moral evangélica dá o tom do equilíbrio e do comprometimento com a Verdade, unindo os corações, encontramos de vez e para sempre o rumo salvador, a resposta de Deus a todos!